

MARE NOSTRUM
Paranã Tipi

copyright Hedra
edição brasileira© Hedra 2019
primeira edição Primeira edição
edição Jorge Sallum
coedição Felipe Musetti
assistência editorial Luca Jinkings e Paulo H. Pompermaier
consultoria literária Luisa Purchio
capa Ronaldo Alves

ISBN 978-85-7715-599-6

corpo editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Oliver Tolle,
Renato Ambrosio,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Silvio Rosa Filho,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

MARE NOSTRUM
Paranã Tipi
Fabio Atui

1ª edição

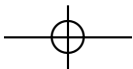
hedra

São Paulo_2019



*Aos meus colegas voluntários dos Expedicionários
da Saúde, que tantas histórias viveram
comigo, algumas delas contadas neste livro.*

*E à Luisa Purchio, pela paciência infinita e pelas
incontáveis intervenções até chegar ao texto final.*



O rio não quer chegar a lugar algum, só quer ser mais profundo.

Guimarães Rosa

Quase tonta e deixando para trás a salva de palmas abafada pela grande porta de madeira, Dani saiu da sala de reuniões da diretoria da faculdade e deu de cara com Theo.

“Você também foi chamado?”

“A nota da minha prova não saiu no mural, pelo visto também vou ganhar um reconhecimento”, disse ele olhando para a placa com o símbolo da faculdade no estojo de veludo verde que ela trazia nas mãos. Desde que terminaram o namoro, cerca de dois anos atrás, eles não haviam tido muita chance de estar sozinhos. Ele estava todo fortinho e com uma postura confiante, mas surpreendentemente ela não se sentia atraída por ele, alguma coisa não combinava.

“Vejo que foi homenageada.”

Dani abriu um sorriso e começou a contar sobre como sua trajetória acadêmica havia sido louvada pelos eméritos professores há poucos minutos, mas Theo nem a deixou terminar.

“Como você conseguiu acertar o diagnóstico da prova, Dani?”

“Não acertei. Não dava para acertar.”

“E você foi homenageada mesmo assim?”

Dani era muito sensível e detectou certa dose de desdém na voz de Theo.

“É só um reconhecimento, Theo. Você vai na festa hoje?”

Dani tentou mudar o assunto, mas acabou entrando em um ainda pior.

“Claro, como convidado especial. Vou comandar o som a partir da meia-noite.”

Ele se entusiasmou enumerando as festas que havia tocado e para outras que havia sido convidado, e começou a explicar as dificuldades que estava tendo para encaixar todos estes eventos em sua concorrida agenda. Quanto mais Theo falava, mais ela se lembrava por que o relacionamento entre os dois não havia dado certo.

Com tristeza, entendia também seu afastamento do velho grupo de amigos. Quanto mais sucesso ele achava que fazia, menos se identificava com os assuntos da turma, menos glamorosos, mas sem dúvida mais profundos e consistentes.

No fundo, Theo não era assim, mas a vastidão do mundo que se abriu o seduziu, e, além disso, ele dava suas escorregadelas usando o mare nostrum em causa própria com alguma frequência, mesmo com as recomendações do seu mestre para que não transformasse a navegação em um instrumento vulgar para tirar vantagens pessoais.

Ele era bom naquilo. Excelente aprendiz, se tornou em pouco tempo um dos melhores navegadores já vistos, e acessava como ninguém a enorme fonte de conhecimento da humanidade. Isto mudou sua vida: logo conquistou a fama e até a conta bancária que sempre sonhara, consequência dos investimentos que fazia no mercado financeiro após ter acesso a informações privilegiadas.

Theo foi se afastando cada vez mais do cara que era antes, mas não era sua mudança que incomodava Dani, nem o fato de não saber direito o que havia acontecido. Antes fosse. O que a deixava triste, mesmo, era ver um cara legal se apegar a coisas tão superficiais. Será que ela o havia avaliado mal inicialmente e ele nunca havia sido mais que um idiota?

“E você, Dani. Vai na festa?”

A pergunta a trouxe de volta para a realidade.

“Não, nunca gostei desses eventos. Aliás, nem você. Quando você aprendeu a ser DJ?”

“Aprendi por aí... Você deveria ir na festa, vai ser muito legal.”

“Prefiro ir com o pessoal no bar.”

Dani começou a explicar o novo trabalho de Mayara e como a amiga morria de medo de atravessar sozinha a escura sala de manutenção, mas Theo não prestava atenção em mais nada do que ela falava. Seu celular apitou mostrando que havia algo errado com seu pai, e Theo abriu o aplicativo para checar o problema. Gastou uma fortuna com as câmeras e o sistema de controle, mas assim podia cuidar de tudo à distância. Com apenas um toque, aumentou a temperatura do ar-condicionado do quarto que tinha abaixado demais e acionado o alarme. Sem entender nada e muito irritada, Dani, achando que ele estava respondendo alguma mensagem ou apenas checando alguma rede social, parou de falar e o encarou querendo matá-lo.

“Senhor Theo, por favor.”

A secretária veio chamá-lo. Theo despertou em um pulo, alinhou a gravata e, sem nem ao menos se despedir de Dani, entrou no grande auditório sendo recebido por

não menos que Eurípedes Carvalhosa, o diretor e a figura mais respeitada da faculdade.

“Theo, você sempre foi um aluno brilhante dessa ilustre casa. E nós já te homenageamos à altura. Nessa ocasião, no entanto, não são méritos que justificam essa convocação. Queira sentar-se, por gentileza.”

Surpreso e sem saber para onde aquilo ia levar, Theo engoliu seco, olhou para a cadeira separada especialmente para ele, posicionada de frente aos professores, e se sentou. Acomodados nas bancadas de madeira entalhada, eles o observavam em silêncio. Ao fundo, o professor Alcântara franzia a testa mirando o infinito, recostado nas altas cortinas de veludo verde. Theo não entendeu por que seu mestre, que abriu a porta para esta sua nova vida, com quem se aventurou tantas vezes no mare nostrum, estava tão distante e não o preparou para aquele momento.

“Existe uma forte suspeita de fraude na sua prova, Theo. É de se saber que condutas como essa são claramente repudiáveis pelo Código de Honra de nossa instituição.”

Os outros professores começaram a murmurar e se levantaram com a cópia da avaliação de Theo na mão.

“Como você acertou esse diagnóstico?”

“O caso é complicadíssimo. Tal dedução não é possível, não com as informações fornecidas.”

“Perguntou-se o diagnóstico para que fosse dito que era impossível a apuração desta informação.”

“Só eu tive acesso a esse caso, ninguém mais poderia saber a resposta.”

“O rapaz só pode ter tido informações privilegiadas. Como as conseguiu?”

“Acalmem-se, ilustríssimos professores. Sentem-se, por gentileza. Theo, nenhum outro aluno acertou o diagnóstico do paciente, mas esse era o ponto menos importante da questão. Observe a resposta da Daniela, como ela descreve minuciosamente os sintomas do paciente, as hipóteses diagnósticas e intervenções. Esse é nosso papel, somos condutores de descobertas, não deuses oniscientes. Você me entende?”

Theo grudou na cadeira e não conseguiu pronunciar uma palavra. Lembrou-se do dia da prova final, quando sentiu-se oco ao se deparar com a principal pergunta da avaliação. Ele não havia estudado nada, mas como iria arrumar tempo para estudar com tanta coisa para fazer? A tentação foi forte demais e, mais uma vez, não resistiu. Fechou os olhos e em poucos segundos estava na mente do professor responsável pela prova, lendo o prontuário que ele estudou para criá-la.

“Talvez você não tenha conseguido assimilar o verdadeiro significado de ser médico, Theo. Sentimos orgulho de acertar diagnósticos e realizar procedimentos, mas esses são apenas detalhes deslumbrantes da profissão. Que prioridade você teria dado ao paciente desta prova? Que perguntas teria feito àquele que entrou no consultório esperando falar de suas dores e ser ouvido? Você acha que seria capaz de fazer seu paciente se sentir acolhido e protegido? Na medicina, assim como na vida, caminhar junto tem muito mais valor que apenas mostrar onde se deve chegar.”

Theo ficou vermelho e os velhos professores começaram a falar novamente.

“Quem trapaceia numa prova não pode ser chamado de filho dessa casa.”

“Por que não faz o sexto ano novamente?”

“Você não vai se formar.”

Alcântara finalmente reagiu, se levantou e pediu a palavra, para surpresa de Theo.

“Senhores, este é de fato um episódio lamentável. Conheço, no entanto, a retidão desse aluno. Não creio que privá-lo de ser médico repare seus pequenos desvios de conduta. Terá também pouco efeito submetê-lo a um ano estudando o que já estudou. Afinal, como podemos esperar um resultado diferente se não mudarmos os coeficientes? Proponho algo diferente.”

Theo se recostou ainda mais na cadeira e estranhou o tom de voz quase irônico de seu mestre, receoso em saber onde esta conversa iria chegar.

“Vamos colocá-lo em um laboratório vivo e dar a ele a oportunidade de vivenciar a medicina na sua forma plena. Um lugar em que o cuidar seja aplicado na totalidade da sua palavra. Conheço uma equipe de médicos que atua em uma tribo indígena em plena floresta, onde ele não pode se distrair com a vastidão de informações desse mundo – neste momento encarou Theo –. Vamos mandá-lo para a Amazônia.”



Theo chegou em casa chutando os móveis. Deu uma checada rápida em seu pai, agora bem mais confortável com toda parafernália tecnológica que dominava metade do novo apartamento.

Ainda estava irritado demais, e a pequena escultura que ganhou de seu mestre, colocada no centro da prateleira de seu quarto, parecia zombar dele. Como Alcântara teve coragem de fazer uma proposta como aquela e nem se dar ao trabalho de procurá-lo depois da reunião? Theo pegou a escultura e colocou dentro de um baú de coisas velhas, decidido que, nem arrastado, seria levado para o meio do mato.



Theo embarcou em São Paulo, fez uma conexão em Brasília, passou uma noite em Manaus e só depois embarcou em um voo regional para pousar em um pequeno aeroporto que surgia num clarão em meio à imensidão verde da floresta, junto a um alargamento do rio onde as águas escuras dos afluentes do rio Negro se tornam mais rápidas, tormentosas e cheias de espuma. Finalmente São Gabriel da Cachoeira, a capital indígena do Brasil.

Como foi acabar em uma situação como esta? Ainda estava tentando entender aquele aeroporto tão simples quando foi surpreendido por um funcionário do departamento federal que cuida da saúde indígena, que o esperava junto com uma moça de cabelos castanhos escuros enrolados.

“Prazer, eu sou o Hernany, sou o coordenador desta área. Essa é a Fernanda, dentista, que vai ser sua parceira.”

Fernanda nem tirou o fone de ouvido que usava, apenas acenou e, alguns segundos depois, estava desligada da conversa novamente. Eles embarcaram em uma caminhonete e em pouco tempo estavam em uma estrada esburacada.

“Faz tempo que você trabalha aqui, Hernany?”

“Já trabalhei muito em área indígena, mas cheguei aqui há pouco tempo, eu nasci em Belém. E você, por que resolveu atender nessas bandas?”

“Eu vim para pegar um pouco mais de experiência.”

“Tá certo. Mas você veio porque quis ou te mandaram?”

“Eu vim porque eu quis”, disse, após gaguejar.

“Hm... isso é bom. Eu trouxe a carga para vocês com os insumos básicos, tem gasolina, comida, remédios, insumos médicos, vacina, tudo que vocês precisam para ficar no mato.”

Hernany tinha experiência suficiente para saber que aquele escovinha da cidade tinha caído de paraquedas ali e não tinha a menor ideia do que o esperava.

“Vocês vão ficar alojados no polo base, que é como um posto de saúde, tudo muito simples. Vão atender uma comunidade dentro de uma área de reserva, mas fica tranquilo que a Fernanda é bem experiente, faz isso há anos e vai poder te ajudar.”

“Mas e se tiver alguma emergência? Não dá para fazer tudo em posto de saúde!”

“Lá a gente faz os procedimentos básicos, né? Mas quando é muito urgente, a gente tenta remover o paciente pra cidade. Nem sempre dá, depende da logística, mas é o que temos.”

“E isso acontece muito?”

“A gente faz o que pode para cuidar das pessoas”, disse Ernany, claramente querendo acabar com a conversa.

Theo começou a ficar receoso, mas sua preocupação não durou muito tempo, já que eles logo chegaram em um cais na beira do Rio Negro e preocupações bem mais urgentes ocuparam sua mente. Como levar sua enorme mala por uma estreita prancha de madeira de vários metros apoiada entre as balsas? Se sentiu um perfeito idiota enquanto tentava vencer o obstáculo e não cair no rio. Estava totalmente fora de contexto, começando pela bagagem inapropriada e que parecia pesar centenas de quilos. Precisou da ajuda do Capelão, o prático do barco que iria levá-los até o destino, que embarcou as bagagens e os insumos médicos com uma facilidade irritante.

Quando o barco começou a rasgar as águas do extenso rio Negro, Theo sentiu um frio na barriga e, conforme pegou velocidade, teve a sensação de que estava decolando da superfície da água.

“É por isso que vocês chamam esse barquinho de voadeira?”

“É, o casco quase não encosta na água, assim diminui o atrito e a gente vai mais rápido.”

O barulho do motor quase abafou a resposta de Fernanda para Theo, que foi agarrando as mãos com firmeza em qualquer fresta que estivesse ao seu alcance.

“Fica tranquilo e curte a natureza. Você está animado para chegar na aldeia?”

“Muito. Faz esse barquinho dar meia volta e me levar para casa!”, gritou, tentando fazer uma gracinha.

“Você só pode estar brincando. Eu estou fora há um mês e já não vejo a hora de voltar para cuidar dos parentes.”

“Você é índia?”

“Não, mas fui praticamente adotada por uma família.”

O barulho do vento e o ronco do motor estavam impedindo uma conversa mais elaborada, e Theo voltou sua atenção ao ambiente. Aos poucos ele foi finalmente relaxando, sentindo o vento bater em seu rosto. A altura da voadeira em relação à água lhe deu a sensação de que tinha asas, como as araras que, aos pares, sobrevoavam o barco. Ele foi apreciando a beleza da natureza e ficou extasiado conforme ia percebendo a força do rio e a vastidão da floresta ao seu redor. Theo viu ao longe a chuva, mas ela, curiosamente, não passou por eles, mas deixou em seu rastro um belo arco íris. Toda essa beleza o foi deixando bem mais tranquilo.

Ele achou que iria contemplar as margens durante todo o trajeto, mas logo percebeu que estava enganado porque a paisagem era muito repetida, como a vista da janela de um avião que encanta os passageiros novatos, mas rapidamente se torna repetitiva e chata. Theo olhou para o lado e não entendeu sua companheira de viagem se divertindo com a ideia de voltar para floresta, sorrindo e olhando para tudo como se estivesse vendo um interessante filme no confortável sofá de sua sala. Gente doida.

“Encosta aqui um minutinho, Capelão.”

O prático atendeu ao pedido de Fernanda e desligou o motor, parando em um dos bancos de areia que volta e meia despontavam no meio do rio, baixo por causa do período da estiagem. Com a parada, Theo percebeu o calor e a umidade do ambiente da floresta tropical: foi só o vento do barco cessar que o suor começou a brotar e mosquitos de todos os tamanhos começaram a lhe incomodar, como se estivessem ali, parados naquele ponto da floresta, apenas esperando alguém chegar para zunzunar.

“Olha só, que linda.”

Assim que a voadeira encalhou na margem, Fernanda tirou o chinelo e saiu do barco molhando suas pernas brancas e a pontinha do vestido florido que ficava acima do joelho. Subiu a encosta que demarcava o nível do rio durante a cheia e andou até a árvore mais imponente e colossal, que certamente ficava com sua base dentro do rio no período de alagamento. Fernanda caminhou vagarosamente em volta dela, até que parou, olhou para o céu, fechou os olhos e ficou um tempo em silêncio. Com o facão que havia levado, fez uma leve marca em seu tronco revestido de musgos verdes, a reverenciou lentamente e voltou para o barco.

“Eu sempre peço para os espíritos da floresta permitirem meu retorno para a mata.”

Theo tentou esconder o riso e concluiu que Fernanda era realmente maluca. Claro, quem mais viria para este fim de mundo espontaneamente?

Sem grandes surpresas, navegaram por horas nas curvas do grande rio, algumas vezes sob o sol escaldante e outras debaixo de chuva. Finalmente eles chegaram diante de uma pequena cachoeira e o prático encostou na margem do rio.

“Podem descer.”

“Como é que é?”

“Vamos descer, Theo. Não dá para o barco subir essa cachoeira com o nosso peso, ainda mais agora que o rio está tão raso. Se a hélice bater em uma pedra e quebrar, ficamos presos aqui. O Capelão vai subir sozinho com o barco vazio, nós vamos por esta trilha e encontramos com ele lá em cima.”

Por mais que Theo tentasse, não conseguia subir o barranco com a mala de rodinha, própria para rampas de aeroportos. Ele ia ridiculamente vencendo uma parte do

barranco para depois escorregar para baixo novamente. Fernanda olhou pensativa para a grande mala de Theo, tentando arranjar uma solução para aquele problema. Os insumos médicos tinham que ir, mas...

“Já sei! Temos uma mochila vazia sobrando, separa só o que você precisa e coloca nela. O resto deixamos aqui e pegamos na volta.”

Theo achou que aquilo era uma piada de mau gosto. Ele precisava de tudo o que estava levando, afinal ficaria meses isolado em uma tribo no meio do nada. Além do quê, ele não deixaria suas coisas ali no meio do nada.

“Vamos, Theo! Afinal, o que você trouxe que pesa tanto? Escolhe só o essencial, não dá pra enrolar mais, ou você quer percorrer o rio no escuro? Não podemos chegar depois do anoitecer!”

Ele separou algumas peças de roupa e objetos de uso pessoal e não conseguiu deixar de pegar as guloseimas e as barras de chocolate que estava levando, mesmo derretidas sob aquele sol quente.

“Não se preocupe, ninguém vai tocar nas suas coisas. Quando voltarmos, tudo vai estar no exato lugar onde você deixou.”

Incomodado, mas sem opção, Theo cobriu a sua mala com uma lona de plástico e deixou em um canto mais protegido da prainha de areia.

Subiram a ribanceira pela lateral da praia e se encontraram com Capelão do outro lado das pedras. Exausto e muito incomodado, Theo se jogou no barco. Ele não queria conversa, mas como se sentir sozinho em um barco de seis metros e com mais duas pessoas?

“Quanto falta para chegar?”

“Só mais meio dia de viagem. Olha, os botos vão viajar com a gente de novo!”

Theo olhou para a água e não conseguiu ver nada. Tentou se recostar na sua nova e ridícula mochila enquanto esperava o tempo passar. O barulho do motor foi deixando-o sonolento e o balanço da embarcação na água o acalentava como numa cantiga de ninar. Logo aprofundou o pensamento e já não pensava mais na viagem, mas em como sua vida tinha lhe guiado até ali. Apesar de todos os poderes que a navegação lhe conferiu, ele se sentia pequeno e frágil, com um vazio que aumentava à medida que percebia um destino caprichoso, que não o deixava comandar a própria vida. Estes pensamentos, ao mesmo tempo que eram assustadores, faziam com que se sentisse revigorado como há muito tempo não se sentia. Quantas surpresas a vida teria deixado no caminho à sua frente? Surpreendido por uma faísca de dúvida, ele sentiu medo.

Foi surpreendido com a água que espirrou em seu rosto depois que a voadeira fez uma curva repentina, se secou e deitou a cabeça no banco tentando se manter acordado. Suas pálpebras pesavam cada vez mais e ele teve a ideia de navegar um pouco no mare nostrum. O processo de concentração para mergulhar em seu mar interior era bem simples agora; sem esforço algum, fechou os olhos e se concentrou em sua pulsação. Foi tomado pelo som repetitivo de sístoles e diástoles, válvulas se abrindo e fechando sob uma penumbra, até que se viu no seu lugar preferido, seu igarapé, para onde sempre ia quando queria repousar. Ficou ali observando aquela paisagem que lhe dava paz, com uma floresta e um espelho d'água perfeitos, até que foi procurar por sua amiga Cristine.

“Você gosta mesmo daqui, não é?”

Theo sempre a encontrava sentada na ponte da Baía de Sydney, contemplando a paisagem.

“Muito. Não sei como demorei tanto tempo para encontrar esse lugar.”

Logo após ter apresentado o mare nostrum para Theo e ajudá-lo a descobrir que Alcântara era seu mestre, há pouco mais de dois anos, Cristine resolveu viajar pelo mundo. Estava cansada de ver a vida pelos sonhos dos outros e resolveu ter suas próprias experiências.

“Quando tentamos controlar tudo, perdemos a chance do inusitado, do inesperado. Eu adoro as surpresas da realidade!”, costumava dizer.

Em suas viagens, passou pela Austrália e gostou tanto do lugar que acabou ficando por lá. Desde então, Theo não a encontrava mais na vida real, mas eles frequentemente se conectavam no mundo virtual.

“Como estão as coisas na Amazônia, Theo?”

Ele começou a reclamar da viagem, mas um chiado alto, como de um rádio que não sintoniza em nada, interrompeu a conversa e a imagem começou a ficar turva.

“Cristine, está ruim!”

Ela não conseguia ouvi-lo, até que tudo foi ficando silencioso novamente.

“Nossa, que horrível. Espero que não aconteça de novo.”

“O Alcântara me alertou sobre isso. A Amazônia é muito isolada, fica difícil se conectar.”

“Que bom, quem sabe assim você descansa um pouco. Como está indo a viagem?”

“Você tá louca? É tudo horrível, Cristine. Estamos viajando há horas e ainda temos quase um dia inteiro de rio e mato pela frente. O Alcântara só podia estar louco de me mandar para um lugar como esse.”

Ela deu uma gargalhada e Theo se irritou.

“Ué, você não quis trapacear na prova, Theo? Deveria ter pelo menos colado direito. Para que se arriscar desse jeito?”

“Pode parar, Cristine, já ouvi tantos sermões que...”

Antes de Theo terminar sua frase, o chiado novamente tomou conta do ambiente, dessa vez mais alto, e a imagem foi ficando mais turva que da primeira vez. Quando ele menos esperava, se viu de volta ao barco com o capelão e a Fernanda, que agora dormia estranhamente, com um dos olhos meio aberto.



“Sua navegação pode não funcionar bem na Amazônia, Theo.”

O monte Roraima estava com uma névoa branca tão espessa que os impedia de ver as árvores e os inúmeros rios que cortavam a paisagem abaixo, e que garantiam um espetáculo à parte nos dias claros. Theo se cansou daquela cena e fez um movimento com a mão direita, limpando as nuvens, franqueando para ambos a sua vista preferida. Ele conhecera aquele planalto em uma reportagem, e ficou encantado com seus quase três mil metros de altura e a estonteante paisagem em seu entorno. Desde então, aquele se tornou o lugar oficial de seu treinamento com Alcântara.

“Mestre, não se preocupe, eu já sou um navegador experiente. Posso superar qualquer dificuldade de navegação que aparecer, até mesmo na Amazônia.”

“Não estamos falando da sua capacidade, Theo, mas de como as coisas funcionam no mare nostrum. Para navegar e ter acesso a essa grande biblioteca de conhecimento da humanidade, precisamos de uma conexão entre as mentes. Cada mente é como um servidor que vai nos interligando, sucessivamente, uns aos outros. Como a Amazônia é muito esparsamente povoada, a conexão ocorre em bolsões, por isso você vai ter dificuldades de navegar de maneira ampla e talvez se restrinja apenas a um grupo geograficamente delimitado.”

“Mas como é possível sobreviver sem o mare nostrum? Sabemos que ele é importantíssimo para a sanidade mental das pessoas.”

“Fica tranquilo, você vai entender uma porção de coisas assim que estiver verdadeiramente conectado com aquele mundo. Você está muito dependente do mare nostrum, Theo, um choque de realidade vai te fazer muito bem.”

Theo estava com uma expressão preocupada e Alcântara achou melhor adiantar algumas informações.

“Preste atenção. Existem outras formas de navegar na Amazônia, mas elas são um pouco diferentes das que você conhece.”

“Como assim?”

“Existem os pequenos oásis de informações.”

“Como as gaiolas de Faraday?”

“Também, mas não é disso que eu estou falando. Veja bem, Theo, as gaiolas de Faraday são represas no mare nostrum, blindagens eletrostáticas construídas artificialmente que fazem com que as pessoas que estão dentro delas consigam se isolar e conectar suas mentes apenas entre si, para treinar, aprender e ensinar, sem risco aos alunos. Como um tubo de ensaio, certo?”

“Certo.”

“Isso vai acontecer com você na Amazônia também, mas sem precisar construir uma gaiola de Faraday, porque você vai estar em um local com uma blindagem natural: as longas distâncias e a baixa densidade populacional. Portanto, na Amazônia você só vai conseguir se conectar às mentes próximas. Você vai estar em um tipo de ‘lago’, isolado do mar principal.”

“Não vejo como isso pode ser útil para mim, mestre. As sociedades na Amazônia são arcaicas, o senhor sabe disso. O que eu posso aprender se puder me conectar apenas a este tipo de consciência?”

Alcântara se lembrou da primeira vez em que viajou para a região e deu um leve sorriso.

“Isso é o que vamos ver, Theo.”

O garoto não deu atenção ao que Alcântara falou e o professor se perguntou se já estava na hora de dar ao jovem mais informações sobre o tipo de conexão que ele iria encontrar, até que percebeu que não devia facilitar as coisas para ele e resolveu continuar o treinamento padrão. Theo assimilava tudo tão rápido que seu mestre sabia que um pouco de sofrimento não lhe seria mau.



“Eu não ligo de trabalhar lá, não, Zé. Tô tão quebrado que faço qualquer coisa, desde que me paguem bem. Lá eles pagam, então eu tô feliz. Mas que é esquisito, isso é...”

Fred virou o copo de café enquanto seu ouvinte se servia de uma garrafa de cerveja gelada na mesa torta, espremida em um canto do botequim.

“Tem certeza que você não quer beber uma cerveja, Fred? Descansa um pouco, homem, hoje é sexta. Já trabalhou a semana inteira, precisa relaxar.”

“Não posso, estou com turno dobrado. Não estou te falando que arrumei pra noite esse bico de faxineiro? Se eu beber, vou capotar. Cara, eu tô muito cansado, mas tá valendo a pena. Eu vou acertar minhas dívidas e daqui um tempo vou até pagar mais pensão pras meninas, você vai ver” – Fred deu um bocejo longo e virou três colheres de açúcar no segundo copo americano de café que chegou.

“E como que é trabalhar numa UTI, irmão? Eu não ia aguentar ver todos os dias a morte tão de perto.”

“Tem morte nenhuma lá, é bem tranquilo, ninguém me incomoda. Eu chego, limpo tudo, fico fazendo uma hora e vou embora. Às vezes até consigo dormir pelos cantos, ninguém percebe.”

“Toma cuidado, Fred, você pode ser descoberto e perder o emprego.”

“Da primeira vez eu até tive medo, mas agora já acostumei. Não tem perigo, não. Lá é bem tranquilo, arrumei um armário que é perfeito para tirar uma soneca sem ser visto.”

“Pô, quem dera eu tivesse um trampo assim.”

“É, eu tive sorte. Mas lá é um pouco estranho, sabe? Para entrar passamos por um lugar, com uma porta de cada lado, como se fosse uma passagem com um ímã, sabe? Eles avisam pra gente tirar tudo que é metal, senão sai voando. Perguntaram várias vezes se tem ferro no corpo ou coisas assim, chega a dar uma angústia na gente. Aí lá dentro é uma UTI, mas não é um hospital, e o estranho é que tem um monte de equipamento só pra dois pacientes. Devem ter sido pessoas importantes, mesmo.”

“Devem ter sido? Você fala como se já estivessem mortos.”

“É como se estivessem, ninguém lá está esperando pela melhora deles, eu percebi isso.”

“Então por que ficar na UTI? Coisa estranha”, o homem virou mais um copo de cerveja.

“Você nem imagina. Deve ser por isso que eles pagam tão bem os funcionários.”



Era desesperador. Tudo continuava exatamente igual, o barulho do motor do barco, a paisagem que se sucedia a cada curva do rio e até as pessoas que, acostumadas com a viagem de voadeira, permaneciam imóveis e quietas. Fernanda dormia desde que a viagem começou, enquanto Capelão parecia uma estátua, concentrado nas pedras e nos canais do rio. Theo não conseguia ficar ali curtindo aquele barco nem por mais um minuto. Tentou então, mais uma vez, voltar ao mare nostrum. Fechou os olhos e foi tentar se encontrar com Cristine.

“Que bom que você conseguiu voltar.”

“Você sabia que isso poderia acontecer?”

“Claro. Não tenho a força das suas ondas cerebrais, Theo, mas conheço o mare nostrum há muito mais tempo que você. Eu também tive dificuldade para me conectar quando estive na Noruega, perto do Polo Norte.”

Theo estava profundamente irritado, se sentindo injustiçado, e Cristine, percebendo seu mau humor, começou a mudar os cenários para tentar animá-lo um pouco. Lembrando da sua viagem à Noruega, ela tentou mostrar a Theo as belezas de Svalbard, a ilha do urso polar. Sua expressão emburrada, no entanto, continuava a mesma.

“Theo, o que está acontecendo com você? Nunca te vi assim.”

“Você também, Cristine? Já chega o Alcântara fazendo perguntas e tentando se meter em tudo o que eu faço.”

“Só estamos tentando te ajudar. E ele fez muito bem de te mandar para a Amazônia. Por que não navegamos um pouco nas suas memórias? Podemos tentar...”

Theo ficou louco só de pensar em Cristine fuxicando sua mente e imediatamente materializou uma redoma de vidro, ficando aliviado quando a viu gesticulando com as mãos do outro lado da vitrine, não ouvindo nada do que ela falava; com todas as informações do mundo a sua disposição, ele não precisava dela. Começou a se aprofundar no mare nostrum buscando algo interessante para aguentar a viagem, mas ouviu novamente um chiado alto, cada vez mais intenso, e então perdeu a conexão e se viu novamente no barco, com Fernanda e Capelão.

“Eu preciso navegar, o que vou ficar fazendo aqui?”, ele se levantou irritado.

O prático o olhou e deu uma risada, achando-o completamente louco. Theo tentou uma, duas, três vezes, mas sempre que tentava avançar no oceano das mentes humanas era levado de volta ao barco, onde apenas contava com as nada inusitadas presenças de Fernanda e Capelão.

“Você não cansa disso aqui?”

“Não”, respondeu o prático, voltando a se concentrar na direção da embarcação.

Capelão era monossilábico. Não conseguindo desenvolver uma longa conversa com ele, Theo tentou arranjar outras formas de se distrair na voadeira. Olhou para o rosto de Fernanda sonhando e se deu conta de que ali

poderia navegar como seu mestre lhe havia explicado: os três estavam isolados do restante do mundo, mas, próximos uns dos outros, poderiam conectar entre si.

Primeiro espiaria os sonhos de Fernanda, sempre tão alegre e risonha. Queria descobrir o que a deixava daquele jeito. Fechou os olhos, se concentrou e logo direcionou sua mente para a dentista. Se viu em um barco ensolarado, onde um leve som de flauta tocava ao fundo. Estivera naquele mesmo local instantes atrás, mas o cenário que Fernanda enxergava era completamente diferente do dele. Para seu espanto, um adolescente todo engomadinho admirava seu reflexo na água do rio, como aquelas representações de Narciso apaixonado pela própria imagem. Theo percebeu que o garoto era ele e aquilo foi como um tapa em sua cara. A dentista o via como alguém infantil, e ainda por cima mimado e vaidoso.

Aborrecido, logo saiu dali e foi para a mente de Capelão. A simplicidade dos pensamentos do prático o surpreenderam, era como se ele fosse a personificação da natureza. Sua vida com sua família e amigos interessava bem pouco a Theo, e por mais que tentasse entrar em uma cena diferente, só conseguia ver aqueles mesmos elementos: floresta, natureza e água, muita água, como se fossem curvas do mesmo rio.

“Você não cansa de viver como se todos os dias fossem iguais?”

“O que mais eu quero ver nessa vida? Tudo que eu preciso está aqui, bem perto de mim.”

Theo era imaturo demais para entender o que o prático quis dizer com aquela frase. Entediado com aquilo tudo, foi embora, e, mesmo sabendo que não conseguiria navegar em sonhos mais profundos, teimou e avançou novamente para aprofundar seu transe. Não foi com sur-

presa que ouviu mais uma vez um chiado cada vez mais alto, insuportável. Voltou ao barco, condenado a viver a realidade.



O armário de vassouras no corredor da UTI não era exatamente o local mais apropriado para se dormir, mas Fred precisava descansar sem ser visto e se sentia seguro ali. Programou o despertador em seu celular para vibrar em uma hora, fez uma trouxinha com o velho casaco e colocou sob o pescoço. Andava tão cansado por conta dos turnos nos dois empregos que não era preciso muito conforto para que conseguisse cair no sono. Fechou os olhos e adormeceu em poucos segundos.

Curiosamente, sempre sonhava com o mesmo lugar quando dormia ali: uma grande casa de praia, toda branca e envidraçada, onde nunca teve coragem de entrar, mas, por alguma razão que desconhecia, tinha certeza de que havia alguém ali dentro. Dessa vez, no entanto, Fred estava disposto a enfrentar seu medo e, com muito cuidado, caminhou até a grande sala de estar daquela bela casa. Achou o local muito chique, diferente de tudo o que já havia visto, e se impressionou por conseguir ver a praia e o mar de todos os cantos da sala. Ele ficou observando as ondas batendo na areia quando se deu conta de que, ao fundo, bem baixinho, um leve som de piano tocava. Ele nunca ouvira uma música tão bonita, e resolveu descobrir de onde ela vinha. Caminhou pela casa em busca do som até que encontrou uma biblioteca, com a porta entreaberta. Deitado sobre um divã de couro, viu um homem com os olhos fechados, respirando fundo, como se estivesse relaxando ao som da música.

Fred resolveu ficar ali, parado, porque estava gostando da música, até que o homem deitado no divã lentamente abriu os olhos e viu o faxineiro parado na porta do escritório, usando seu uniforme de trabalho. Levantou em um impulso.

“Finalmente resolveram mandar alguém. Você é da companhia de limpeza, não é? Estamos precisando muito de sua ajuda, essa casa está sempre cheia de pó.”

“Sim, eu sou. Mas senhor, que música é esta?”

Fred procurou um controle remoto, um aparelho de rádio ou qualquer equipamento que estivesse controlando o som, mas tudo o que viu foram caixas embutidas no teto.

“Eu não sei.”

Marc ficou envergonhado por não saber o que estava tocando em sua própria casa, e Fred estranhou aquele comportamento.

“Venha, eu vou te mostrar os cômodos.”

Ele levou Fred diretamente para um quarto de bebê, e eles pararam em frente a uma porta na qual um par de sapatinhos azuis estava pendurado.

“Esse é o quarto mais importante, preciso que fique muito limpo. É do meu filho.”

“Que massa, doutor. Eu também tenho duas filhas. É muito bom, eles crescem rápido, né?”

Marc ficou mais uma vez sem graça com a resposta que ia dar.

“Ele ainda não nasceu, mas estamos esperando por ele.”

“Entendi. Bom, mas o senhor deve estar felizão de ser um moleque, né? Aposto que vai torcer pro time do senhor.”

Marc se mostrava confuso e Fred ficou se perguntando se havia falado alguma coisa de errado.

“É... na verdade nós ainda não sabemos o sexo do bebê.”

“Bom...”, Fred falou coçando a cabeça e olhando para a decoração do quarto. “Hoje em dia não existe mais isto, menina também pode gostar de azul, né?”

Marc estava muito incomodado com a conversa e achou melhor encerrar abrindo a porta do quarto com cuidado e mostrando um quarto cuidadosamente decorado, iluminado pelo céu nublado. Entrando no cômodo, Fred se aproximou de um criado mudo ao lado do berço, e viu sobre o móvel, entre miniaturas de heróis e vários brinquedos com motivos masculinos, um vasinho com um grão de feijão que parecia ter sido recentemente plantado.

“Posso ver?”

“Tenha cuidado.”

“Foi você que plantou?”

“Fui. Tentei fazer vários desse quando era criança, mas eles nunca chegavam a brotar. Esse não vai falhar.”

“Parece que dessa vez você acertou. Já tem um brotinho saindo do grão.”

Fred se lembrou de quando havia ajudado suas filhas a fazerem o trabalho com o feijão, a pedido da escola. Teve de pedir para os vizinhos algodão emprestado, já que o dinheiro mal dava para comprar o grão que era colocado na mesa. Naquela época ele ainda tinha contato com as filhas, mas depois do divórcio a mãe as levou para longe e ele sentia muita falta das meninas. Só que agora, ao ver aquele feijãozinho brotando na casa de Marc, ficou feliz por ter um trabalho novo, conseguir juntar algum dinheiro para visitá-las e até poder levar um presente.

“Você consegue limpar o quarto em meia hora? Seria melhor você terminar antes da minha esposa chegar, ela está caminhando na praia e deve voltar a qualquer momento.”

“Consigo sim, senhor.”

Fred achou estranho aquele pedido, o quarto estava muito limpo, sem uma partícula de pó. Achando que o trabalho poderia lhe render um bom dinheiro, ele não fez nenhuma pergunta e atendeu ao pedido de Marc. Quando terminou, foi procurá-lo na sala, e o encontrou atirando dardos em um grande alvo de madeira pendurado na parede.

“O quarto está pronto.”

“Ótimo, semana que vem você continua. Já pode ir agora.”

Fred ficou parado meio sem jeito, como se estivesse esperando por alguma coisa, e Marc não entendeu o que ele queria.

“Obrigado, te espero semana que vem.”

Ele continuava ali, em pé, pensando em comoalaria sobre o pagamento, mas Marc ficou olhando-o ainda sem entender. Então Fred resolveu explicar.

“É, sabe o que é, doutor? A gente não combinou nada, né, então pode me pagar qualquer valor.”

“Pagar? Eu não tenho dinheiro.”

“Como assim o senhor não tem dinheiro?”

“Não sei, eu não tenho. Eu não sei onde está.”

Marc ficou confuso com aquela pergunta e, descontrolado, começou atirar os dardos furiosamente contra a parede.

“Eu não sei, eu não tenho controle nenhum do que se passa por aqui.”

Fred ficou sinceramente assustado com a reação e resolveu sair dali antes que as coisas se agravassem.

Passou disfarçadamente pela porta e, logo que tirou os pés da casa, estava na praia. Saiu correndo, mas não sem antes olhar para trás, admirar a casa e pensar como o dono de um lugar tão bonito poderia ser tão confuso e infeliz, já que ele, só de se imaginar morando com suas filhas em um lugar como aquele, se sentia realizado. Caminhou com pressa pela praia, até que chegou longe o suficiente para se sentir seguro. Então respirou fundo, sentiu uma leve brisa soprando. Fazia tanto tempo que ele não tirava férias que tinha até se esquecido da sensação de pisar na areia fria.

Foi se afastando da casa, até que sua visão foi totalmente coberta por uma névoa branca. Ele não enxergava nada e, totalmente perdido, tentava caminhar, mas não sentia nada sob os pés.

Fred então ouviu um celular vibrando, cada vez mais forte, e a sensação sobre o seu corpo mudou. Abriu os olhos e se deu conta de que estava no apertado armário, ao lado de rodos, vassouras e panos de chão. Colocou as mãos no bolso para desligar o celular e percebeu que já estava na hora de ir. Saiu do armário, pegou seu kit de trabalho e foi para a UTI terminar o serviço daquele dia. Ao entrar na grande sala iluminada pelas frias lâmpadas brancas, viu um grupo de médicos trabalhando em cima do homem internado, que parecia agitado, um deles se perguntando o que o teria deixado tão nervoso. Desde que começara a trabalhar ali, Fred nunca sentiu qualquer empatia por aqueles pacientes, mas, dessa vez, ao olhar para o rosto do homem, sentiu muita pena, como se o conhecesse. Mesmo sob o stress daquele momento, não pode evitar de reconhecer uma leve música que tocava

no ambiente, um bonito som de piano que saia do mp3 player de um dos enfermeiros.



“Chegamos.”

O barco foi fazendo um longo arco e desacelerando até que Capelão encostou no pequeno píer de madeira. Nesta época do ano, durante o período da seca, havia uma grande ribanceira de terra a ser vencida antes de chegar a uma pequena trilha. Theo estava exausto da viagem e odiou aquele lugar quente, onde o mato ia roçando em suas pernas enquanto caminhava. Já estava quase de noite e ele estava esperando encontrar uma vila com pelo menos um comércio e uma praça, mas, chegando ao local onde os índios moravam, viu uma área descampada com apenas diversas palhoças, uma ao lado da outra, dispostas em um grande círculo. No centro, uma enorme casa de palha se destacava. Impressionado com a complexidade da construção, Theo examinava-a com atenção, imaginando como aqueles índios teriam construído aquela estrutura sem os avançados conhecimentos de engenharia dos homens brancos. Fernanda percebeu seu interesse e começou a falar.

“Incrível, não é? Essa é a casa do guerreiro.”

“Para que serve?”

“É como um centro comunitário, eles usam para rituais e também para tomarem decisões da aldeia.”

Pararam um momento contemplando a construção.

“É feita inteira sem um prego ou arame, tudo com marcenaria artesanal.”

Theo fez menção de entrar para conhecer o interior mas os indígenas ao redor começaram a falar alto e gesticular.

Fernanda explicou:

“Você não pode entrar, só quando for convidado.”

Incomodado, mas sem perder a compostura, Theo deu ombros e continuou o caminho. Logo se dirigiram até uma outra trilha, mais larga, caminhando até um local que parecia outra ala da comunidade, menos tradicional, com pequenas casas de alvenaria, telhados de metal e um padrão quadrado na disposição das construções.

Ao lado de um campinho de futebol, Theo avistou uma das poucas construções grandes deste espaço. A simplicidade do local contrastava com a pompa de uma placa de bronze, que marcava a inauguração da construção e levava o nome “Centro Médico de Atendimento Indígena Dr. Ricardo Affonso Ferreira”. Aquela estrutura tinha sido claramente concebida por algum arquiteto que nunca nem mesmo visitara o local, tão inadequada que era.

Era como se a floresta estivesse tomando de volta o espaço ocupado pelo prédio, das rachaduras em cada parede, em que brotavam pequenas plantas – como um jardim vertical, em voga nas grandes cidades –, até formigueiros e ninhos dos mais diversos insetos em cada viga do telhado. E pó, muito pó por todos os lados.

“Aqui é o polo base, Theo, nossa casa pelos próximos meses.”

Theo ainda estava boquiaberto imaginando como viveria ali quando eles entraram em um cômodo que supostamente seria o quarto. Ficou procurando a cama, até que Fernanda pegou uma rede em um baú que estava fechado no canto do cômodo e entregou a ele.

“Essa é sua. Pode pendurar em qualquer lugar.”

Theo olhou para o pano e não acreditou que teria de dormir ali.

“Onde fica o banheiro?”

“Ali atrás, é só dar a volta.”

Ele separou suas coisas em cima do baú tentando organizar as ideias. Queria tomar banho para afastar a sensação de sufocamento que o calor estava causando. Não teve dificuldade de encontrar o pequeno banheiro de alvenaria e azulejos. Organizou suas coisas no nicho reservado para o banho e pressentiu o frescor da água fria caindo em seu rosto. Porém, após tentar abrir o registro, percebeu que aquele cubículo não via água há séculos, pelo menos se levasse em conta a quantidade de teias de aranha que havia.

Achou estranho a naturalidade com que Fernanda abriu a porta e entrou no banheiro, não dando a menor confiança para sua quase nudez; a cueca era a única coisa que o separava dos selvagens ali fora.

“Para o chuveiro funcionar é preciso que a bomba esteja ligada”, explicou, quando percebeu a intenção de Theo.

“Quando ligam?”

“Como assim ligam? Você pode ligar a hora que quiser, mas não acho que temos gasolina suficiente para isso. Em geral tomamos banho no rio.”

Theo desistiu e voltou para o quarto, exausto e ainda sujo de suor. Ele só queria descansar e relaxar, mas tudo o que encontrou foi o cômodo abafado, com uma rede que ele não fazia a menor ideia de como pendurar.

Vasculhou o quarto à procura de ganchos, mas não encontrou. Olhando com atenção, percebeu alguns pedaços de corda que serviriam para atar a rede às vigas do

teto. Calculou a posição para que a rede ficasse perto da janela, se achando muito esperto por ocupar o lugar mais ventilado.

Não seria difícil instalar sua rede. Depois de várias tentativas, e completamente molhado de suor, conseguiu passar as cordas por sobre uma tora que sustentava o telhado, mas os pontos ficaram muito próximos, e depois de amarrada a rede ficou muito fechada. Refez todo o processo e acabou colocando os pontos em uma posição tal que a corda era curta demais, e a rede ficou muito alta.

Estava a beira do desespero quando chegou Fernanda, toda suja de terra.

“O que aconteceu, Fernanda?”

“Matando a saudade dos meus cachorros.”

“Tá certo... Você pode me ajudar com essa rede?”

Fernanda percebeu a dificuldade de Theo.

“É difícil mesmo, mas com o tempo você pega o jeito.”

Com muita facilidade, Fernanda deu um nó na ponta da corda, a girou no ar e lançou-a em direção da viga de madeira, com muito mais precisão do que ele, antes de colocar o nó. Nesta hora, Theo percebeu que ela não depilava o sovaco. Ficou tão focado nisto que não percebeu os outros macetes que a dentista usou para instalar a rede de forma super eficiente e sem esforço. Quando o médico percebeu, a rede estava pronta, na altura e na posição perfeita para Theo dormir e na posição mais ventilada

“Coloquei virada para cá para poder receber o vento de lado, é mais gostoso. Agora o bebê já pode tirar sua naninha”, disse, rindo, e se retirou.

Apesar de estar cedo, o dia tinha sido demais para ele e, mesmo sem banho, deu um sorriso amarelo e se dei-

tou. Diferente do que ele supunha, a rede de algodão era fresca e confortável. Imitou a posição dos índios quando usavam a rede e se sentiu muito bem.

Apesar de sentir os olhos pesados e sua mente estar implorando por uma noite de sono, Theo ainda se focou para uma última navegada. Ele tinha de tentar, afinal essa prática já havia se tornado um ritual para ele antes de dormir, quase um vício, como as pessoas que não conseguem dormir sem antes pegar seu celular e dar uma olhadinha em alguma rede social para não se sentir só. Além de companhia, o mare nostrum lhe oferecia a oportunidade de passar seu dia a limpo e rever os “melhores momentos”.

Fechou os olhos e se concentrou nos seus batimentos cardíacos, respirou fundo, relaxou e mergulhou em sua pulsação até se ver em seu igarapé. Então logo tentou avançar, estava ansioso para encontrar seu mestre, convencê-lo a desistir da ideia da Amazônia e deixá-lo voltar para São Paulo, para sua vida na faculdade, para sua casa.

Ele começou a ouvir mais chiados e, desistindo de procurá-lo, se concentrou em achar alguém que conhecesse a vida na Amazônia e lhe ensinasse desde o idioma dos indígenas até as mínimas coisas que se precisaria para sobreviver naquele mundo, como colocar uma rede, por exemplo. Tentou se lembrar qual personagem da história poderia ajudá-lo e quais memórias o ensinariam a se virar na selva, como dormir em uma rede e até mesmo construir um sistema que lhe proporcionasse um banho quente. Então se lembrou dos livros que lera dos irmãos Villas Bôas, contando suas expedições pelo Parque Indígena do Xingu.

Fechou os olhos, imaginou as cenas que lera nos livros, mas quanto mais se esforçava para se afastar de seu igarapé e avançar na navegação, mais chiados ouvia. Theo ia sendo levado por imagens desconexas, sem chegar em sonho algum. Se viu pequeno, brincando com seu pai, e em meio a ruídos foi parar na cena em que Alcântara o havia presenteado com o Muiraquitã, o pequeno sapo esculpido que fora de sua mãe. Perdido, Theo tentava navegar e controlar os sonhos nos quais entrava, mas em vão. Tudo o que ele conseguia fazer era acessar sua própria memória.

Sem perceber, sentiu saudades de coisas simples como o conforto da presença do pai. “Se vira!”, é o que ele diria se pudesse falar com seu filho.

Essa lembrança fez Theo perceber que estava sendo mimado, fraco, e que não poderia continuar daquela forma. Ele queria dar orgulho para seu pai e sabia que, se ele estivesse ali, ficaria decepcionado ao ver o filho reagindo daquela forma naquela situação.

Theo então percebeu que, dessa vez, teria de se virar sozinho, sem o mare nostrum.



“Limpa bem os pés antes de entrar.”

Teresa atendeu ao pedido de Marc, sacudiu os pés e entrou com cuidado na casa.

“Eu fiz uma surpresa para você, Teresa, venha ver.”

Marc pegou em sua mão e subiu as escadas com ela correndo, até que parou na frente da porta do quarto do bebê, que estava fechada. Ficou parado por alguns segundos para fazer suspense e então abriu, esperando ansioso pela reação da esposa. Ela não esboçou nada, se manteve apática, como era constante nos últimos tempos.

“Que lindo, querido”, disse, sem convencer.

“Mandaram um funcionário para nos ajudar. Eu sabia que esse trabalho valeria a pena, Teresa. Imagina só nosso filho nascendo cheio de regalias, um mordomo só para cuidar da nossa casa. Aposto que é só o começo, daqui a pouco ele vai nos mandar até um motorista.”

Eles entraram no quarto e Marc começou a mostrar o trabalho que havia sido realizado. Passava os dedos nos móveis, sorrindo, mas ele mesmo se cansou daquilo e de repente caiu em si, até que sentiu muita raiva. Quem ele estava querendo enganar? O quarto estava tão limpo quanto sempre esteve. Porém, mesmo furioso, ele não deu o braço a torcer e levou a história até o fim.

“Não me olha com essa cara, Teresa. Eu sei que você é uma esposa dedicada e quer cuidar de tudo sozinha, mas agora eu sou um cara importante e eu tenho pessoas para me ajudar.”

Marc começou a abrir as cortinas do quarto e mostrar os vidros imaculados de limpos, tentando com isto encontrar alguma reação em sua companhia.

“Tudo bem, Teresa, eu já entendi por que você está preocupada. Relaxa, foram eles que nos mandaram o funcionário. E olha só, com a nossa casa desse jeito podemos até receber visitas importantes, podemos preparar jantares para a chefia.”

Teresa continuava sem falar nada e Marc foi ficando mais nervoso.

“Pare de me questionar, Teresa. Eu não posso ficar nessa mesma vida de sempre, eu preciso crescer e esse foi só um primeiro passo.”

Ele então começou a jogar os objetos do trocador no chão, bagunçando todo o quarto.

“Está vendo, Teresa? Isso é para você ver que não sou um fracassado, pra você ver o quanto eu virei uma pessoa importante. Podemos fazer o que quiser porque eles vão vir arrumar. E você, minha mulher, não precisa mais limpar o chão nem arrumar nada.”

Ela continuava serena, passiva, observando... uma lágrima escorria do seu rosto.



“Não me venha com desculpas, Jonas. Eu quero a nossa arma funcionando, quero ver todos aqueles terroristas mortos e quero agora. Nós não podemos nos dar ao luxo de deixar pontos fracos.”

“Mas senhor, ele não é uma máquina. E mesmo se fosse, até uma metralhadora tem de parar por um momento para esfriar.”

Jonas estremeceu quando Senhor D. tirou os óculos e olhou para ele. Seu chefe, que estivera estudando um mapa com rabiscos em cima de sua mesa, voltou a esbravejar.

“Estou cansado dessas suas justificativas. Nós investimos milhões para criar essa arma e agora ela está pronta para atirar. Por que não está atirando? Está na hora de você afrouxar a coleira do nosso cachorro, ele precisa mostrar que ainda serve para alguma coisa.”

“Mas existem particularidades na cabeça do ser-humano, senhor, não é assim tão fácil quanto...”

“Tem de ser. A imperfeição humana é um luxo que não podemos nos dar. Eu quero precisão e eficiência. Nem que para isso você tenha de tirar toda a humanidade dele.”

“Mas senhor, é justamente a humanidade dele que nos permite controlá-lo. Além de se considerar um fracassado, o acidente nos deu um ponto de apoio para dominar sua vontade: ele se sente culpado por ter prejudicado a mulher que ama – grávida, ainda por cima. A culpa que ele sente é o nosso maior triunfo, não podemos abrir mão dela, é o que nos mantém no controle.”

“Venha aqui, Jonas”. Senhor D. baixou o tom da voz, se aproximou de seu assistente e colocou a mão em seu ombro. “Também estou em uma posição difícil, eu recebo ordens. Estou sendo muito pressionado, preciso que você me ajude.”

Senhor D. conhecia muito bem os “pontos de apoio” para acessar seu assistente, sabia que sua carência era tamanha que qualquer migalha de contato humano e consideração eram suficientes para dominar sua vontade.

Curioso Jonas ser tão inteligente e ter tido sucesso onde tantos falharam ao criar uma forma de controlar a mente de uma pessoa, mas não perceber que o Sr. D fazia exatamente o mesmo com ele. Sua vontade fraquejava.

“Tudo bem, senhor. Vou dar um jeito”, suspirou.

Satisfeito, o chefe se afastou e retornou para sua mesa, voltando a esbravejar.

“Ótimo. Intensifique a atuação dele. Eu quero que ele crie roteiros e fantasias, que fique com mais raiva dos terroristas. A raiva é um excelente estimulante, Jonas.”

“E a mulher, senhor, o que faremos com ela?”

“Deixe-a como está, ela quase não interage mais. É praticamente um vegetal, continue regando apenas para que não morra.”

“Vou ver o que posso fazer, senhor.”

“Veja também o que não pode. Se é que você gosta do seu emprego.”



Quando o sol subiu pelo horizonte, Theo finalmente se levantou, mas já estava acordado há muito tempo. Os mosquitos não o haviam deixado dormir e seu corpo pesava de tão cansado. Ao sair do cômodo, viu uma pequena movimentação de pessoas e crianças correndo nuas pelo terreiro.

Saiu do banheiro, deu a volta na área da casa e viu uma fila na porta do polo-base. Aquele seria um dia como outro qualquer na comunidade, não fosse pela chegada dos profissionais de saúde.

Como sempre, os índios haviam acordado com a primeira luz do dia e sentado ao redor da fogueira para espantar o friozinho da manhã, depois comeram beiju e desceram para o rio para se banhar. Na volta, nem todos seguiram para seus afazeres, alguns deles foram para o polo base para serem atendidos pelos doutores.

“Mas por que tão cedo? Eles não dormem?”, Theo perguntou para Fernanda, que se preparava para o atendimento separando instrumentos e pecinhas nas caixinhas.

“A vida aqui é como deve ser, Theo. Se rende ao sol”, disse, com um sorriso esquisito.

Ele estava sonolento demais para entender a poesia na ideia de que a vida ainda podia ser regida pelo sol, mesmo no século 21. Então foi para a pequena cozinha e procurou água para beber. Encontrou um filtro de barro ao lado da pia e, ao colocar a água no copo, percebeu que ela estava amarelada.

Olhou para os lados em busca de informação, mas não havia ninguém. Sentindo muita sede e sem outra opção, resolveu beber.

“Mas que porcaria é essa?”, disse cusbindo.

Quando colocou o líquido na boca, sentiu um gosto que desconhecia, horrível, e se arrependeu de ter bebido sem falar com ninguém.

Então encontrou um pote com fubá e resolveu fazer um mingau, pelo menos assim ferveria a água. Comeu-o lentamente e voltou para a área de atendimento.

Chegando na sua sala, no seu novo consultório, Theo tentou arrumar as coisas que utilizaria, para atender da forma como gostava. Abriu as portas dos armários e as gavetas, estendeu os utensílios em cima do balcão e começou a organizá-los. Colocou o estetoscópio na primeira gaveta, ao lado do aparelho de medir a pressão, do termômetro e do otoscópio. Viu que em um armário de metal e vidro ficavam os materiais para curativos e procedimentos e se surpreendeu com o quanto eram ultrapassados, muito mais antigos do que os que utilizava em São Paulo.

“Bom dia.”

Um homem com o cabelo raspado do lado, um estilo tipicamente indígena e o rosto pintado entrou no consultório trazendo um paciente. Ele usava uma camiseta de campanha eleitoral, um shorts vermelho de futebol e tinha um estetoscópio pendurado no pescoço. Sem per-

guntar nada, mandou o paciente sentar e, vendo que as coisas estavam fora do lugar que estava acostumado, começou a reorganizar tudo.

“Posso ajudar?”, perguntou Theo, tentando ser educado.

“Eu sou o Marcos, agente de saúde indígena. Vamos atender juntos.”

Marcos remexia as coisas e, para evitar brigar com o novo assistente, Theo voltou sua atenção para o paciente.

“Bom dia. O que te trouxe aqui?”

O homem sorriu, mas não respondeu e assentiu com a cabeça, demonstrando claramente que não entendia nada do que Theo falava. O agente de saúde então se aproximou para ajudar com a tradução e o paciente começou a descrever seus sintomas. Ele pronunciava milhares de palavras, até que finalmente se calou.

“Ele disse que sente dor nas costas”, traduziu Marcos.

“O que mais?”, perguntou Theo.

“Só isso.”

“Mas ele ficou falando sem parar, tem de ter mais alguma coisa.”

“O que importa é que ele sente dor nas costas.”

Sem uma noite decente de sono, sem entender uma palavra do que seu paciente falava e ainda com uma pessoa em seu consultório se comportando como se soubesse tudo. Theo respirou fundo e, tentando se controlar, voltou a atender.

Posicionou o paciente sentado na beira da maca, colocou as mãos em seus ombros e o apertou, tentando descobrir qual musculatura estava doendo. O homem tinha pernas e braços magros, mas Theo ficou surpreso com sua força. Seus músculos eram rígidos como uma pedra

e seu corpo sem uma gota de gordura. A pele mostrava as marcas de anos de vida no mato sem roupas, botas ou qualquer proteção.

Vagarosamente, examinou sua região lombar e, quando apertou suas costas, o homem fez uma careta de dor. Com o exame, Theo descobriu que ele estava com uma contratura muscular, ou seja, uma forte dor muscular focal, provavelmente devido a um esforço excessivo.

“Há quanto tempo ele sente essas dores, Marcos?”

O agente de saúde fez a tradução e, mais uma vez, o paciente desembestou a falar uma infinidade de palavras que Theo não entendia.

“Muito tempo”, respondeu Marcos.

“Quando, quando começou?”, Theo já estava levantando a voz.

“Desde que começou a carregar madeira.”

“Madeira? Mas quanto de madeira?”

“É bastante. Ele carrega tudo o que o corpo consegue aguentar.”

“Mas por que carregar tanto? Não tem ninguém para ajudar?”

“Em geral os parentes ajudam, mas ele não tem ninguém porque é brigado com o irmão da mulher.”

“Tem de diminuir a carga, ou então usar carrinho. Vocês não têm carrinho?”

“Não dá para usar carrinho na mata, doutor, tem muita planta no chão.”

Marcos não acreditava que estava tendo de explicar para um médico, um homem estudado, porque um carrinho não tinha utilidade na floresta.

“Diga para ele que, pelo menos por enquanto, ele vai ter de parar de carregar madeira.”

“Como assim?”

“Ele vai ter de parar de trabalhar por um tempo.”

Quando Marcos explicou para o paciente a recomendação de Theo, ele não acreditou. Mudar a rotina que aprendera desde que nasceu não era uma sugestão razoável.

Theo pegou seu receituário, escreveu o nome de um remédio no papel e entregou-o a Marcos, que ficou olhando sem entender.

“Volte daqui uma semana. Até lá, faça compressas com gelo e tome esse remédio quando estiver com dor, no intervalo de oito horas.”

“Gelo, doutor? Não tem gelo aqui!”, Marcos já se mostrava insatisfeito com o desconhecimento de Theo sobre a comunidade indígena.

“Tudo bem, então pode só tomar o remédio. Mas a dor vai diminuir pra valer quando diminuir a carga. Tem de trabalhar menos.”

Marcos fez a tradução para o paciente enquanto Theo pegou uma caixinha com pílulas e lhe entregou. Decepcionado com a consulta, o homem virou as costas e foi embora junto com o agente indígena.

Em sua sala, Theo aguardava sozinho pelos próximos pacientes, que não chegavam. Saiu e espiou lá fora, mas ninguém esperava para falar com ele.

Frustrado, chateado e sem nada para fazer, ficou pensando em como seria se pudesse conversar diretamente com o paciente que acabara de sair, e teve uma ideia: e se encontrasse aquele paciente no mundo dos sonhos? Onde pudesse entrar em seus pensamentos e, sem a interferência de um tradutor, conversassem para entender melhor suas queixas.

Fechando os olhos, Theo se concentrou e logo se conectou.

Manteve seu foco no índio com a dor nas costas e, depois de alguns instantes, aos poucos, foi se formando em seu entorno a cena de uma floresta. Theo entrou em uma trilha de uma mata fechada e viu o homem andando com as costas curvas, carregando nos ombros toras pesadas de madeira.

“Larga isso. Você não pode carregar esse peso todo sozinho.”

O homem olhou para Theo e o reconheceu.

“Doutor, eu não tenho escolha. Eu estou fazendo uma casa para minha mulher e meus filhos, são muitos, eu não posso parar.”

Ele continuou seu trabalho, e Theo sentiu pena daquele homem alquebrado pelo trabalho. Então se colocou ao seu lado e começou a ajudá-lo no carregamento de madeira.

“Sabe, doutor, nós estamos dormindo em um lugar muito ruim, quando chove molha tudo lá dentro. Não vejo a hora de terminar nossa casinha.”

O homem parou, colocou as toras no chão e deu um gemido de dor.

“Como você se chama?”

“Rauaní.”

“Como é a dor que você sente, Rauaní? Você consegue explicar ela para mim?”

“As pernas formigam, doutor, depois de uma meia hora de trabalho. Já as costas doem o tempo todo, quando eu abaixo, quando eu me levanto, até mesmo quando eu me viro. Parece que piora à noite, é muito difícil dormir.”

“O senhor não pode trabalhar tanto assim, muito menos sozinho. Alguém precisa te ajudar.”

“Não tem ninguém, não. Minha mulher cuida da roça o dia todo e minhas filhas ajudam ela.”

“E os outros, onde estão?”

“Aqui cada um cuida da sua família. Todos têm muito trabalho, não sobra tempo para cuidar da família dos outros.”

“E os seus parentes?”

“Tenho um cunhado. Eu ajudei ele a construir a casa dele.”

“Ele não pode te ajudar?”

“A gente brigou, não nos falamos mais.”

“Olha Rauaní, eu entendo a tua situação, eu sei que não é fácil, mas você vai ter de dar um jeito de parar de construir, antes que seja tarde demais. Se você continuar nesse ritmo, uma hora o teu corpo vai pedir socorro.”

“O que o senhor quer dizer com isso?”

“Você pode não conseguir mais andar. Se isso acontecer, quem vai cuidar da tua família? É melhor você parar agora.”

“Você não entende, doutor. Eu não tenho escolha. Se eu parar, não vamos ter onde dormir. Cada um faz o que tem que fazer.”

Rauaní voltou a se agachar e, ignorando suas dores, continuou o trabalho.

Theo ficou ali observando aquele homem que, guiado pelo instinto de sobrevivência, ignorava suas limitações físicas. Sua força de vontade o impressionava e, diante da impossibilidade de protegê-lo do desgaste físico, Theo se sentiu impotente. Mas teve uma ideia.

“Já sei. Tem um exercício que pode te ajudar.”

Theo se colocou ao seu lado e orientou-o a imitá-lo.

“Quando as suas costas começarem a doer, você afasta as pernas, estica as mãos para cima e as empurra em direção ao céu, olhando para o alto. Esse exercício alonga a musculatura e vai aliviar a sua dor.”

Impressionado, Rauaní repetiu tudo o que Theo fazia. Theo ensinou outros três movimentos, observando-o até se certificar de que ele havia aprendido todos.

“Muito bem. Faça isso sempre que estiver com dor, depois de uns 30 minutos de trabalho.”

“Muito obrigado, doutor Theo. Já estou me sentindo um pouco melhor.”

O índio se despediu e foi se afastando com a madeira nas costas. Theo gostaria de ter feito mais por ele, mas fez o melhor que podia naquele momento.

Quando estava pronto para ir embora, a imagem da floresta foi desaparecendo, e Theo foi navegando no mundo dos sonhos, passando por imagens aleatórias, e se lembrou que precisava acordar e voltar para sua vida na aldeia.

Quando abriu os olhos, tomou um susto e deu um pulo. Fernanda estava a menos de cinco centímetros de seu nariz, encarando-o como se estivesse estudando um alienígena.

“Que é isso, Fernanda?”

“O que você estava fazendo, Theo?”

“Devo ter pegado no sono.”

“Nossa, você dorme de um jeito estranho. Não parecia que estava dormindo.”

“Fernanda, onde estão meus pacientes?”, desconversou. “Por que não tem fila para mim? Seria melhor ter trazido outro dentista, eu não tenho utilidade aqui.”

“Relaxa, eles só estão te testando. Querem primeiro ver se o seu tratamento funciona. Aposto que pelo menos um deles veio ao seu consultório.”

“Como você sabe?”

“É assim que eles fazem. Quando esse paciente melhorar, a rádio floresta começa a funcionar e os outros vão começar a aparecer. Aqui você vai aprender a ser paciente. Eu também tive de aprender.”

Theo ficou preocupado ao ouvir “quando esse paciente melhorar”. Ele sabia que o alongamento era apenas uma medida paliativa e não era suficiente para o homem se curar de suas dores. Pior: nada que Theo falasse iria fazer com que ele desistisse de construir sua casa. Sem sua melhora, a sala continuaria vazia.

“Fernanda, eu vou dar uma volta. Não tenho mais nada a fazer aqui hoje.”



Theo estava aborrecido e foi ao quarto pegar uma guloseima em sua mochila. Percebeu que alguns pacotes de chocolate estavam faltando e ficou furioso.

“Era só o que me faltava. Porcaria de lugar.”

Buscou uma fechadura na porta do quarto, algo que pudesse garantir que seus pertences ficariam trancados e protegidos de ladrões, mas tudo o que encontrou foi um buraco onde há muito tempo parecia ter morado uma tranca. Para seu alívio, encontrou um armário com cadeado e trancou suas coisas lá dentro.

Passou pela fila onde alguns indígenas aguardavam serem atendidos pela dentista e viu que um deles tinha feridas nas pernas. Tentando dar alguma utilidade para sua estadia na Amazônia, tentou puxar papo e convencê-lo a passar em consulta.

“Boa tarde, eu sou o Theo. E o senhor, quem é?”

O homem virou as costas e se afastou dele. Um pouco adiante, Theo viu uma índia com uma hérnia umbilical visível no abdome, precisando com certeza de uma consulta médica.

“Oi, tudo bem? Faz tempo que você está assim? Dói? Vamos examinar?”

Ela não respondeu e Theo tocou em seu abdômen para verificar se o contato lhe causaria dor. A mulher, no entanto, ficou extremamente incomodada com sua abordagem e imediatamente se retirou. Desistindo de interagir, ele caminhou pelo terreno e, perto da escola, viu algumas crianças se divertindo com uma garrafa pet. Talvez tivesse mais sucesso com elas, mas, quando se aproximou, os pequenos fugiram e se sentaram a alguns metros distante de onde ele estava. Um deles, no entanto, andava com dificuldades e ficou para trás dos amigos. Ele tinha cerca de seis anos e tentava se equilibrar sobre os pezinhos, como se tocá-los no chão lhe causasse muita dor. Theo se aproximou devagar.

“Oi. Tudo bem?”

Ele não respondeu e Theo se lembrou que o índio não compreendia sua língua. Seus dois grandes olhos negros o encaravam assustados e Theo se agachou para que ficassem na mesma altura. Com gestos e mímicas, pediu para ver os pés do indiozinho, que se deixou ser pego no colo e colocado sentado no chão. Theo, então, se sentou e começou a examinar seus pés.

Para sua surpresa, viu inúmeras feridas, muitos pontos pretos praticamente cobrindo a sola dos pezinhos da criança. Eram bichos de pé, doença causada pela fêmea da Tunga, uma pulga que quando fecundada penetra na pele do ser humano ou de outros animais para depositar ovos. Theo havia estudado essa doença na faculdade,

mas nunca imaginou que encontraria um caso tão grave, já que, em São Paulo, ela só aparece com uma, no máximo duas bolinhas. O pé do menino, no entanto, estava coberto de lesões.

Ele estendeu as mãos para o menino para levá-lo ao seu consultório, mas o pequeno não quis ir. Theo então pegou-o no colo, mas o garoto começou a chorar e ele se lembrou de que tinha um pacote de bala de goma em seu bolso, o único que havia levado para a Amazônia. Abriu, comeu um e o garoto logo estendeu as mãos em direção ao pacote. Theo lhe deu uma e espertamente mostrou para o garoto que ele ganharia mais balinhas se o acompanhasse até o consultório. A técnica foi infalível para ganhar o paciente.

Chegando em sua sala, colocou o indiozinho sobre a maca e começou a se preparar para cuidar de seus pés. A primeira coisa seria lavá-los, então ele colocou uma bacia e foi vagarosamente esfregando e trocando a água marrom que ia saindo. Sabia que o tratamento seria dolorido. Os doces que tinha no bolso ajudavam a distrair a criança, mas não eram suficientes durante todo o processo de extração das tungas. Sem ideia melhor, ele começou a tirar as pulgas dos pés do menino, lavando a região com soro e, cuidadosamente, com uma pinça, extraindo os bichos, um por um, até que a dor do tratamento começou a incomodar e o indiozinho começou a chorar.

“Eu sei, isso não é nada legal. Hoje vamos parar por aqui, ok?”

O menino piscou os dois olhinhos para ele e, mesmo sabendo que o garoto não o entendia, Theo interpretou como se ele estivesse lhe agradecendo. Ainda seriam necessárias muitas sessões como aquela para deixar o menino livre da infestação. Ele então fez um curativo capri-

chado, enrolando tiras de gaze e prendendo-as cuidadosamente com esparadrapo. Pegou-o no colo, como se já se conhecessem há muito tempo, e levou-o de volta ao terreno perto da escola.



“Eu tenho minhas dúvidas. Será que a gente consegue manter sã uma mente humana isolada do mundo, impedida de sonhar? Praticamente sozinha?”

Jonas observava sua imagem nua refletida no espelho no teto enquanto pensava sobre o plano que ele mesmo sugeriu para o Senhor D., mas que agora dava indícios de não ser tão perfeito assim. A ideia surgiu quando leu *Sandman*, um clássico da graphic novel, de Neil Gaiman. A arte imita a vida ou vice versa? Uma série de dúvidas éticas sempre voltavam a sua mente quando se permitia relaxar um pouco. Será correto, em nome de manter segredos de Estado, manipular a mente de um indivíduo desta forma, fazendo ele acreditar que tem realmente uma vida? E os direitos dele? Podemos fazer isto com um indivíduo? Matar alguém no mundo dos sonhos é assassinato?

Suspirou olhando mais uma vez para o espelho.

“O cara não tem a menor consciência de si mesmo e vive uma fantasia que criamos para ele. A mulher então, dá até pena, já morreu e não avisaram ela. Claro que para isto tudo dar certo precisávamos do indivíduo perfeito, ou objeto perfeito: autoestima baixa, sem passado ou futuro, fácil de controlar e cheio de culpa. O primeiro que a gente conseguiu não durou muito, pirou rapidinho.”

Ela se ajeita na cama, braço formigando; afinal, quem aguenta ficar longos minutos com uma cabeça deitada em seu ombro.

“Pirou porque estava sozinho, mas este novo, ele trouxe a mulher. Chega a ser engraçado, a mulher e o filho que não nasceu, e que aliás não vai nascer. Ela já perdeu o bebê faz tempo, mas a ideia de uma família mantém ele vivo.

Quanto tempo será que um ser humano consegue se manter vivo e sadio em uma situação como essa, Kátia? É Kátia né?

Nós estamos à beira do colapso, mais um passo errado e tudo pode ir por água abaixo.”

Jonas respirou fundo e avaliou sua imagem; magro, mas barrigudo, baixo e com esta voz desafinada, era difícil imaginar que alguém poderia se sentir atraída por ele. Encolheu a barriga e voltou a falar.

“Sabe, Kátia, o Senhor D. não quer que eu pegue mais leve. Eu acho que deveríamos afrouxar um pouco, mas ele não acha. Não quero contrariar o Senhor D., ele é um homem bom, me trata muito bem, só tem o gênio difícil e às vezes perde o controle.”

Profissional, a mulher de cabelos vermelhos olhava para Jonas com a postura interessada. Seu rosto e corpo sinalizavam que estava atenta à conversa, mas sua mente vagava longe, preocupada em como faria para completar o que faltava para pagar seu aluguel daquele mês.

Sem família e com muito poucos amigos, Jonas era um homem solitário. Sua capacidade intelectual superior sempre manteve as pessoas afastadas, ou talvez tenha sido ao contrário. Não que ele quisesse ser assim, as coisas simplesmente foram acontecendo até que passa-

ram a fugir completamente de seu controle e ele tivesse bem pouco a se apegar.



Nunca imaginou que um passo em falso e cair de mau jeito sobre o próprio pé seria a solução para seus problemas.

Do alto de seus 12 anos, Jonas já sabia que não gostava de esportes, e mais ainda, que os esportes não gostavam dele. Passar o tempo da aula de educação física na enfermaria, livre para ler, e até pensar em paz, era maravilhoso.

A cada semana, o período desta aula se tornou um tormento maior. Não conseguia dar 5 passos sem ficar ofegante. Se tentasse chutar uma bola, tropeçava no próprio pé, como de fato aconteceu. Alguns meninos ainda eram generosos e tentavam ensiná-lo, mas somente para desistir após alguns minutos; era um caso perdido.

Depois deste dia, foi criada uma rotina. Toda semana o menino inventava aos outros que sentia uma dor diferente: na barriga, na cabeça, nas costas, nos pés. Jonas fingia a dor, os professores e os colegas fingiam acreditar, e assim ele fugia da dificuldade que mais lhe atordoava; e resolvia o problema dos outros também, que não precisavam lidar com sua presença na quadra.

Com o tempo foi aprendendo a evitar outras situações que lhe traziam angústia, especialmente momentos onde sua inabilidade social aparecia. Vagarosamente, foi mudando seu jeito de vestir e seus gostos.

“Eu tenho uma inteligência superior, não preciso ir a esta festa, ou passar por esta dificuldade”. Um bom desempenho escolar reforçava para ele a ideia de que não precisava de nada além daquilo que já tinha. Seus pais, sem perceber o processo como um todo, se orgulhavam da maturidade do menino e acabavam fortalecendo a sua vaidade. Assim, a profunda solidão que ele sentia era ocultada por um mundo de ilusões que crescera junto com ele, até mudar completamente seu jeito de ser.

Ele estava sozinho.



Kátia parou de fazer cafuné em Jonas, mas ele, como um cachorro carente, pegou a mão dela e colocou-a de volta em seus cabelos, mexendo a cabeça para sentir o afago. Mas era tarde demais, ele já tinha voltado para a realidade.

Ele olhou para seu corpo nu refletido no espelho e, por um instante, sentiu-se como um homem medíocre. Incomodado com aquela imagem, logo se levantou, colocou seus óculos e começou a vestir sua calça de marrom duvidoso. Olhou-se no espelho e admirou sua imagem.

Tirou o dinheiro da carteira, jogou com desprezo sobre a mulher nua deitada na cama e retirou-se do quarto.



Ele passou pela roça onde viu algumas índias arando a terra, colhendo frutas e verduras e com a pele exposta no sol escaldante. Algumas delas traziam um bebê nas costas, preso por um pedaço de tecido envolvendo o corpo da criança e da mãe. Aquela imagem das mulheres grudadas com os filhos fez com que Theo pensasse em sua mãe e ele sentiu uma leve tontura. Provavelmente fora o calor que causara aquela vertigem, e Theo resolveu se refrescar no rio.

Chegando na prainha, colocou os pés na terra e a água escura e congelante do rio foi tocando seu corpo aos poucos. Resolveu mergulhar para acabar de uma vez com aquela tortura, até que foi se acostumando com a temperatura da água e começou a gostar dali.

Theo estava curtindo seu banho quando viu um homem nadando próximo a ele. Achou que já o tinha visto em algum lugar, foi se aproximando e resolveu puxar conversa. O homem tinha olhos puxados indígenas, mas sua pele era mais clara e parecia ter idade avançada.

“Você é o Theo?”

“Como você sabe?”

“Me falaram que chegaria um médico aqui na comunidade e eu vi você tentando falar com os índios lá na fila.”

“Quem é você?”

“Meu nome é Paulo.”

“Prazer em te conhecer, Paulo.”

Theo já estava saindo da água quando o homem o deteve.

“Espera. Antes de você ir, eu queria te falar uma coisa. Sobre a conversa que você tentou ter com os índios, percebi que você está tendo alguma dificuldade.”

“Você viu? Foi ridículo, eles não querem conversar comigo.”

Theo não entendeu por que um homem que não o conhecia estava preocupado com ele e lhe dando conselhos.

“Sabe, Theo, eu sei que para você a primeira coisa que se pergunta é o nome, mas para um índio desta região não é uma pergunta que se faça logo de cara. Para eles é muito ruim alguém saber o seu nome, principalmente o nome indígena. Talvez você pudesse tentar uma abordagem diferente com eles.”

“Como assim? Não posso perguntar o nome?”

“Poder, pode, mas eles se sentem desconfiados quando alguém faz isso.”

“Mas por que eles se sentem assim? Alguém aqui está sendo procurado pela polícia?”, riu.

“Eles acreditam que quem sabe o nome deles pode fazer um feitiço, causar doença, e até a morte. O nome define a pessoa.”

“Você só pode estar brincando. Com um nome? Não dá para acreditar.”

“Esse mundo é muito diferente do seu, Theo. Mas quem pode te ensinar muito mais sobre isso é a Kokayjho, a xamã desta comunidade. Você já a conheceu?”

Já não era a primeira pessoa que falava desta xamã para Theo, que ficou um pouco desapontado por não ter sido recebido pela liderança local.

Paulo já estava saindo da água para ir embora, mas lembrou de um corte profundo que havia feito em sua mão e achou melhor mostrá-lo para Theo.

“Você se incomoda se eu te pedir uma ajuda? Eu estava cortando coco, o facão escapou e cortei minha mão.”

Paulo mergulhou a mão na água para enxaguar o sangue e mostrar o machucado para Theo, mas foi surpreendido.

“Não faça isso!”, Theo segurou sua mão. “Esse sangue pode atrair piranhas. Tem piranha nesse rio, né?”

“Claro que tem.”

Ao ouvir isso, Theo saiu correndo da água, mas Paulo ficou lá, rindo, com uma expressão despreocupada.

“Sai daí, você pode ser devorado.”

“Meu filho, pode voltar. Nem tudo que você leu nos livros está certo.”

“De jeito nenhum, eu não quero ser comida de peixe.”

“Está cheio piranha aqui neste rio, mas você pode tomar banho tranquilamente.”

Ainda desconfiado, Theo respondeu:

“E aquela história daquele peixinho que entra na uretra quando se faz xixi e que só sai com cirurgia? O tal do Candiru?”

“Ele existe, sim, mas também não é desse jeito que os livros mostram. A chance de isso acontecer é muito pequena, nós tomamos banho no rio todos os dias e vimos um caso em anos. Todo mundo toma banho aqui. Vai ser muito difícil você encontrar piranha, candiru, sucuri, poraquê.”

“Poraquê?”

“É um peixe que dá choque, consegue até matar um jacaré. Mas pode ficar tranquilo, porque acidentes com estes animais são muito raros.”

Theo confiava muito mais nos livros que nos conselhos de um homem que acabara de conhecer e não quis mais voltar para a água. Como alguém que mora na mata poderia saber mais que autores e pesquisadores que passaram anos estudando o ecossistema da Amazônia e suas espécies, e registraram seus conhecimentos em livros e revistas conceituadas?

Paulo continuou sua rotina, vagorosamente juntando suas coisas, e Theo aproveitou que estavam sozinhos para saber mais sobre sua vida.

“Você nasceu aqui na aldeia, Paulo?”

“Eu sou filho de Manaus, mas minha família é do Ceará.”

“Então você não é índio.”

“Não.”

“E como você veio parar aqui?”

“Eu vim para servir esses povos que vivem no rio. Me mandaram, então eu vim. Vim e fiquei. Sou um missionário”



Paulo foi embora e Theo resolveu ficar na prainha do rio, deitado sobre a areia quente, pensando no que ele havia lhe falado. Como iria aprender a viver na floresta se mal conseguia ficar sem o ar condicionado ligado em sua casa? Pior ainda: como seus conhecimentos médicos poderiam contribuir com a vida naquela aldeia se ele era incapaz de resolver uma simples lombalgia?

Preocupado, Theo queria relaxar um pouco, descansar sua mente, e se sentou em uma rocha rente ao rio em posição sukhasana, com as pernas cruzadas e as mãos estendidas sobre o joelho. Apesar de não conseguir se conectar ao mare nostrum, gostava de navegar apenas para ficar em seu igarapé virtual, onde conseguia alcançar paz e se reconectar consigo, e não corria o risco de ser devorado ou ter a uretra invadida por peixes.

Fechou os olhos, se concentrou e logo estava em seu refúgio. Ficou por ali, se divertindo no seu rio particular, dentro de sua mente. Ali ele conseguia controlar a temperatura da água e ficar o tempo que quisesse em baixo da água, sem precisar emergir para respirar. No mundo dos sonhos, Theo se sentia Deus, capaz de controlar até mesmo a passagem do tempo.

Depois de relaxar e sentir sua mente equilibrada, Theo acordou e voltou para a aldeia. No caminho, viu seu pequeno paciente com algumas crianças brincando na frente das casas e correndo com dificuldade pela terra. Seus pés estavam descalços, úmidos e apenas um pedaço de gaze do curativo que Theo havia feito resistia em pendurado em volta de um dos tornozelos.

“O que você fez?”

Theo pegou-o no colo e, mais uma vez, esqueceu que ele não entendia o que ele falava.

“Olha só seu pé, está todo sujo de novo.”

Seus grandes olhos pretos o encararam de novo, mas, acostumado com a presença de Theo, abriu um sorriso deixando seus dentes comidos pela cárie aparecerem. Algumas índias saíram de suas casas e, vendo um homem branco com suas crianças, chamaram-nas e em um instante o terreiro estava vazio.

Theo olhou ao redor e não viu mais ninguém.

“Onde está a sua mãe? Venha, vamos proteger isso de novo.”

Theo levou o indiozinho para seu consultório e foi para o almoxarifado procurar um curativo mais forte. A pequena sala de materiais tinha cheiro de mofo e um forro despencando do teto. As prateleiras só guardavam materiais simples e o melhor que Theo encontrou para

tentar evitar que seu curativo molhasse foram sacos plásticos.

Ele voltou para a sala e começou a limpar a sujeira dos pés do garoto, ao mesmo tempo que foi se empolgando e começou a remover com cuidado mais bichos do pé. Dessa vez Theo não tinha balinhas para distraí-lo e ele chorava mais ainda de dor. Com pena do menino, ele tentava colocar uma anestesia superficial, o que aliviava um pouco a dor. Fez um novo curativo nos pés da criança e colocou-os dentro dos sacos plásticos. E quando colocou o menino no chão, um pacote de chocolate caiu de seu bolso.

“Então foi você, seu ladrãozinho. Esse chocolate é meu!”

Theo tirou o chocolate da criança e guardou-o na gaveta.

“Como você encontrou?”

O menino cobriu a boca com as mãozinhas e, com uma cara levada, piscou olhando para ele.

“Pode ficar, mas só com esse. Mas não quero mais que você entre no meu quarto e nem mexa nas minhas coisas.”

Ele levou o garoto de volta para o terreiro, mas não havia mais ninguém fora das casas e ele não sabia onde deixá-lo. Então viu uma senhora entrando em uma das casas e, ressabiado, foi espiá-la na habitação.

“Alô, alô. Tem alguém aí?”

Uma senhora com o rosto pintado, fumando um cachimbo, apareceu.

“Eu queria devolvê-lo para a família dele. Você sabe onde está a mãe dessa criança?”

A senhora olhou para os pés do menino e, com uma expressão preocupada, pegou-o no colo e entrou na cabana.

“Ele não pode pisar na terra, está quase perdendo os pés”, Theo gritou do lado de fora.

A anciã virou, olhou para Theo indicando que entendeu a recomendação e desapareceu dentro da casa.



“Eu fiz um bolo para você, querido. Do jeito que você gosta.”

Marc estava inquieto e Teresa parecia fazer de tudo para acalmá-lo. Sentado na *chaise longue* da sala de estar, batia seus pés no chão sem parar. Fazia tempo que o alarme não avisava de uma nova missão e ele se perguntava por que seu chefe estava demorando tanto para convocá-lo.

“Deixa em cima da mesa, daqui a pouco eu como.”

Ele se levantou e começou a andar de um lado para o outro. Apesar de não ser mais um recruta, toda missão o deixava tenso, mas não ter nenhuma missão era pior ainda. Para se acalmar, ele repassava em sua mente todas as horas de treinamento. Mesmo depois do sucesso das primeiras missões, passava tantas horas no simulador que até decorou cada etapa. Avançava com sucesso no jogo de tiro, no labirinto da morte e nos enigmas da história, e assim se mantinha mais do que pronto para ser chamado. A tela do escritório, no entanto, ficava dias sem qualquer movimento.

“O que foi, querido? Por que está tão tenso?”

Marc finalmente parou de andar e colocou as mãos na barriga da esposa.

“Quando nosso filho crescer, Teresa, vou ensiná-lo a ser um soldado leal, igual ao pai dele.”

Ele apertou sua barriga na tentativa de fazer o filho se mexer, mas, como sempre, ele continuava imóvel. Marc não fazia a menor ideia de quanto tempo fazia que sua mulher estava grávida, mas sonhava em ter o filho perto dele para ensiná-lo tudo o que aprendera. De repente, ouviu um alarme vindo de seu escritório.

“Finalmente.”

Sem se conter de tanta alegria, ele foi correndo para o cômodo e viu na tela de LCD o código da próxima missão: DREAM1438.

Pegou seu casaco e desceu para o porão. Teresa foi atrás dele com o pedaço de bolo e, antes que ele atravessasse a porta que levava para a sala secreta, o entregou. Marc não estava com vontade, mas comeu só para agradecer a mulher.

“Querido, acho melhor você não ir dessa vez.”

“Você está louca, Teresa? Preciso proteger você e nosso filho dos inimigos da liberdade. Essa é a minha vida.”

“É que você anda muito nervoso.”

“Fica tranquila. Eu sempre volto.”



A hora do banho parecia uma festa. Bastava o sol nascer para que as famílias fossem para o rio, onde as crianças pulavam na água e algumas mulheres aproveitavam para lavar as roupas cantando. Depois das explicações de Paulo sobre os animais das águas, Theo começara a se acostumar um pouco mais com a ideia de tomar banho

ali, e até aceitou quando Fernanda o chamou para acompanhar os índios pela manhã. Ela já se comportava como um deles e nadava no meio das mulheres, como se fizesse parte do clã, mas ele preferia se banhar sozinho, na margem do rio. E mesmo que a maioria estivesse nua, ele não se sentia confortável de tirar a bermuda.

Caminhando estabonado de uma pedra para outra, pisou em uma rocha com musgos e escorregou caindo de bunda. Quando olhou para o lado, viu as crianças gargalhando do seu jeito atrapalhado mas acabou rindo com elas.

Aqueles banhos coletivos o faziam sentir mais confiante, e, por isso, resolveu abordar os índios novamente para convencê-los a passar por sua consulta médica, desta vez sem perguntar seus nomes. Estava certo de que eles iriam aceitar mas todos ainda viravam as costas para ele, rejeitando-o novamente.

Passou mais um dia estudando, sem nenhum paciente para ver. No final do dia, cansado, resolveu ir até a beira do rio exercitar sua navegação para tentar relaxar e lidar com a grande frustração que sentia.

Quando passou pela escola, não acreditou no que viu. O garoto que ele já tinha tratado duas vezes estava sentado sozinho no terreno, brincando pelado no chão, todo sujo de terra e com os pés novamente descobertos. Theo sentiu um cheiro ruim, foi procurar de onde vinha e encontrou um monte de lixo jogado no chão, perto de onde eles estavam.

“Aqui não é lugar de brincar, ainda mais desprotegido desse jeito!”

Quando pegou-o no colo para dar-lhe uma bronca, viu que o problema da tunga era pior do que ele imagi-

nava. O bumbum do menino também estava gravemente infestado de bichos e não sabia como ele ainda conseguia se sentar.

Theo levou-o novamente ao seu consultório, decidido que, dessa vez, seu curativo não ia falhar. Tirou um pouco dos bicho-de-pé do seu bumbum, fechando o tratamento com gaze. Tratou novamente seus pés e, para finalizar o procedimento do dia, deu inúmeras voltas de gaze e prendeu-a com fita silver tape.

“Agora, sim. Quero ver você aprontar com um curativo desse!”

Para garantir o sucesso da operação, Theo tirou seu Crocs e colocou nos pés da criança. Os pés de Theo eram três vezes maior que o do menino, mas o curativo fazia tanto volume que garantia que o sapato ficasse preso em seu pé.

Parecendo um palhaço, o garoto se equilibrava de um lado o outro, como se o sapato fosse seu mais novo brinquedo, e Theo não conseguiu segurar o riso.

Deixou o menino no pátio com outras crianças e resolveu ficar ali observando-o, queria se certificar que ele não estragaria o curativo dessa vez. O garoto estava comportado, mas outra coisa chamou a atenção de Theo. Ele observou as outras crianças sentadas na terra e viu que, apesar de seus pés também estarem desprotegidos, nenhum deles tinha os pés como o do seu pacientinho.

Theo ficou intrigado com aquilo, mas decidiu pensar nisto depois, já estava escurecendo e não queria ficar ali naquele horário para evitar os carapanãs, como eles chamavam os pernilongos que eram muitos por ali, mas, quando percebeu que as mães das crianças passavam pelo pátio, faziam um sinal e eram seguidas pelos seus filhos

decidiu enfrentar os pernilongos na expectativa de conhecer a mãe do menino.

O tempo foi passando, as crianças indo para suas casas e o pátio foi ficando vazio. O menino que Theo tratara ficou lá, sozinho, e Theo não conseguia ir embora e abandoná-lo ali. Pegou-o no colo e levou-o novamente à casa da senhora, o único lugar que ele sabia que poderia deixá-lo.



“Oi, tem alguém aqui?”

Theo ficou esperando do lado de fora da casa segurando no colo seu único paciente.

Só depois de um bom tempo a mesma senhora que ele havia encontrado anteriormente apareceu. Ela estava igualzinha à ocasião anterior. Mesmo agora, no lusco fusco do entardecer, pôde notar as marcas profundas no seu rosto que denunciavam anos de exposição ao sol, mas ainda assim Theo não saberia dizer a idade daquela índia.

“Você pode me ajudar?”

A senhora esticou os braços, pegou o indiozinho no colo e se virou para entrar. Vendo aqueles sapatos enormes nos pés do menino, os arrancou e jogou no chão.

“Não tira, isso é para protegê-lo.”

A anciã o ignorou novamente, entrou na casa e desapareceu no escuro da casa sem janelas.

“Você pode me explicar onde está a mãe desse menino?”

Dessa vez Theo não queria ficar sem resposta e entrou na casa mesmo sem ser convidado. Ele percebeu que ela era feita de uma estrutura de troncos de madeira, todos cobertos com palha, e algumas frestas deixavam os últimos raios de sol do dia entrarem. Estava suja, cheia de moscas sobre papéis de bolacha jogados no chão.

“Escuta, eu sou o médico dele.”

A senhora continuava ignorando a presença de Theo.

“Eu preciso falar com a família dele, ele não pode mais pisar descalço na terra, nem arrancar esses curativos. Ele estava quase perdendo os pés e, se continuar assim, é o que vai acontecer.”

A senhora finalmente parou o que estava fazendo e resolveu atender Theo. Com as mãos, convidou-o para se sentar sobre um pedaço de pano colorido que estava esticado no chão. Ele se sentou e o indiozinho foi se aconchegar em seu colo. O gesto do menino pareceu ter agradado a senhora.

“Você quer saber onde está a família dessa criança?”

Theo ficou aliviado ao ouvi-la falando sua língua.

“Eu vou contar.”

Ela deu uma longa pitada no cachimbo.

“Picún também é filho de guerreiro, todo mundo aqui é. Mas Jeunamá, seu pai, cansou da vida na floresta. Foi para o exército e acabou sendo pervertido, ficou branco, não quis mais voltar.”

Theo já estava acostumado a ouvir histórias como essa, mas na cidade não era o exército que fazia os homens largarem as mulheres grávidas, e sim, na maior parte das vezes, a dependência pelo álcool ou a sede de liberdade.

“Isso não é motivo para esse garoto ficar sozinho. Onde está a mãe dele? E ela não pode cuidar sozinha do filho? Isso é muito comum onde eu vivo.”

Theo não gostava de pronunciar a palavra mãe, pois para ele, que foi abandonado logo que nasceu, o conceito de mãe era quase teórico. Mas aquela situação atípica lhe deu um percepção que até ele desconhecia.

“Talvez seja comum na cidade, mas aqui uma mulher ou um homem sozinhos não conseguem criar os filhos sem o apoio um do outro.”

A senhora então separou um pouco de fumo em uma tigela de barro e começou a colocá-lo no cachimbo. E começou a pitar.

“Naiara, a mãe de Picún, já tinha filho de um ano quando soube que estava grávida. Ficou sozinha, deixada por Jeunamá. Teve medo. Chegou a fazer a cova para enterrar Picún logo depois que ele nascesse. Todos diziam que seria mais fácil sem ele.”

Theo já ouvira falar dos infanticídios nas aldeias e teve um arrepio só de imaginar que ali as histórias que ele lia saíam dos livros e ganhavam personagens de carne e osso. Então olhou para o garoto encolhido em seu colo e ficou feliz por ele estar ali.

“E o que a fez desistir?”

“Um padre missionário visitava nossa aldeia naquele tempo. Disse para ela não fazer isso porque Deus não gostaria.”

“E onde está Naiara agora?”

“Trabalhando na roça com Tutáque, o filho mais velho. Não consegue cuidar dos dois.”

“Mas por que ela não cuida do Picún também? Por que não consegue?”

“Naiara é mãe solteira. As outras mulheres têm companheiro pra caçar, pescar, construir a casa, então elas plantam. Mas Naiara não tem, então ela tenta fazer tudo, muitas vezes não consegue.”

“E ela pode se casar de novo?”

“Ela é bonita e conseguiria um marido, mas todos têm medo de Jeunamá, ele pode voltar.”

Theo estava começando a entender a dinâmica daquelas pessoas, mas ainda levaria muito tempo para que pudesse entender completamente seu jeito de ser. Ele precisava ser prático: será que o garoto teria o que comer naquela noite? A anciã pareceu adivinhar os seus pensamentos.

“Hoje eu tenho farinha sobrando, mas não é sempre. Vou levar para ela. Naiara nem sempre dorme em casa, mas hoje ela está lá. Picún vai comigo, e deixo ele com a mãe.”

A senhora já estava saindo quando Theo viu que seus Crocs continuavam jogados no chão e ficou preocupado. Do jeito que o garoto era levado, nem mesmo o grande curativo de gaze que ele fizera e prendera com fita silver tape seria suficiente para resistir às suas travessuras na terra.

“Espera!” Theo recolheu os sapatos e os colocou nos pés do menino. “Não deixa ele tirar esse sapato, ele protege dos bichos.”

A anciã sabia que aquele objeto de borracha não resolveria o problema, mas foi embora sem falar nada. E Theo percebeu que teria de arranjar uma solução melhor para salvar os pés daquele menino.



Nesta época de celular, falar no orelhão era meio ridículo, mas era o que ele tinha.

“Perdemos mais um, Theo. Mestre Young foi encontrado em sua cama.”

“Não acredito. Precisamos fazer alguma coisa para deter esses ataques. Mas não posso fazer nada enquanto estiver isolado nessa floresta.”

“Fique tranquilo, Theo, providências já estão sendo tomadas.”

“Eu seria mais útil se estivesse aí.”

Alcântara ficou em silêncio e Theo resolveu falar sobre o que lhe preocupava.

“Mestre, preciso te pedir um conselho. Conheci uma criança indígena e seus pés estavam tomados por tungas, quase perdendo os dedos e as solas completamente arruinadas. Dá pra imaginar crianças perderem os pés devido a uma infestação de um inseto no século XXI? Preciso fazer alguma coisa. Bicho de pé, mestre!”

“Sei, Theo”, Alcântara se lembrou da primeira vez que visitou a Amazônia com o pai de Theo e em como as particularidades daquele universo haviam lhes surpreendido.

“Tem algum jeito de descontaminar essa areia, mestre? A areia em volta das casas está imunda e contaminada, cheia de pulgas prontas para infestar quem pisa descalço. Você poderia falar com a faculdade de biologia. Deve ter alguma pesquisa nessa área, algum pesticida para jogar no terreno.”

“Vamos ver, Theo.”

“O doutor Beny pode ajudar, ele é dermatologista, já trabalhou em campo. Você tem o e-mail dele?”

“Fica tranquilo, Theo, vou falar com ele. Mas duvido que a solução seja muito complexa. Eles vivem assim há

séculos, se não tivesse saída teriam todos ficado sem os pés!”

Theo estava tão nervoso e fissurado na ideia de descontaminar o terreno que não considerava nada que seu mestre falava.

“Eu já protegi os pés do menino de todos os jeitos, mestre, ele não para quieto e estraga todo o curativo. Vamos ter de descontaminar o terreno, não tem outro jeito.”

“Theo, a Amazônia tem seus próprios problemas e as suas próprias soluções. Você vai encontrar uma saída. Você já falou com a Xamã?”

“Com quem?”

O telefone ficou mudo, Theo tentou ligar de novo várias vezes, mas a ligação não completava.

“Não acredito. Alcântara? Alô?”

Ele colocou o telefone no gancho, sentindo-se completamente desamparado. Como conseguiria resolver aquele problema sem se conectar ao mare nostrum e ainda por cima sem conseguir falar com seu mestre? Ele era o único médico em um raio de centenas de quilômetros, Theo teria de encontrar uma saída sozinho.



“E aí, cara? Achei que não te encontraria mais.”

“Como assim?”

“Eu vim aqui um dia desses, mas você não estava. Foi viajar?”

Marc achou melhor não falar nada para Fred sobre a missão para a qual Senhor D. lhe enviara.

“Tive de ficar um tempo fora. Você encontrou com minha mulher?”

“Não, ela tava lá fora, passeando na praia. Como você não tava, fui embora logo.”

“Mas nem trabalhou?”

“Eu não gosto de invadir a casa dos outros, não. E tua casa tá sempre tão limpa, né, doutor? Mas fica tranquilo, não precisa me pagar nada dessa vez, não.”

Fred se lembrou da reação de Marc ao falar de dinheiro na sua última visita e achou melhor mudar de assunto.

“E aí, como foi a viagem?”

“Viagem, que viagem?”

“Ué, a viagem que o senhor fez. Foi trabalhar?”

“Ah, certo. Fui, fui sim. Negócios da empresa.”

Marc se lembrou do terrorista e de sua célula de resistência. Não pôde segurar o sorriso enquanto pensava na forma como tinha desbaratado o grupo. Foi um bom trabalho: além do chefe, havia derrotado e eliminado vários aprendizes, não resistiu.

“Sabe, tem um pessoal querendo acabar com tudo. Mas eu não deixei, não. Estavam escondidos em um pântano, mas fui lá e acabei com a festa, peguei até o chefe. Agora eles não representam mais perigo, nosso mundo está salvo.”

“Ah, o senhor parece ser muito importante, esta casa e tudo mais. O que o senhor faz?”

Marc pensou em como poderia continuar conversando com Fred sem quebrar o contrato de confidencialidade que havia assinado com o Senhor D.

“Eu protejo nosso mundo, nosso jeito de viver. Tem gente querendo acabar com tudo, alguém precisa proteger o futuro dos nossos filhos. É bem complicado, sabe?”

Querem descobrir os segredos.” Marc gostou de ver como Fred estava admirado com seu trabalho. “Pois é, esse é meu papel”, disse, orgulhoso.

“Pô, que bacana. E o que eu posso fazer pelo senhor hoje, chefe?”

“Eu quero que você limpe bem o quarto do meu filho. Deixe tudo bem caprichado.”



“Você que é o médico novo?”

Theo estava na cozinha tentando matar a sede com a mesma água amarela e tomou um susto quando a senhora entrou. Ela era baixinha, magra, com a pele escura e os olhos levemente puxados, claramente mestiça. Sem qualquer motivo começou a rir, uma risada enorme.

“Prazer, meu nome é Theo.”

Ele estendeu as mãos para cumprimentá-la, mas ela logo lhe deu um abraço.

“Não precisa de tanta formalidade comigo, não.”

A senhora trazia um cesto cheio de ingredientes e Theo ajudou-a a descarregá-lo.

“Muito obrigada, menino. Eu sou a Osmarina. Sabe aquele monte de coisa gostosa que você comeu esses dias? Então, fui eu quem fiz.”

Ela deu mais uma risada daquelas e Theo achou melhor omitir que estava achando seus temperos estranhos demais para seu paladar.

“Chega pra lá, menino, que hoje eu começo cedo. O cardápio vai ser especial.”

Osmarina começou a picar algumas folhas e Theo ficou observando seu trabalho.

“Pode tirar o olho, viu, porque esse aqui é só para comer de noite. Eu estou me adiantando porque à noite vou descansar.”

“Você que sempre cozinha aqui, Osmarina?”

“Sou eu, sim. Eu também dou aula, mas sempre sobra um tempinho para ajudar aqui. E ganhar uns trocados, né?”

“Então você mora na aldeia faz tempo?”

“Ah, faz muito tempo, sim. Eu nasci aqui. Meu pai era de Pernambuco, mas minha mãe era daqui, era índia. Era linda, Marina sua graça. Do meu pai era Osmar.”

“Então ficou Osmarina.”

“Isso mesmo, menino esperto.” E riu com gosto de novo.

Theo achou graça naquele jeitão da moça. Percebeu que ela era mais pernambucana que índia, e se sentiu à vontade para fazer mais perguntas, especialmente sobre a infestação das tungas, e pediu ajuda a ela.

“Eu percebi que quase todas as crianças aqui têm bicho-de-pé. Sempre foi assim?”

“Aaah, sempre. Eu tive, meus pais tiveram, meus avós também. Dizem que só os muito antigos que não tiveram.”

“E vocês não se preocupam com isso?”

“Não tem de se preocupar, não.”

“Eu conheci uma criança que já estava quase sem os pés.”

“Sempre foi assim e todo mundo dá um jeito. Porque não tem outro, né?”

E riu de novo.

“Mas vocês não fazem nada para resolver?”

“É que não tem o que fazer né. Isso começou quando a tribo parou de mudar de lugar. Antes eles se mudavam o tempo todo, quando gastava a terra iam embora para outras bandas. Mas aí começou a vir as construções mais firmes de tijolos, eletricidade e os benefícios do governo e a comunidade parou de se mudar. Quando uma comunidade fica muito tempo no mesmo terreno, não tem jeito. O chão fica tudo sujo, e aí vem esse bicho, baratas, ratos e o cheiro ruim, você já sentiu? As pessoas estragam o chão.”

“Entendi. Mas as tungas, digo, os bichos-de-pé, atacam mais algumas pessoas do que outras, e ainda não entendi por quê. Tô pensando em como dar um jeito nisso. Um professor muito famoso, dermatologista, lá de São Paulo vai...”

“Ih, tá faltando a mandioca! Eu vou lá buscar.”

Osmarina deixou Theo falando sozinho. Apesar de incomodado, ele aproveitou para beliscar os ingredientes que ela estava preparando. Cheirou um pedacinho das folhas verdes, colocou-as na boca e se assustou quando sentiu sua língua adormecer. Não era um grande gourmet, mas sabia que aquilo só poderia ser jambu.

Empolgado com a nova descoberta, se divertiu comendo as folhas e sentindo seu efeito na boca.



Theo ficou deitado na rede, pensando em tudo o que a anciã lhe havia dito, a história sobre Picún, que quase fora morto ao nascer, e a dificuldade que a mãe tinha em cuidar dele sozinha.

“É de cortar o coração! Tenho que fazer alguma coisa.”

Falou para si mesmo, lembrando-se do dia em que o conheceu, o menino mancando, quase sem conseguir caminhar.

Pensou também no que Osmarina lhe havia contado sobre a contaminação do terreno e decidiu que, enquanto a ajuda do médico de São Paulo não chegasse, ele mesmo iria dar um jeito de resolver a infestação de tunga na aldeia. Theo não acreditava que, com toda a ciência que conhecia, algo tão simples como tungas poderia colocar em risco os pés de uma criança.

Ele já traçava um plano com as providências que iria tomar quando Fernanda chegou e o tirou do pensamento.

“Ah, você está aí? Espero que não tenha te acordado.”

“Tudo bem, eu não tava dormindo.”

Fernanda entrou no quarto e Theo viu que ela vestindo apenas shorts e sutiã, sua pele estava inteiramente riscada com finos traços pretos, feitos com carvão, formando um grande desenho.

“Tá bonita. Do que é feito?”

“A pintura é com carvão, mas junto com o carvão tem jenipapo. O carvão apaga no banho e elas usam só para poder enxergar o próprio desenho. Depois o carvão apaga, mas a pele se queima por causa do jenipapo e fica marcado. Dura pouco, que nem henna.”

“Legal. E pra quê tudo isso?”

“É que vai ter uma grande festa dos índios. É uma cerimônia, você nem imagina, é a coisa mais louca do mundo.”

“Opa, então vou me arrumar. Será que alguém me pinta também?”

Theo já estava se levantando quando Fernanda logo o interrompeu.

“Melhor não, Theo. Dessa vez você não foi convidado.”

“Mas por quê? Eu quero participar dessa festa.”

“Sabe o que é, Theo? É uma cerimônia muito importante para os índios, até a xamã participa. Eles não gostam de estranhos participando.”

Ele fingiu que não ligou, até explicou para si mesmo que acabara de chegar, mas Theo ficou muito chateado por não ser convidado e muito curioso em conhecer aquela festa. Queria saber como era o ritual e principalmente conhecer a xamã.

Depois que Fernanda foi à festa, até pensou em ir espiar, mas como chegar sem ser visto a uma casa no meio de um terreiro de 200 metros de raio? Por fim desistiu e ficou sozinho no polo ouvindo os distantes batuques e cantos que vinham com o vento.



Aquele ritmo constante fez com que Theo ficasse sonolento e logo caísse no sono.

Enquanto dormia, ele viu dois homens e uma mulher conversando ao pé de uma fogueira, separados dos índios que dançavam e cantavam formando uma roda. Na dança, eles batiam os pés na terra dura, fazendo com que as sementes penduradas em volta de seus tornozelos soassem como chocalhos.

Theo estranhou quando percebeu que os homens sentados em volta da fogueira eram Alcântara e seu pai. Se surpreendeu mais ainda quando viu que ao lado de seu pai estava uma bela índia que, apesar de estar vestida

para a cerimônia, não dançava junto aos seus; ao contrário, mantinha uma postura muito íntima e próxima dos dois homens brancos.

Theo acelerou o passo para se aproximar e ver melhor seu pai, queria ouvir o que ele conversava com Alcântara e com a índia. Quanto mais caminhava para perto deles, porém, mais eles pareciam distantes. A bela índia olhou para seus olhos e fez uma pequena menção de balançar a cabeça negativamente, e nesta hora tudo começou a ficar turvo e ele voltou.

Num susto, Theo abriu os olhos e se viu deitado em sua rede. Acordou sem saber o que estava acontecendo, mas logo se acalmou: tudo não passara de um sonho. Algumas vezes era difícil separar as fantasias de seu cérebro das lembranças de outras pessoas que visualizava enquanto navegava. Neste caso, porém, mesmo estando isolado na Amazônia – e apesar da sensação de realidade do que viveu –, Theo sabia que era um sonho, pois não conseguiria se conectar com o cérebro de seu mestre ou do seu pai, a muitos e muitos quilômetros dali. Então, estas não poderiam ser memórias de nenhum deles. A índia, ele nunca havia visto, pelo menos não que se lembrasse.



Depois de tomar banho no rio com os índios, como Theo já aprendera a fazer todas as manhãs, ele foi procurar Fernanda no consultório dela.

“Foi legal a festinha ontem?”, perguntou, tentando fingir que não se importava em não ter participado.

“Não foi nada demais, Theo. Quem sabe na próxima eles te chamam.”

“A xamã estava lá, mesmo?”

“Claro que sim. Não dá para fazer a cerimônia sem ela.”

“E onde ela está agora? Preciso muito falar com ela.”

“Ih, Theo, ela partiu hoje cedo.”

“Como assim partiu? Ela quase nunca está aqui, e quando vem já vai embora?”

“Theo, fala sério, como eu vou saber? Eu não mando nela.”

“Fernanda, eu boleei um plano, já pensei em tudo. Vou ajudar essa tribo a não ter mais doença no pé, vou ensinar eles a recolher o cocô dos animais, a jogar o lixo no lugar apropriado.”

Fernanda ouvia Theo com uma expressão de descrença, mas ele não se importou e continuou a falar.

“Não tem como falhar, Fernanda. Mas eu queria falar com a chefe daqui antes de começar.”

“Ela pode demorar pra voltar, Theo. A gente nunca sabe quando ela vem ou vai.”

“Eu não posso esperar, Fernanda. Eu posso ter algum problema se não pedir autorização para ela?”

“Não, Theo. As coisas aqui são bem diferentes, todos têm liberdade para fazer o que quiserem. A pajé é importante para outras coisas, não para isso.”

“Como assim, que tipo de coisas?”

“Relação com o místico, nada a ver com cocô de animais, Theo.”

Theo queria muito saber compreender melhor o que Fernanda queria dizer com místico, mas estava tão excitado com a ideia de resolver o problema das tungas que deixou passar.

“Eu vou começar hoje, Fernanda. Você me ajuda?”

“Theo, eu não quero te desanimar, mas isso não vai dar certo.”

“Não tem como dar errado.”

“Theo, eles vivem assim há muitos anos. É muito difícil mudar os hábitos de uma comunidade.”

“Fernanda, eu já estudei muito sobre doenças causadas por falta de saneamento básico, na faculdade. Eu sei exatamente o que precisa ser feito.”

Fernanda percebeu que nada faria Theo mudar de ideia, e achou melhor não contrariá-lo mais.

“Tá bom, Theo, vai lá. Boa sorte.”



“O que ele está fazendo?”

Os índios olhavam para Theo e não entendiam nada. O médico recém-chegado varria a areia do terreno que ficava perto da escola, onde as crianças costumavam brincar depois da aula, tentando retirar toda a camada superficial da areia em um trabalho quixotesco.

Quando Paulo passou por ali viu uma nuvem de pó, e se aproximou para ver o que era.

“Paulo, você pode continuar isso aqui pra mim só um minuto? Eu vou ali pegar um negócio e já venho.”

Theo nem esperou Paulo responder e saiu. Quando voltou, trazia um carrinho de mão e uma pá.

“Você chegou na hora certa, eu não ia conseguir fazer isso sozinho. Você segura a pá pra mim enquanto eu empurro a terra?”

“O que você está fazendo, Theo?”

“Presta atenção, Paulo. Sabe essa terra que está na superfície? Ela está totalmente contaminada. Eu vou tirar ela daqui, vamos deixar tudo limpo. Assim as crianças não vão mais pegar bicho de pé.”

“Mas Theo, essa terra logo vai estar contaminada de novo.”

“Não vai, não, porque eu vou ensinar os índios a evitar a contaminação.”

“Theo, isso não vai dar certo.”

Theo não quis dar ouvidos ao que Paulo dizia e continuou seu trabalho sozinho. Colocava a terra contaminada no carrinho e levava-a até um local afastado. Então começou a recolher o lixo que estava em volta do terreno, encontrando de tudo: embalagens, restos de comida, cocô de cachorro...

Depois de um dia inteiro de trabalho, Theo olhou para o monte de resíduos que havia feito e ficou espantado com o tanto de terra e de lixo que havia recolhido. Então, pegou um desinfetante que era usado no polo-base e jogou sobre o terreno. Os índios que passavam apenas olhavam o que ele estava fazendo e iam embora, sem falar nada.

Quanto terminou, Theo estava cansado, mas satisfeito com seu trabalho. Foi tomar um demorado banho no rio, se lavou bem com sabonete, enojado com tudo que havia limpado mas feliz por sentir que tinha mudado a história da comunidade.



Fred tinha recebido seu salário do mês e convidou o amigo para comer um x-burguer no bar que eles costumavam ir.

“Tá com uma cara de cansado, irmão. Não vai me dizer que tá trabalhando mais?”

“Tô nada, Zé, tô trabalhando igual. É que agora já não consigo dormir como antes no trabalho.”

“Te descobriram? Eu falei para você tomar cuidado.”

“Não é isso, não. É que agora eu tô conversando com o paciente lá na UTI.”

“Mas você não falou que eles estavam malzões, à beira da morte?”

“Estão, sim. Mas eu falo com ele quando tô dormindo, no sonho. É um negócio muito louco.”

“Cruz credo”, Zé fez o sinal da cruz. “Minha vó que falava que a alma da gente saía do corpo quando a gente dormia. Não mexe com essas coisas não, Fred.”

Fred deu risada do amigo.

“Não tem nada a ver com isso, não, Zé. É um negócio diferente, eu acho que nossas mentes se conectam.”

Zé ficou olhando para o amigo sem entender. Fred continuou:

“Eu percebi uma coisa naquele prédio: a parede é diferente, no cimento tá cheio de fio, é como se tivessem prendido a alma do cara lá dentro, por isso eu só sonho com ele e com aquela casa. Dá muita pena.”

“Pena? Ele que está morando no casarão e vivendo vida de rei, não é?”

“É difícil explicar, é triste, meu. Eles não deixam o cara morrer nem sonhar, por isso faço companhia pra ele. Eu tive que mentir para o médico.”

“Médico? Você tá doente?”

“Nada, fui chamado para avaliação de rotina, falei tudo, o que eu como, quanto eu durmo, mostrei uns exames. Só não falei que eu tô conversando com o paciente. Esses chefes são meio esquisitos, sabe? Não gostam que ninguém nem entre naquela UTI, fiquei com medo de ser mandado embora.”

“Tá certo, não dá para arriscar, mesmo. Agora, só você para ter pena desse cara importante assim. Ele que tem pena de você!”, riu.



“Oi, posso entrar?”

Uma índia com o olhar assustado, carregando um bebê no colo, apareceu para atender ao estranho homem branco que lhe chamava na porta de sua casa. Só quando ela viu que ao lado de Theo estava Marcos, o conhecido agente de saúde indígena, se sentiu mais tranquila para deixá-los entrar em sua casa. Não havia sido fácil para Theo convencer o agente a acompanhá-lo, mas ele sabia que não seria recebido se estivesse sozinho.

“Iamacunrê, esse é o Theo, o médico que veio da cidade.”

A índia ouvia Marcos e observava Theo de canto, com um olhar de desconfiança.

“Esses cachorros são seus?”

Iamacunrê não respondeu.

“Cachorro não tem dono, não, doutor”, disse Marcos.

“Isso é muito estranho pra mim. Olha, eu trouxe essas sacolas que é para ela jogar o lixo dentro e depois fechar.”

“Deixa aí no canto.”

“Não, Marcos, precisamos explicar por que é importante jogar o lixo dentro na sacola.”

“Tá certo. Iamacunrê, o doutor está pedindo para vocês jogarem os restos de comida, as embalagens, tudo aqui dentro, e depois deixar fechado. Assim os bichos não pegam e espalham tudo por aí.”

Iamacunrê olhava para Marcos achando que ele estava falando uma coisa de outro mundo, e Theo resolveu passar para os próximos passos.

“Bom, Marcos e Iamacunrê, lá onde eu moro, muita gente tem cachorro dentro de casa, e ninguém pega doença no pé. Sabem por quê? É porque tem um jeito de ensinar eles a fazer xixi e cocô no lugar certo.”

Os dois olhavam para Theo como se ele fosse um extraterrestre.

“É super simples, eles aprendem rapidinho.”

Theo chamou o cachorro que estava ali para perto dele e se agachou.

“Vamos fingir que esse cachorro acabou de fazer cocô aqui. Você pega o focinho dele, esfrega no cocô e dá umas palmadas nele. Assim ele entende que tá errado.”

Theo ia fazendo gestos enquanto explicava.

“Depois de fazer isso, você pega o cocô dele e coloca lá fora, em cima do papel que eu coloquei perto da porta. Venham ver.”

Os três saíram da casa e viram um pedaço de papel ao lado da porta.

“Aqui vai ser o novo banheiro dele.”

Theo colocou o cocô em cima do papel e fez carinho no cachorro.

“Muito bem, é aqui que você tem de fazer cocô.”

Theo então se levantou e continuou sua explicação.

“Depois de algumas vezes que vocês repetirem isso, o cachorro vai entender que, quando ele faz cocô ali, ele ganha um carinho. Pode ser que demore um pouco, mas é só repetir várias vezes que ele vai aprender.”

Iamacunrê não estava gostando nada daquela performance de Theo, e Marcos achou melhor ir embora.

“Tá certo, doutor. A Iamacunrê aprendeu, né? Vamos voltar pro polo-base agora.”

“Tá bom. Tchau, Iamacunrê. Tchau menininho.”

Todo feliz, Theo tentou brincar com a criança que estava no colo da índia, mas ela, com uma expressão completamente oposta à de Theo, não deixou.

“Não esquece do saco de lixo, hein?”, disse, sorridente.

Quando estava voltando para o polo-base, Theo passou pelo terreno da escola, onde passara o dia trabalhando, e não acreditou no que viu. Três crianças pelas brincavam no monte que ele havia feito, em meio ao lixo e a terra contaminada, entre elas o indiozinho que ele havia tratado.

Ele foi correndo até o monte e tentou tirá-las no grito.

“Saíam daí, está tudo contaminado!”

As crianças não lhe obedeceram, e ele resolveu pegá-las no colo e tirá-las à força dali.



Depois de tomar outro banho, Theo foi dar uma volta na aldeia para se acalmar. Não era possível que as pessoas dali preferissem viver daquele jeito, com tudo contaminado e sujo. Ele não conseguiria fazer aquilo sozinho, mudar a maneira de pensar deles era mais difícil do que imaginara, desde convencer o paciente a alongar os músculos e diminuir a carga de trabalho, até ensinar as pessoas que cocô de cachorro causa doenças.

Passando pelas ocas, viu uma índia sentada no chão com a filha pequena no colo. Ela havia tirado o brinco de agulha da orelha e, com ele, cutucava o pé da filha até conseguir tirar um bicho de pé. A pequena esticava o pezinho como que acostumada com o ritual. Para surpresa de Theo, após retirar o inseto, ela o colocou na boca, mastigou e engoliu.

Apesar de enojado, Theo continuou observando o minucioso trabalho da índia, tirando bicho por bicho e comendo, até que ela percebeu que estava sendo observada.

“O que você está fazendo?”

“Limpando o pé dela. Se não toma tudo.”

Vendo aquela cena, Theo percebeu que a cultura simples daquelas pessoas já havia encontrado as respostas que ele procurava, e que tudo era muito mais simples do que imaginava. Extasiado com a descoberta, saiu correndo para o polo-base.



“O que é isso no seu pescoço?”

Fernanda já estava achando Theo diferente desde que o conhecera na viagem que fizeram de barco até a aldeia. Ele estava com a pele mais morena e o olhar mais profundo, mas ela estranhou ainda mais quando o viu usando um colar de cordão de palha no pescoço, com um pingente de madeira pontuda, como uma agulha. Não combinava com ele.

“É para limpar o pé do Picún.”

Algumas índias estavam perto e riram quando ouviram a resposta de Theo.

“Por que essas risadas?”, perguntou Fernanda, que tinha mais liberdade com as índias. Elas responderam, rindo:

“Isso não é coisa de homem.”

“São as mães que tiram o bicho dos filhos.”

Theo não se importou nem um pouco com aqueles comentários, principalmente quando se lembrou do rostinho feliz de Picún quando ele limpou seu pé com aquele instrumento. O menino cresceu vendo seus amigos sendo tratados assim por suas mães, mas jamais tinha sido cuidado daquela forma. Quando Theo sentou, tirou o instrumento do seu pescoço e começou a limpar seus pés, Picún se sentiu acolhido.

Theo foi para a cozinha comer alguma coisa e Fernanda o acompanhou. Eles se sentaram à mesa de madeira e dividiram um pouco de açaí.

“Achei legal o que você fez com o Picún.”

“Fernanda, eu percebi o quanto eu era arrogante. Eu cheguei aqui achando que eu ia mudar o jeito deles viverem, agora percebi que eu não sei de nada. A solução para o problema dos pés dessas crianças já existe, sempre existiu, e era mais simples que eu imaginava.”

“Os índios têm o jeito deles de resolver as coisas. Sempre funcionou, durante anos.”

“Sim. Ainda não desisti de ensiná-los a separar o lixo e cuidar da sujeira, mas percebi que pode ser com calma, com o apoio das lideranças, passo a passo.

Eu demorei tanto para perceber isso tudo que o Picún quase perdeu o pé. A doença dele era social, você viu como está bom o pezinho dele agora?”

Theo ficou um tempo em silêncio, se lembrando de tudo o que tentou fazer para resolver a infestação de tungas.

“Até a areia eu tentei limpar.”

Os dois riram alto e, sem nem falar nada, Theo percebeu que Fernanda queria mais açaí e colocou uma colherada de sua porção na cumbuca dela.

“É, Theo, a gente cresce muito quando enxerga os índios com respeito. É uma troca, a gente aprende com eles e eles aprendem com a gente.”

“Você tem toda a razão.”

Fernanda nunca tinha ouvido Theo concordando com o que ela falava e, depois daquela conversa, ela passou a olhá-lo de um jeito diferente.

“Tá uma noite tão linda. Acho que vou nadar no rio. Quer ir?”

Theo não pensou duas vezes e foi com Fernanda dar um mergulho. O reflexo da lua na água, o som dos sapos e até a temperatura da água, tudo estava perfeito, como um momento aprisionado no tempo.

No instante seguinte, o equilíbrio se quebra. Fernanda se assustou com um peixe, uma folha ou qualquer coisa que passou perto de suas pernas – talvez um susto um pouco excessivo para uma pessoa que convivia com a natureza a tanto tempo –, e pulou nos braços de Theo. Se olharam profundamente e em silêncio, por um, dois segundos, finalmente se beijaram, a princípio de forma tímida, mas logo um beijo demorado e verdadeiro.

Nada mais incomodava Theo. Ele já não ligava se Fernanda depilava ou não as axilas, nem se importava com as feras imaginárias que antes o afugentavam da água. Tudo o que vinha acontecendo com ele, aqueles dias, a beleza da floresta, a mudança da sua percepção do mundo, tudo convidava Theo a derrubar suas barreiras interiores e se conectar de alguma forma àquele lugar e àquela mulher.

Aos poucos, como um agradecimento, Theo relaxou e viveu uma noite como a muitos anos não vivia, e amaneceu nu na areia sob o céu da amazônia com a comunidade indo se banhar nas águas do rio.



O quarto estava todo bagunçado, com almofadas, cobertores e roupas de bebê espalhadas pelo chão. Fred não acreditou quando viu tudo daquele jeito e ficou imaginando quem poderia ter feito aquilo.

Colocou os objetos de volta em seus lugares, arrumando tudo com capricho. Então, pegou seu esfregão e começou a passá-lo no chão, mesmo achando que o cômodo já estava suficiente limpo e que não ficaria melhor do que já estava. Então, viu caído no chão, embaixo da cama, o vaso onde Marc havia plantado o grão de feijão. A terra estava espalhada pelo chão e, quando ele pegou para recolhê-la e colocá-la de volta no vaso, viu, surpreso, que o grão não crescera e continuava exatamente igual à primeira vez que o vira, como se o tempo não tivesse passado.

Realmente havia algo bem estranho com aquele lugar.



Theo estava sentado olhando as crianças correndo quando começou a sentir uma forte cólica. Teve de correr para o banheiro e passou muito mal. Sabendo que a única solução para aquele problema era se hidratar, foi pedir ajuda para Fernanda. Procurou-a em vários lugares, e já estava se sentindo tonto devido ao problema intestinal. Finalmente a encontrou perto da escola.

“Fernanda, preciso de água limpa, não dá pra tomar aquela água amarela, o que eu faço?”

“Theo, podemos ferver para você, mas a água aqui é boa, vem de um igarapé branco e é pura, todo mundo toma a mesma.”

Theo queria explicar à Fernanda o conceito da diarreia do viajante, que acomete aqueles que vêm de fora e preserva os nascidos no local, cujas bactérias do intestino “são de casa”, mas não tinha forças para isso.

“Do jeito que estou, preciso de muita água pra me manter hidratado, talvez até soro.”

“Não se preocupe, a floresta vai entrar no teu corpo para matar a tua sede. Você precisa ouvir o que a água tem a dizer. Venha, eu vou te ajudar a entrar em contato com ela.”

Nem depois da noite maravilhosa ele conseguia achar normal as maluquices hippies de Fernanda.

“Pode deixar, Fernanda, não precisa.”

A barriga de Theo começou a doer de novo e Fernanda percebeu que algo estava errado.

“O que você está sentindo?”

“A cólica voltou. Tá feio, eu preciso me deitar.”

Theo encheu uma garrafa com água e foi se forçando a beber. Teve de sair correndo novamente para o banheiro e, quando chegou em seu quarto, estava tão fraco que deitou na rede e logo adormeceu.

Entre os momentos de delírio e sonho, reconheceu que havia sido transportado para o meio do mato, e estava na mente de um índio. Este era um dos preços de ser navegante, algumas vezes, especialmente em momentos extremos, não era capaz de controlar sua mente.

Com um facão, o índio ia arrancando as folhas de um açaizeiro e as torcendo com as mãos, até transformá-las numa corda. Theo não sabia onde estava, mas continuou observando a cena e, como navegador mais experiente, tinha certeza que estas cenas estavam acontecendo naquele momento e não muito longe dali, “ao vivo”. A nitidez, luz e cores das imagens mostravam para ele que não se tratava de uma memória e nem de um sonho.

O índio amarrou as duas pontas da corda com um nó, formando o que parecia um colar, apertando-o com força. Sem notar a presença de Theo, se aproximou de um açaizeiro, olhou para o alto e viu no topo da árvore um cacho carregado dos pequenos frutos roxos. Ele apoiou o círculo feito de folhas no chão e colocou seus pés em seu centro. Erguendo os braços, segurou com as mãos o tronco da árvore e, com um salto, grudou seus pés no açaizeiro. O colar prendia-o na planta como se ele tivesse garras de gato. Dobrando e esticando os joelhos, revezando o peso de seu corpo entre as pernas e os braços, escalou o açaizeiro em um movimento de encolhe e estica que lembrava uma lagarta.

No topo da árvore, seu peso fez o tronco inclinar e Theo pensou que ele fosse cair. Mas, habilidoso, o índio se balançou como se estivesse brincando, parou na posição vertical, cortou o cacho e desgrudou as mãos e os pés da árvore e, como um bombeiro em um cano, caiu em pé no chão.

A cena se repetiu inúmeras vezes e a quantidade de cachos de açaí que se amontoavam sobre a terra ia aumentando. Theo já estava cansado de ver aquela cena, quando ouviu um forte estalo. O tronco se quebrou e o índio caiu com tudo, estatelando-se no chão. Theo se aproximou e viu que o homem caíra sobre sua perna, deixando a fra-

tura exposta e um pequeno pedaço de osso para fora da pele. Desesperado, Theo queria ajudá-lo, mas sabia que no mare nostrum conseguiria no máximo falar com o homem. Mesmo duvidando que o homem tomado pela dor conseguiria ouvi-lo e até mesmo que acreditasse em uma voz vindo do além, Theo arriscou.

“Vá para o polo-base que eu cuido de você!”

O homem achou que estava delirando, olhou em volta e não viu nada.

“Confia em mim, eu sou médico, eu posso te ajudar. Eu vou estar te esperando no polo-base”.

O índio então respirou fundo e começou a reagir, se arrastando em direção à aldeia.

Theo ficou tão preocupado com o homem, mas tão feliz com a possibilidade de ajudá-lo, que seu coração estava quase saindo pela boca. Ele então abriu os olhos, esquecendo-se de sua fraqueza, e foi procurar Fernanda.

“Precisamos nos preparar, Fernanda.” Ele parou alguns segundos para respirar. “Vai chegar um índio todo machucado, com a perna quebrada, vai precisar de cirurgia, precisamos lavar a fratura.”

“Theo, onde você estava? Do que está falando?”

“Na mata, Fernanda. Foi na mata.”

“Theo, você está delirando.”, respondeu, pensando que a diarreia poderia estar deixando Theo confuso.

“Fernanda, escuta, eu sei o que estou falando. Um índio se acidentou e deve chegar aqui já, já.”

“Deve ser a dor de barriga. Toma um pouco desse chá, Theo, vai fazê-lo se sentir melhor.”

Fernanda tirou uma garrafa térmica de um armário e entregou para Theo. A bebida já estava fria e tinha gosto de flores misturadas com algumas ervas, mas fez com que Theo se sentisse melhor.

Theo tentava convencer Fernanda de que ele tinha visto muito mais que um sonho, mas ela não acreditava nele. Ele virou as costas e foi para sua sala, onde começou a preparar as coisas para esperar pelo homem machucado. A noite já estava caindo, ele não chegava e Theo já começava a esperar pelo pior.



Theo estava se sentindo melhor, depois da noite anterior e o dia todo entre idas e vindas ao banheiro. Finalmente, conseguiu ficar sentado no pátio, tranquilo, mastigando uma folha de capim que Fernanda lhe dera. Viu, então, o homem saindo de uma trilha. Ele se arrastava pelo chão e, quando percebeu que Theo o vira, fechou os olhos e deitou a cabeça no chão.

“Não acredito! Eu sabia que você ia conseguir.”

Theo saiu correndo ao seu encontro e viu que o homem estava todo sujo e com uma das pernas muito inchada. Tentou carregá-lo no colo, mas não conseguiu e foi procurar ajuda. Finalmente encontrou Fernanda.

“Fernanda, ele chegou.”

“Ele quem, Theo?”

“O índio, Fernanda, ele está todo machucado.”

“É, Theo? Que ótimo, né? Depois eu vou lá conversar com ele.”

Theo percebeu que Fernanda ainda não acreditava nele, então a arrastou até onde o índio estava. Quando ela o viu, ficou espantada com a previsão de Theo.

“Como você sabia?”

“Vamos, Fernanda, me ajude a levá-lo.”

Eles carregaram o homem até o consultório e, no caminho, foram vistos por alguns indígenas. Curiosos, eles os seguiram, e no final várias pessoas ajudaram a carregar o paciente e entraram no consultório junto com eles. Theo achou melhor deixá-los afastados e tentou tirá-los do local, mas não conseguia, e teve de continuar com a sala cheia e muitos espectadores em cima de seu trabalho.

Theo começou a examinar o homem ferido e percebeu que sua face estava pálida, ele havia perdido muito sangue e gemia muito de dor. Tinha a perna inchada e o pé gelado, e Theo preocupou-se ao perceber que o sangue não estava circulando no pé. Ao medir sua pressão, constatou que estava extremamente baixa. Colocou um acesso em sua veia e prendeu um saquinho de soro para hidratá-lo.

“Fernanda, preciso de ajuda para lavar essa fratura.”

Eles colocaram sua perna em cima de uma bacia e Theo limpou-a com uma escova e um sabonete próprio para lavar as mãos antes de cirurgias. Para isto usou dezenas de litros de soro, em mais de uma hora e meia de trabalho. O homem gemia muito, apesar dos analgésicos que recebeu diretamente na veia.

“Espero que adiante”, ele falou preocupado. “Ele demorou muito para chegar até aqui, se tivéssemos lavado logo após o acidente teria sido muito melhor.”

Eles então o colocaram de volta sobre a maca. Depois de ter certeza de que fizera tudo o que estava ao seu alcance para limpar o ferimento, Theo tentou reduzir a fratura tracionando o pé do paciente, mas a contratura muscular e a dor do paciente não permitiram. Então, recorrendo à sua boa formação de médico, instalou um sistema de roldanas improvisado — com uma tração com o ângulo preciso e com cerca de 10% do peso do indivíduo,

utilizando saquinhos de soro, cada um com aproximadamente um quilo. Assim, a gravidade foi lentamente reposicionando o osso para seu local original até finalmente se encaixar no lugar certo. Theo, por fim, fixou o pé com uma tala e fechou a pele que havia se rompido no momento do trauma.

Fernanda, assim como os índios que estavam presentes, ficou extremamente impressionada com a habilidade de Theo. Ela o respeitava como médico, mas apenas se deu conta do quanto aquela profissão o exigia quando presenciou seu trabalho ao vivo, viu sua precisão manual e sua resiliência naquela situação de extremo sofrimento do paciente.

Theo logo lhe deu um antibiótico e, concentrado, fez um curativo em seus pés. Então examinou-o, ficando aliviado.

“O pé já está esquentando, o sangue está voltando a circular.”

Theo começou a lavar as mãos e a guardar os instrumentos que havia utilizado, os índios foram embora, mas Fernanda o esperou para sair. Theo se sentou em uma cadeira ao lado do índio, que estava dormindo.

“Ué, você vai ficar aí?”

“Pode ir, Fernanda, daqui a pouco eu vou.”

“Theo, você também não está muito bem. Até pouco tempo atrás estava com diarreia”. Theo estava tão preocupado com o índio que até se esquecera de seu próprio corpo.

“Teu chá deve ter ajudado.”

“Claro que ajudou. Mas agora seria bom você descansar.”

“Eu vou ficar aqui, Fernanda. Não vou deixar ele sozinho.”

Pela primeira vez desde que chegaram, Fernanda não achou Theo um garoto tão mimado e admirou o seu gesto.

“Fernanda, você sabe quem é ele?”

“Não sei, Theo. Mas ele é de uma comunidade vizinha, aqui ele não mora.”

“Fernanda, eu lavei a fratura e reduzi, fechei a lesão na pele e demos antibiótico, mas isso deveria ter sido feito poucas horas após o trauma, quanto antes melhor. Ele chegou aqui quase dezesseis horas depois, com a lesão toda suja de terra, e se infeccionar vamos precisar transferir para um hospital, talvez até amputar a perna. Precisamos chamar a família dele, Fernanda. Ele certamente ficaria feliz de vê-los aqui, e teremos dias difíceis pela frente.”

“Vamos deixar isso para amanhã.”

Fernanda então se retirou e, depois de um tempo, voltou com uma garrafa de água e algumas raízes cozidas para Theo comer. Ele já estava dormindo sobre o balcão, ela colocou tudo ao seu lado e foi embora.



“Tá vindo, tá vindo.”

Theo acordou com um susto. Não sabia que horas eram, apenas que estava no meio da madrugada. Seu paciente suava frio e delirava, gritava palavras que não faziam sentido nenhum para Theo. Ele colocou as mãos em sua testa e sentiu que ela estava queimando.

“Preciso te tirar daqui o quanto antes.”

Theo medicou-o para baixar a febre, fez compressas de água fria e colocou-as sobre a testa do homem. Percebendo que a febre cedera um pouco, foi até o quarto para acordar Fernanda.

“O que foi, Theo?”

“Ele piorou. Preciso que você me ajude a transferi-lo, Fernanda, ele precisa ir para um hospital.”

“Mas a essa hora, Theo? Ninguém navega de madrugada, não vamos conseguir nada agora. Vamos esperar amanhecer.”

Theo voltou para o consultório decepcionado e continuou cuidando de seu paciente. Deu antibiótico a ele, continuou fazendo compressas de água fria e refez o curativo de sua perna, que já estava sujo de uma secreção com cheiro muito forte.

Quando amanheceu, Fernanda foi ver como o índio estava e, chegando no consultório, Theo estava dormindo ao lado da maca do paciente, que também dormia. Mais uma vez, ela ficou surpresa com a atitude de Theo e, não querendo acordá-lo, saiu sozinha para conseguir um barco.

Quando voltou, Theo acordara e, visivelmente cansado e abatido, esperava ansioso por notícias.

“E aí, Fernanda? Conseguiu o barco?”

“Theo, não vai dar para levá-lo.”

“Como assim não vai dar?”

“Não tem barco, Theo.”

Theo não acreditou no que ouvira. Sabia que se não levasse o índio logo para um hospital, ele não resistiria.

“Como assim não tem barco? A gente arranja, Fernanda, a gente dá um jeito. Mas precisamos levar ele para um hospital, e tem de ser agora.”

“Não dá, Theo. O Capelão não está aqui, ele teve de ir para a cidade para fazer outros serviços. O único motor 50 daqui é dele, só sobraram rabetas, levaria 5 dias pra chegar lá embaixo. Pedi ajuda pelo rádio, mas acho que não vai rolar tão cedo...”

Theo colocou as mãos nos ombros de Fernanda e encarou seus olhos de um jeito que ela sentiu medo.

“Fernanda, tem de rolar. Ou ele vai morrer.”

Sem saber o que dizer, Fernanda ficou em silêncio. Olhou para o homem e viu que ele estava delirando, e então saiu para tentar arranjar um transporte para eles.

Theo, nervoso, andava de um lado para o outro enquanto esperava, preocupado com o paciente que ia ficando cada vez mais pálido. Repôs a bolsa de soro e massageou o pé machucado para tentar estimular sua circulação de sangue.

Diversos índios passavam na sala para ver o paciente. Alguns entravam, olhavam e saíam, com uma curiosidade meio infantil.

Theo continuava ali, ao lado dele e sem arredar o pé, tomando as providências necessárias para mantê-lo vivo enquanto não chegava o barco que não estava vindo.



“Finalmente, Fernanda. Por que você demorou tanto?”

Theo estava novamente trocando o curativo da perna do paciente quando Fernanda chegou. Estava com um cheiro insuportável, inchada, escura e com baixa circulação de sangue. Theo trocava os curativos para evitar encarar a realidade: a perna estava cada vez pior, o sangue não estava fluindo e ele sabia que era uma questão de tempo para que aquilo saísse do controle, causando a perda da perna e a morte do paciente.

“Estou há quase uma hora no rádio, Theo.”

Pela expressão de Fernanda, Theo se preparou para as notícias que viriam.

“E aí?”

“Consegui um barco, deve chegar no final do dia.”

“Só no final do dia? Fernanda, eu não sei mais quanto tempo ele consegue aguentar. Ele está séptico, não sei nem se poderia salvá-lo se estivesse em um grande hospital.”

“Desculpe não poder ajudar mais, Theo. Aqui na Amazônia as coisas têm seu ritmo próprio, nem sempre é fácil.”

Theo estava se segurando há tempos, mas não aguentou a pressão e ficou furioso.

“Fernanda, o que eu estou fazendo aqui? Com um paciente morrendo nas mãos, no meio da Amazônia em uma aldeia e sem poder fazer nada por ele!”

Percebendo o quanto Theo estava transtornado, Fernanda colocou as mãos em seus ombros.

“Você não tem culpa, Theo. Você está dando o seu melhor. Por que você não sai um pouco, vai tomar um banho no rio, comer alguma coisa? Eu fico aqui com ele, depois você volta.”

“Não, Fernanda, pode ir você. Eu vou ficar aqui ao lado dele até o fim, seja lá qual for.”



“Que filho da puta! Este cara é burro demais.”

Jonas se encolhia de medo toda vez que via Senhor D. nesse estado de humor.

“Como ele pôde deixar os outros escaparem? Eu já não falei que quero todos destruídos? Todos, sem exceção.”

Senhor D. olhava o mapa tentando imaginar onde estavam os espiões, mas sabia que seria mais difícil encontrá-los agora que estavam prevenidos.

“Jonas!”

O funcionário deu um pulo ao ouvir o grito.

“Você também é um idiota. Não está cumprindo seu papel.”

“Mas senhor, eu fiz tudo o que o devia ser feito.”

“Não interessa, não funcionou. Faça com que funcione.”

Jonas respirou fundo e torceu para o chefe lhe ouvisse.

“Senhor, veja. Eu fiz tudo exatamente como devia ser feito, revi todos os cálculos com muita precisão. Foi perfeito.”

“Se tivesse sido perfeito, estaria funcionando.”

“É perfeito, senhor, o aparelho identifica as ondas cerebrais dele e produz artificialmente ondas semelhantes que se adicionam às dele, amplificando o resultado, desta maneira ele é invencível.”

“Não foi o suficiente, imbecil.”

“O mais legal é que colocamos uma inteligência artificial no aparelho, o sistema evolui com o tempo, já consegue prever mais de 80% das ondas dele antes mesmo que ocorram. Ele está ganhando poder, senhor, veja como está forte.”

“Amplifique mais”

“Senhor, não podemos. O senhor se lembra do colapso da Tacoma Bridge, a ponte que caiu por causa do vento?”

Jonas ligou a tela de seu computador, quase saltitante diante de tantos números e do plano perfeito que ajudara a criar. Então abriu o vídeo em que a ponte balançava como se fosse feita de elástico.

“Veja, a ponte está tão mole que não parece feita de concreto, mas é. Aqui, no caso da ponte, por um acaso da natureza o vento entrou na mesma frequência do material da ponte, do mesmo jeito que estamos fazendo com o cérebro dele. A ponte foi vibrando com uma amplitude cada vez maior.”

De repente, a ponte que aparecia no vídeo se quebrou e ficou totalmente destruída.

“Chega uma hora que o material não aguenta, pois há um limite. É o que pode acontecer com nosso guerreiro se forcarmos demais a sua mente.”

“Ele não parece estar no limite. Se estivesse, já estaria produzindo armas muito mais poderosas e não deixaria ninguém escapar. Você tem certeza que esta máquina está calibrada corretamente?”

“Sim, senhor. A frequência não muda, ele está em um ambiente totalmente controlado.”

“Faça um teste.”

“Não é necessário, senhor. Já fizemos testes e está tudo sob controle.”

“Eu disse para fazer um teste, idiota. Você não é pago para retrucar.”

“Desculpe, senhor. Isso vai levar um tempo.”

Mesmo contrariado, o Senhor D. pareceu satisfeito com a explicação.

“Ótimo. Tenho uma reunião agora, mas quando voltar quero um relatório completo. Vamos ver se você fez tudo tão perfeito quanto pensa.”



Já estava quase de noite quando Fernanda entrou na sala de Theo trazendo um prato com mandioca e peixe.

“Olha, Theo, a Osmarina mandou isso para você. Come, você precisa se alimentar.”

Theo estava se sentindo fraco mas, mesmo sem se alimentar por horas, não estava com apetite. Com a insistência de Fernanda, no entanto, ele começou a comer o prato que Osmarina lhe mandara, forçando para a comida descer.

“E o barco, Fernanda?”

“Nós conseguimos, Theo.”

Theo largou o prato e, sem esconder o entusiasmo, começou a preparar as coisas para transferir o paciente.

“Espera, Theo. Tem um problema.”

“Como assim? O que foi agora?”

“Não tem gasolina suficiente.”

“Você só pode estar brincando.”

“Nós só temos gasolina para ir, não temos para voltar.”

Theo não conseguia acreditar no que Fernanda falava para ele.

“Nós não podemos descer o rio se depois não dá para voltar, entende?”

“Não pode ser, Fernanda, a gente dá um jeito. Na volta a gente vê, podemos voltar remando. O importante agora é que a gente leve ele para o hospital o mais rápido possível.”

“Theo, o hospital fica a três dias de voadeira daqui. Não dá para voltar remando. Eu estou tentando conseguir a gasolina.”

“A vida não espera, Fernanda.”



“Não é possível, como pode ser?”

Jonas estava transtornado olhando a onda que aparecia no monitor do aparelho. Sem saber o que fazer, revirava os papéis cada vez mais nervoso e, mesmo assim, não conseguia encontrar uma explicação para os novos resultados que ele aferia. O que poderia estar causando isso? A porta da sala se abriu.

“Eu sabia.”

Só de olhar a cara de Jonas, Senhor D. percebeu que seu assistente havia encontrado algo errado.

“Eu falei que você tinha que rever os dados! Seu estúpido, você não consegue fazer nada sozinho, mesmo. Se não fosse por mim, você estaria enterrado naquele laboratório, você jamais daria certo sozinho.”

“Eu não sei o que aconteceu, senhor, está tudo sob controle. A casa está totalmente controlada. Escrevemos o roteiro perfeito, usamos o sentimento de culpa, demos a ele um trabalho, perspectiva, uma companhia, o desejo de ter um filho. Controlamos tudo, da temperatura do ar até a textura da areia sob os pés dele.”

“Não pode ser tudo, seu idiota. Você errou, está esquecendo algo.”

Por um momento, Jonas saiu de si. Era pressão demais, e o subalterno cresceu e se impôs:

“Senhor, não existe nenhum estudo sobre este assunto que eu não tenha revisado. Ninguém conhece tão bem o funcionamento da mente humana quanto eu.

Estes dados não podem ser corretos! Ele vinha sob total submissão, qual parâmetro se alterou?”, perguntou-se, mais para si mesmo do que para seu chefe.

Senhor D. percebeu Jonas literalmente diminuir. Sua voz se abrandou novamente e voltou a sua postura taciturna, olhando os livros em sua estante e repassando em sua mente todas as possibilidades. Porém, não conseguia encontrar o que poderia ter dado errado.

“Pare de pensar, idiota, e comece a agir. Regule agora mesmo esse equipamento e amplifique as ondas, ele não pode sonhar por si só. Ele tem que pensar com a gente e se a gente deixar. Faça-o matar todos, quanto antes melhor.”

“Tudo bem, senhor.”

“Você me fez perder tempo e dinheiro, seu estúpido. Esse mês vou descontar metade do seu salário.”

Jonas olhava-o assustado, mas não ousou dizer uma palavra.

“E ouça-me bem, é a última chance que você vai ter para me provar que vale cada centavo que estou investindo no seu trabalho.”

Saiu da sala e deixou para trás Jonas trêmulo e enxugando os olhos.



Theo estava em sua sala, ao lado do paciente, quando percebeu que ele começou a ficar com a respiração agônica, como um peixe fora d'água. Ele sabia que aqueles sintomas indicavam que o corpo do paciente estava falhando. Aquele homem estava prestes a morrer e não havia mais nada que Theo pudesse fazer para impedir.

Se aproximou da maca, e sentou ao lado do moribundo. Theo estava triste pela partida do homem, mas curiosamente se sentia bem, porque sabia que tinha feito tudo o que podia para salvá-lo e que, por mais que quisesse e tentasse, algumas coisas estavam fora de seu controle.

Então Theo se levantou e, percebendo a agonia do paciente, colocou as mãos nos seus ombros, fechou os olhos e se concentrou. Em poucos segundos, se viu em uma maravilhosa curva de rio, no remanso das águas iluminadas pelo pôr do sol. Ao seu lado, o índio que ele vinha cuidando caminhava ofegante de um lado para o outro, com as mãos na cabeça, visivelmente preocupado. Até que ele se ajoelhou no chão e caiu em prantos.

“Por que você está assim?”

“Eu não consigo respirar, doutor, meu corpo não me obedece. Cadê a minha família? Eu quero ver meu filho.”

“Não precisa se preocupar, está tudo bem. Você só precisa se acalmar.”

“Mas doutor, eu estou me sentindo muito mal, não sei mais o que fazer.”

“Fica tranquilo, está tudo bem. Encosta nessa pedra, descansa um pouco.”

O homem levantou e voltou a caminhar. Theo tentava acalmá-lo de todas as formas, mas nada que ele falava deixava-o mais tranquilo, até que teve uma ideia.

“Como você se chama?”

“Meu nome é Carú.”

“Carú, pense nos momentos mais felizes da sua vida.”

Carú ficou em silêncio, parecia estar se concentrando quando as águas do rio se transformaram em uma grande

oca, iluminada por pequenas fogueiras. Os dois viram Carú ajoelhado no chão, pronunciando algumas palavras como se estivesse cantando e rezando ao mesmo tempo.

“Onde nós estamos?”

“São as suas memórias, Carú. E aquele ali é você.”

Como em um filme, a cena continuava. Quando uma índia mais velha trouxe uma trouxinha com um bebê, ele se levantou, correu em sua direção e, quando viu aquela pequena criança, começou a chorar de alegria.

“Olha, doutor, esse foi o dia em que meu filho nasceu.”

Rapidamente a cena se modificou e Theo se viu no meio de uma caçada. Carú e seu filho correndo atrás de uma grande anta, longos cipós marcavam o caminho, balançando enquanto o animal tentava fugir de seus perseguidores.

Uma flecha não é páreo para o maior mamífero da América do Sul, mas os índios colocam longas fitas de cipós em cada flecha, e assim, seguindo os cipós, os caçadores vão alvejando uma após outra flecha e o animal acaba sucumbindo aos caçadores, pai e filho juntos.

Carú assistia a cena ao lado de Theo chorando.

“Meu filho agora virou um grande guerreiro, aprendeu tudo o que eu ensinei.”

“Parece que você fez bastante coisa, Carú.”

Carú estava mais calmo e Theo achou que faria bem para ele saber sobre o *mare nostrum*.

“Tudo isso que você viu, Carú, está guardado no coração das pessoas que te amam. E aqui, onde estamos agora, são as memórias delas, que nunca vão se apagar.”

“Mas doutor, o que vai ser de mim?”

“Pode ficar tranquilo e relaxar, você vai para um lugar muito melhor que o que conhece hoje.”

Theo fez uma rede se materializar na frente deles, pendurada em uma árvore.

“Deita um pouco, Carú. Fecha os olhos e descansa um pouco.”

Caru fez como Theo havia pedido, se deitou na rede e logo adormeceu.

Theo então voltou para seu consultório, abriu os olhos e se viu diante do paciente. Mediu seus batimentos e constatou que eles haviam parado.



Quando Theo abriu os olhos, pensou ter ouvido o grito de uma índia vindo de longe, um grito de profundo desespero e dor. Antes mesmo que ele avisasse a tribo sobre a morte do índio, alguns homens chegaram em seu consultório, junto com Fernanda.

“Precisamos levá-lo para a aldeia dele, Theo, fica aqui perto. Podemos usar o barco que conseguimos.”

“Tudo bem, Fernanda, eu posso ajudar vocês a colocá-lo no barco.”

“Por que você não vai com a gente?”

Theo ficou incomodado com aquela pergunta, ele nunca havia acompanhado o enterro de um paciente seu e dado condolências para seus familiares. Pelo contrário, no hospital onde estudou, essa tarefa ficava para os médicos mais experientes.

“Melhor não, Fernanda. Prefiro ficar aqui.”

“Mas Theo, você esteve ao lado dele até o fim. Não tem por que você não nos ajudar a levar ele para sua família.”

Theo se lembrou do dia em que encontrou um de seus professores saindo do hospital.

“Olá, doutor Salim.”

“Oi, Theo. Você vai também?”

“Aonde, professor?”

“Ao velório do Carlos. Vou agora e devo voltar daqui a pouco.”

“O Carlos, nosso paciente?”

Theo havia passado muitas horas cuidando daquele paciente na semana anterior, sob a orientação do professor Salim.

“Sim, Theo.”

“Mas como o senhor consegue ir ao velório de um paciente que morreu em suas mãos, doutor? Encarar os familiares dele?”

“Theo, é feliz o médico que pode cumprimentar o familiar do seu paciente que morreu, porque significa que ele fez seu trabalho direito.”

Lembrando daquela frase, Theo achou que Fernanda tinha razão e poderia ajudá-la a levar o corpo.

O dia estava despertando, eles atravessaram o rio e chegaram na aldeia vizinha. Diversos índios esperavam por eles, já com os corpos pintados com uma tinta preta e preparando uma grande fogueira. Theo ficou curioso sobre os rituais de morte naquela etnia, mas preferiu respeitar o peso da situação e passou pelos preparativos do funeral sem nem desviar o olhar.

“Essa é a viúva, Theo.”

Theo reconheceu a mulher que havia visto nas memórias de Carú, e cumprimentou-a. Ao seu lado, um adolescente alto se esforçava para manter uma fisionomia madura apesar de estar clara sua tristeza e insegurança quanto ao futuro. Theo cumprimentou-os, e, mesmo sem nenhuma comunicação verbal, eles pareciam compreen-

der o esforço que o médico tinha feito pelo seu ente querido. Apesar disso, apenas retribuíram o cumprimento e saíram.

Sem mais nada o que fazer ali, Theo e Fernanda voltaram para a aldeia e, ainda no caminho de volta, ouviram os batuques da cerimônia de despedida. Theo se emocionou, lembrando das últimas 24 horas vividas ao lado de Carú, do quanto havia tentado salvar sua vida.

Pensou em seu mestre e percebeu a sabedoria de ter sido enviado para lá. Ele precisava ter vivido aquela experiência para ir mais fundo no significado de ser médico e de ser navegador, e finalmente se sentir um indivíduo pleno.

Exausto, há quase dois dias sem dormir, Theo chegou ao polo-base e foi direto para sua rede descansar.

No outro dia acordou já com o sol alto. Quando chegou ao refeitório, notou que o café da manhã estava caprichado, mamão, bananas e água de coco.

“Fernanda! Hoje é dia de festa?”, perguntou, mesmo sem saber onde estava a dentista.

Após o café, quando foi para sua sala de atendimento, a surpresa: a rádio floresta tinha anunciado sua performance dos dias anteriores, e uma grande fila de pacientes o aguardava, ansiosos por seu médico.



Marc estava entediado, jogava dardos com a pretensão de passar o tempo, mas curiosamente o tempo parecia não passar. Cada dia igual ao outro, um vazio e uma repetição; como chamava mesmo aquele filme, o da marmota, em que o cara acorda sempre no mesmo dia? Agora ele gritava enquanto atirava as peças na parede, porque

sentia uma grande raiva, uma angústia desesperada, um impulso de brigar ou matar alguém. Era uma sensação que ele não sabia de onde vinha, como se o propósito da vida não existisse. O desconforto era tal que ele quase ansiava por não sentir mais nada, assim ficaria aliviado.

Por sorte o alarme soou, e a tela de LCD sinalizou que estava sendo chamado para uma missão. Marc deu um urro, mais animal que humano, e saiu correndo para o porão, sem nem esperar Teresa voltar para se despedir. Onde andava Teresa, mesmo? Ele entrou na sala secreta, sentou em sua cadeira, puxou o capacete cuidando para não soltar nenhum eletrodo, respirou fundo de maneira controlada e firme, seguindo rigorosamente seu treinamento, passo a passo, até que, enfim, estava pairando no escuro enquanto recebia as instruções.

“Você enfrentará um grupo de espões. Cuidado com o mais velho, possivelmente é o treinador, é o mais experiente e tem muita energia. Defenda nosso mundo desta ameaça, defenda os segredos do nosso país destes espões, piedade é para fracos.”

Em um instante, se viu em meio a montanhas brancas cobertas de neve; Sempre que era catapultado para uma realidade paralela ficava alguns minutos enjoado e um pouco tonto. Se encolheu e ficou quieto enquanto a voz do Senhor D. ainda reverberava em sua mente, economizando energia, pronto para aflorar o instinto animal e cruel de sua personalidade.

Avistou adiante, no meio da neve, uma grande cabana de madeira, tipicamente russa e, reconhecendo-a como seu alvo, se aproximou sem revelar sua presença.

Ao chegar, viu pelas janelas algumas pessoas deitadas no chão meditando, concentrados. Em uma posição impossível, apoiado em uma perna quase levitando, ha-

via aquele que reconheceu como o mestre. Sua energia extrapolava seu corpo e, para Marc, era perfeitamente visível algo como uma nuvem semi-sólida pairando ao redor dele.

Focando os olhos em suas próprias mãos, Marc materializou um sabre militar, que achou adequado para a situação; a escolha das armas dependia de seu humor e estado de espírito. A arma, poderosa, tinha um leve brilho azul que refletia no ambiente.

Abriu a porta sem tocar na maçaneta e entrou no grande salão. Parou e esperou. O seu treinamento mandava que chegasse destruindo tudo, mas algo de cavaleiro o impedia de fazer assim, afinal, quem saberia? Logo todos ali estariam mortos, mesmo, e só ele restaria em pé.

Cada uma das pessoas presentes foi tomando consciência da presença dele e produzindo sua própria arma, não sem antes ficarem parados admirando a situação por alguns segundos, como que regidos por um maestro.

Em um instante, tudo se moveu, e o combate começou. Apesar de corajosos, os jovens aprendizes não eram páreo para Marc. Não bastasse sua velocidade e força muito superiores, o sabre materializado por ele explodia em fagulhas azuis as armas dos oponentes, não deixando muita opção para se defenderem de um ataque tão brutal. Cada um que tentava medir forças caía e sucumbia diante de tanto poder.

Ante tamanha destruição, o mestre em um movimento de seu braço interrompeu a luta, se posicionando entre Marc e os seus discípulos que restaram. A aura de luz ao seu redor ficou ainda mais forte, e, após materializar um florete, fez uma reverência e partiu para o confronto. Eles trocaram alguns golpes estudando um

ao outro, até que Marc percebeu que seu sabre não destruiria tão fácil a arma deste adversário. Havia muita energia ali.

A materialização de objetos no mare nostrum depende de foco, vontade e amplitude de ondas cerebrais, e, por mais que os mestres tentem transformar o duelo em uma modalidade cavalherística, alguns consideram que não passa de um confronto similar às disputas de dois cervos pela fêmea, chocando seus chifres vigorosamente até que um desiste e abre mão do prêmio e de manter seu DNA para a próxima geração. É simples, cada um materializa sua arma, e aquela que tiver sido gerada e mantida com mais amplitude das ondas cerebrais rompe a do outro, que é ferido. Algumas vezes o derrotado volta a produzir outra arma, mas com menos foco e vontade, já tendo sido derrotado previamente. Grandes mestres produzem armas muito sólidas e poderosas. Ferimentos neste ambiente se refletem no corpo físico e podem até levar a sequelas e à morte.

Lembrou-se de uma vez em que ele deixou escapar um alvo por não prever a força da arma que o mais jovem podia materializar. Foi repreendido pelo Senhor D. por isto, mas desta vez ele estava prevenido e não deixaria nada errado acontecer.

Apertou o botão camuflado no bracelete ornamentado que usava e, em um segundo, pôde ouvir um som grave e cíclico como se uma grande massa orbitasse sua cabeça cada vez mais rapidamente. O brilho de sua arma foi progressivamente aumentando e até irradiava energia de tão potente que era.

Ele então incidiu sobre o inimigo, que reagiu com uma manobra de esgrima perfeita e se posicionou para

contra-atacar, mas foi impedido por uma fraqueza em suas pernas e uma angústia no peito.

“Quem poderá enfrentar tamanho poder? Ele cortou minha arma como de fosse uma vareta.”

Juntando suas últimas energias, falou na mente de um aprendiz.

“Vá e espalhe a notícia, uma máquina aumenta a amplitude do poder do nosso inimigo, isto torna suas armas muito mais poderosas que as nossas. A materialização é potente demais, nenhum de nós deve enfrentá-lo.”

O discípulo desapareceu no ar e, antes que os outros pudessem fugir, Marc acabou com eles, suas armas já destruídas em centelhas azuis.

Ao final, Marc olhou para as dezenas de corpos amontoados sem muita emoção ou qualquer remorso, até que olhou para o canto da sala e percebeu que um dos corpos estirados era de um menino bem jovem, uma criança. Ele se lembrou do filho que estava para nascer e começou a tremer.

“As ondas estão instáveis, aumenta a sedação.”

Marc sentiu algo gelado em seu braço, como se sua veia estivesse congelando e algo se espalhasse por todo seu corpo, anestesiando-o aos poucos, até cair de joelhos e apagar.



Fred ficou assustado quando viu Marc estirado sobre o chão da sala da casa, e correu em sua direção para tentar despertá-lo, em vão. Havia um rastro de sangue sobre o mármore travertino. Avaliou rapidamente o amigo e per-

cebeu que, a despeito da mancha abundante de sangue, não havia ferimento grave, era apenas um sangramento nasal.

Curiosamente, seu amigo respirava de forma serena e contínua.

Passado o susto, resolveu seguir as marcas de sangue no piso até chegar na escada que levava ao porão. Sabia que aquela casa era muito estranha, mas a curiosidade pulsava. Olhou para os lados, desceu lentamente os degraus, abriu a porta e, quando ia avançar para a sala escura, foi surpreendido.

“O que você está fazendo?”

Fred tomou um susto e, quando olhou para trás, Teresa estava atrás dele. Ela mantinha uma expressão distante e apática, apesar de questioná-lo.

Essa foi a primeira vez que ele pôde vê-la de perto, já que a mulher estava sempre caminhando na praia. Fred ficou impressionado ao ver seu rosto. Ela era magra, até bonita, mas parecia vazia e sem vida.

“Que bom que a senhora chegou. O seu marido está machucado, me ajude a levá-lo para o hospital.”

Lágrimas começaram a brotar de seus olhos, mas esta foi a única reação de Teresa.

“Por que a senhora não responde? Precisamos de ajuda, tem alguém nesse porão, dá para buscar ajuda por aqui?”

Teresa virou as costas e subiu para o seu quarto, Fred foi ficando irritado e a segurou.

“A senhora tem de fazer alguma coisa, a senhora está esperando um filho dele, não está? Aliás, cadê a sua barriga? E esse feijão que não cresce? Eu preciso saber o que está acontecendo.”

Enquanto Fred falava, Teresa olhava para ele, um olhar triste e sofrido como de alguém que pedia ajuda.

Angustiado, Fred voltou para a sala, olhou para Marc deitado e vagorosamente foi indo embora, como se estivesse acordando de um sonho ruim. Sabia que aquilo não estava certo e que não era natural, e foi andando pela areia pensando em como poderia ajudar aquelas pessoas tão tristes.



A relação entre Theo e a comunidade já não era mais a mesma, ele se sentia outra pessoa. Pequenas coisas sem importância, como tomar banho nu no rio, brincar com as crianças ou até entrar nas casas das pessoas e participar das suas vidas agora já eram parte do seu dia a dia.

Picún estava sempre grudado em seu colo, os pezi-nhos e o bumbum já não estavam mais infestados de tun-gas, assim como de outros índios que iam sendo atendi-dos pelo novo amigo que a comunidade ganhou. Cada um ia tendo sua enfermidade amenizada, e ele mesmo, por sua vez, vagorosamente ia se sentindo cada vez me-lhor, à medida em que entendia e aceitava a sabedoria daquele povo.

Nem tudo estava perfeito na aldeia, o terreno conti-nuava contaminado de lixo, os cachorros continuavam fa-zendo cocô onde não deviam e as crianças continuavam sendo crianças, mas, mesmo assim, Theo estava em paz, porque entendeu que não estava lá para fazer com que os indígenas vivessem como ele. O encontro entre as cultu-ras podia ajudar a resolver alguns problemas deles, mas o oposto também era verdade. Ele estava ali para dar e receber, fazia o seu melhor e isso bastava.

Naquela manhã, estava voltando do rio para sua sala quando foi surpreendido por um cachorro que correu em sua direção e começou a fazer festa em cima dele, logo seguido por um grupo de índios jovens, três homens pintados que seguravam arcos, flechas e facas em suas mãos.

“Yá, para com isso.”

O cachorro se afastou, mas continuou correndo em círculos e saltitando sobre os homens, aparentemente entusiasmado com as armas que eles carregavam.

“Theo, vamos caçar?”

O índio estendeu um arco para ele que, honrado, abriu um grande sorriso e agradeceu. O antigo moleque que chegara ali teria pensado nos perigos que uma caçada representa, e provavelmente até negado o convite. O Theo que estava ali, porém, era outro, semelhante aos homens do clã, não só pela pele morena já resistente ao sol, mas também pela coragem que parecia crescer com sua barba.

“Vai ser uma caçada longa, um clã vizinho vai vir nos visitar e precisamos ter carne suficiente para todos.”

“Legal!”

“Pega tua rede.”

“E o que mais?”

“Não precisa de mais nada, já estamos levando todo o resto.”

Correu para pegar o mínimo necessário, avisou Fernanda e Osmarina e voltou rapidamente.

O grupo, animado, entrou na mata e Theo tentava acompanhá-los, andando o mais rápido que conseguia, mas logo ia sendo deixado para trás, eles pareciam desenhados para se locomover na mata. Mais baixos e atarracados que eram, se locomoviam tão rápido e tão focados que pareciam não enxergar mais nada a não ser o obje-

tivo à frente. Muitas vezes Theo se via atrasado, apenas na companhia de Yá. Preocupado, acelerava o passo e tentava alcançá-los novamente, mas a trilha era cheia de obstáculos, troncos e raízes e ele tinha dificuldade para atravessá-los. Ofegante, após vencer alguns arbustos, ele não viu mais seus guias e seu coração disparou, desesperado por não saber a direção que deveria seguir.

Olhou para um lado, olhou para o outro, e nada. Tentou ouvir o barulho dos índios, mas eles caminhavam como se vestissem pantufas nos pés e tudo o que conseguia ouvir eram os cantos dos pássaros e dos inúmeros bichos que pareciam se esconder, prestes a atacá-lo. Yá apenas o encarava parado, esperando ele dar o primeiro passo para o seguir, mas Theo permanecia imóvel.

Depois de alguns segundos de hesitação, começou a andar de novo em direção a um mato amassado que parecia ter sido o caminho por onde seguiram seus companheiros de caçada. Foi prestando muita atenção nos detalhes, em cada árvore e pedra do percurso, assim poderia voltar caso precisasse. Após menos de um minuto de caminhada, encontrou uma grande castanheira caída na floresta, uma árvore enorme que parecia um dinossauro abatido e que ao cair derrubara diversas outras árvores ao redor, criando um obstáculo enorme que bloqueava o caminho da floresta. Theo percebeu que eles não teriam conseguido seguir por ali e resolveu voltar.

“Vamos, Yá!”

Com dificuldade, Theo conseguiu voltar ao local que imaginava ter sido o último seguido pelos colegas, mas mesmo assim sabia que estava em uma enrascada.

Apesar de assustado e ansioso, ele resolveu se acalmar, e se lembrou de quando começou a se envolver com esse universo e a se preparar para ir para a floresta amazô-

nica. Se recordou das histórias que ouviu sobre pessoas que se perderam na mata e acabaram mortas de fome no “deserto verde”, mas não quis ser tomado por esse pessimismo e afastou esses pensamentos.

Temeroso com o que poderia acontecer, teve a ideia de se utilizar da navegação para conseguir ajuda. Rapidamente se conectou ao mare nostrum, e logo estava com os colegas caçadores. Eles já haviam notado sua ausência e estavam discutindo o que fazer para encontrá-lo.

“Ele é da cidade, não conseguirá chegar aqui sozinho, você sabe que tem até parente que cresceu aqui e não se localiza no mato.”

“Mas se a gente voltar não vai achar ele, os caminhos se multiplicam, é impossível.”

“Vamos esperar um pouco, os caminhos afunilam por causa da montanha, ele vai ter que passar por aqui.”

Apesar de tentar repetidas vezes, Theo não conseguiu se comunicar com eles. Entretanto, teve a ideia de tentar aprender a se localizar no mato e seguir uma trilha utilizando-se das memórias e dos conhecimentos dos seus colegas de caçada. Poderia dar certo.

Se concentrou em Puru, o mais velho deles e, vasculhando suas memórias, encontrou lembranças antigas de quando ele estava aprendendo a se virar na floresta, ensinado por um ancião, muito provavelmente seu avô.

“Só um índio muito experiente consegue se achar na floresta, ninguém conhece a mata toda. Para andar na floresta pensamos em referências e onde queremos chegar, o caminho é feito pela soma de pequenos trechos ligando estas referências, o que se leva uma vida para aprender. Apesar de parecer rica em água e alimentos, aqueles que não conhecem os segredos de como sobreviver no mato sofrem horrores quando perdidos nas entranhas da flo-

resta. É realmente muito difícil caçar e pescar nesse mato, os animais são raros e muito bem camuflados. Obter frutas ou vegetais comestíveis também não é fácil, as árvores são muito altas por conta da competição pela luz do sol, o que leva as frutas para dezenas de metros de altura sobre a floresta, acima da possibilidade de servir como refeição. O chão também não ajuda, é coberto de folhas em constante estado de decomposição e, com a umidade, se torna uma grande matéria orgânica, um ambiente perfeito para fungos, bactérias e insetos.”

Theo percebeu que não aprenderia a sobreviver na floresta simplesmente investigando as memórias de Puru, leva-se uma vida para se adaptar à força e ao poder da natureza.

Assim que saiu de seu transe, foi tomado por uma rara melancolia e um vazio, sentou-se em um tronco olhando para a floresta sem saber o que fazer.

“É Yá, a gente se deu mal.”

Respirou fundo e enxergou a beleza do ponto que havia parado. De toda a floresta amazônica, ele acabou se perdendo em um lugar lindo, a luz do sol filtrada pelas folhas criava um efeito incrível quando se projetava na umidade que a floresta devolve para o ar. Theo pensou em como era sortudo por estar ali.

Olhou para o cachorro que teimava em babar na perna dele e se levantou em um pulo. Finalmente, se sentiu parte daquilo tudo, não era um estranho na floresta.

“Yá, vamos embora, me leva até eles, vamos!”

O cachorro entendeu o que Theo queria e saiu em disparada. Depois de um bom trecho correndo pelo mato, Theo viu muito à frente o grupo de índios, seus colegas de caçada, avançando pela floresta.

“Ei, me espera!”

Seu grito foi tão forte quanto sua angústia. Um deles virou na direção de Theo e, assim que o viu, gritou para os outros, que olharam para Theo em festa.

“Pô, cara, vocês foram rápidos demais.”

Retomaram a marcha, mas desta vez um pouco mais devagar, até que finalmente chegaram onde queriam: um descampado, junto a um tranquilo igarapé. Tomaram banho de rio, beberam água e descansaram da jornada até ali.

“Theo, vamos nos dividir. Eles vão entrar na mata com o Yá e você fica aqui comigo.”

Theo e Jaci se abaixaram entre umas pedras, com a atenção voltada à água plácida do pequeno riacho. Theo não compreendeu muito bem...

“O que estamos fazendo?”

Jaci o olhou feio, pedindo para se calar. Ele continuou ali, imóvel, sem mexer um dedo por horas que se passaram. Agoniado, teve de virar estátua, a despeito do impulso de se livrar dos mosquitos que se aproveitavam deles. Finalmente, ouviram um barulho de algo se mexendo por ali. Theo virou e viu uma paca se aproximando vagarosamente, sem perceber a presença dos caçadores. É um animal muito arisco e assustado, mas, após alguns segundos de indecisão, começou a beber água. Jaci então rapidamente pegou a flecha, posicionou-a no arco e, antes mesmo que o bicho pudesse reagir, o matou.

O índio se levantou e comemorou cantando um grito de guerra.

Jaci ensinou Theo a carnear o animal. Naquele mundo, quase tudo é consumido, mas tem que ser retirado, lavado e tratado para que não estrague. Pois, com o calor, os insetos e a umidade, tudo apodrece em um minuto.

“Quando eles chegarem vamos fazer uma fogueira para muquiar esta carne e as outras que eles vão trazer do mato?”

Theo não fazia ideia do que era muquiar.

“A gente faz um fogueira e posiciona um suporte de madeira, mas tem que ser feito de varas verdes para que não se queime. Aí fazemos a fumaça da fogueira passar pela carne, ele seca e fica saborosa, com um pouco de gosto do fumo da madeira, assim ela dura mais.”

Este processo de defumar a carne encantou Theo. Como estas comunidades foram adquirindo tanta sabedoria? Era muito interessante ver como eles resolviam os diversos problemas e de forma simples.

Jaci rapidamente montou uma pequena estrutura de madeira que conseguia suportar o peso da paca e ainda sobrava espaço, e em mais um minuto estava montando sua rede em duas árvores próximas do igarapé. Deitou para descansar enquanto aguardava a chegada dos outros caçadores, mas, vendo a dificuldade de Theo em montar sua rede, levantou e o ajudou na tarefa. Montar a rede nas vigas do telhado já não é fácil, mas entre árvores é bem pior.

Eles descansaram por um bom tempo, até que foram acordados pelos latidos de Yá, que veio correndo da mata. Atrás dele, os outros dois caçadores carregavam nos ombros três varas de madeira envolvendo um jabuti vivo amarrado com cipós e, na mão de um deles, um tatu.

Eles chegaram, descansaram a caça na terra e cantaram juntos o mesmo grito de antes.

Jaci juntou mais alguns pedaços de madeira para começar uma fogueira. Escolheu uma lenha especial que produzia muita fumaça, para que o processo de muquiar fosse mais rápido. Theo ficou curioso sobre como tudo

iria acontecer, já havia assistido alguns seriados na tv e sabia que levava horas para fazer fogo apenas com pedras. O índio pegou um isqueiro de sua sacola, pôs fogo em um pedaço de palha que conseguiu em um coqueiro ali ao lado e logo a fogueira se acendeu.

Eles assaram e comeram uma parte do tatu, mas deixaram a maior parte para ser defumada com a paca. O jabuti, coitado, estava vivo e seria transportado assim até em casa.

Depois de comer, ficaram contando histórias de caçadas e aventuras em volta da fogueira, até que foram dormir.

No dia seguinte, logo após o sol nascer, Theo foi acordado por Puru.

“Hoje você vai entrar na mata comigo.”

Theo tomou um banho no rio para despertar e entrou na mata com Puru e Yá. O cão era o grande condutor da caçada, corria disposto pela mata e eles apenas o seguiam. Até que Yá parou, e Theo viu que ele tentava desesperadamente entrar em um grande buraco no chão, provavelmente a toca de algum bicho.

“Muito bem, Yá.”

Puru tirou o cachorro da toca e ele mesmo colocou a mão no buraco, tentando achar o animal que ali habitava. Após várias tentativas, conseguiu puxar pelo rabo um enorme tatu e eles comemoraram a caçada.

“Boa, esse é dos grandes! Agora vamos voltar, deixamos várias armadilhas pela mata, vamos ver se pegamos alguma coisa.”

Passaram por três armadilhas, buracos um pouco rasos na terra e, dentro deles, dois grandes jabutis tentavam em vão escapar da enrascada em que estavam.

Puru ensinou Theo a amarrar os jabutis vivos na estrutura de madeira, e eles retornaram para o acampamento carregando quase vinte quilos nas costas. Theo ficou exausto, a caçada havia levado muitas horas e já era tarde quando eles retornaram para o acampamento. Comeram a carne que havia sido assada no dia anterior e se prepararam para voltar, felizes com o que conseguiram caçar.

Já estava escurecendo, e Theo estava exausto, não estava acostumado a tanto esforço físico. Já era difícil correr para acompanhá-los, e à noite ficou ainda mais.

“Não podemos esperar amanhecer? Não estou conseguindo ver direito.”

“Não dá. Está todo mundo esperando a gente, o clã chega amanhã cedo.”

“Mas é lua cheia, está tudo claro.”

Por várias vezes, Theo pediu para que parassem. A volta estava bem mais difícil, ele estava cansado e ainda tinha sua cota de peso para ajudar a levar.

Até que, em um certo ponto, eles pararam. Mas Theo não chegou nem a ficar feliz, porque logo percebeu que havia algo errado.

Os homens assumiram posição de alerta, com as armas em punho em um círculo, um de costas para o outro. Theo foi logo puxado para o centro.

“O que está acontecendo?”

“Tem uma onça rodeando a gente.”

Theo olhou para os lados e não viu nada.

“Tem certeza? Eu não tô ouvindo nada.”

“A onça não se deixa ouvir. Mas ela está aqui.”

Os homens ficaram em posição de defesa, prontos para repelir qualquer ataque, e o tempo foi passando. Theo nunca havia vivido algo parecido. Ficaram na mesma posição durante boa parte da noite, por horas. De repente, Yá começou a rosnar e latir, e entrou na mata além da visão dos caçadores. Para desespero de Theo, ouviu-se então um som seco como uma rebatida de um taco de beisebol, um ganido do cão seguido de um silêncio desesperador.

Todos abaixaram a cabeça com uma expressão fúnebre, brancos, e Theo não acreditava que tinha acabado de perder seu novo amigo. E ainda, o que seria dele? Não queria virar comida de onça, lembrou de seu pai, de sua faculdade, de seus amigos, e pensou se ainda conseguiria vê-los novamente.

A carne de Yá possivelmente satisfez o jaguar, já que após alguns minutos os índios foram relaxando, desfizeram a formação de defesa e se prepararam para continuar andando.

“Ela foi embora. Podemos ir agora.”

Eles seguiram o caminho de volta e chegaram na aldeia com o dia já raiando. Deram a caça para as mulheres e pegaram algumas frutas para comer, sentando-se para descansar. Theo estava intrigado com o que viu na mata e, apesar do cansaço, puxou conversa.

“Por que vocês não fizeram um rodízio de guarda para conseguirem descansar durante a noite? Não dava para apenas alguns fazerem a formação de defesa enquanto os outros dormiam?”

“Theo, a gente caça junto desde muito jovens. Desde sempre um protege as costas e a vida do outro. A gente aprendeu que o problema de cada um se reflete no pro-

blema do outro, e só quando nos unimos conseguimos enfrentar qualquer coisa, até mesmo uma onça. Em grupo somos muito mais fortes.”

Theo imediatamente pensou em sua vida e se deu conta de que estava sozinho. Sem ninguém para proteger suas costas e ninguém que precisasse da ajuda dele para se proteger, sentiu uma profunda solidão.



“Como Theo estaria se saindo?”

A ideia de enviar o rapaz para a Amazônia para descobrir suas origens não era nova, seu pai já planejava isso há muito. Parece que Alcântara até hoje ouvia o velho amigo dizendo:

“Quando este menino crescer vamos mandá-lo fazer um estágio lá na floresta. Nada como um pouco de natureza e isolamento para moldar o caráter de alguém... difícil é ele querer voltar.”

E ria enquanto expirava a fumaça do cigarro.

Mas as coisas acabaram acontecendo rápido demais. O grande distúrbio de energia que Theo provoca no Mare Nostrum o transformava em um alvo perfeito, e vários navegantes vinham morrendo de forma suspeita.

“Mande ele para mim, aqui na comunidade eu vou ensinar o nosso jeito de navegar. Acompanhei cada passo dele, e agora já está na hora de nos conhecer.

Tenho certeza de que ficará protegido aqui na floresta.”



Quando Theo entrou na cozinha, Osmarina cantava uma melodia que ele parecia já conhecer e, animada, colocava em cumbucas a sopa que havia preparado.

“Hoje também tem jantar especial?”

“Acertou, rapaz esperto.”

“Vai ter aquele ritual de novo?”

“Isso mesmo. E eu não vou poder ficar de conversa porque a xamã está esperando o jantar. Até mais tarde.”

Desanimado por saber que não poderia participar da festa, Theo foi para o quarto deitar na rede e esperar a noite passar, quando Fernanda entrou toda pintada.

“O que você está fazendo?”

“Ué, esperando o dia amanhecer.”

“Levanta, Theo, já está quase na hora.”

“Na hora do quê, Fernanda?”

“Theo, a xamã te convidou pro ritual!”

“É sério? Eu vou poder participar?”

“Claro né, Theo. Eu iria brincar com uma coisa dessas?”

“Ué, mas o que eu fiz pra ela mudar de ideia?”

“Você fez mais do que imagina, o mundo não é branco e preto, Theo.”

Theo não entendeu, mas mesmo assim ficou super empolgado com o convite. Vestiu seus colares, um deles com uma medalha que tinha sido de seu pai, e se dirigiu para a casa do guerreiro com Fernanda.

“Onde a gente está indo?”

“Na casa da Naiara.”

“A mãe do Picún?”

“Isso mesmo.”

No caminho, eles passaram pelas casas e Theo viu diversas mulheres pintando os homens e seus filhos. Picún veio correndo assim que viu Theo e ele pegou o menino no colo.

“Theo, essa é a Naiara, a mãe do Picún.”

A índia veio na direção de Theo, que estendeu a mão para cumprimentá-la, mas ela o abraçou.

“É assim que vocês brancos mostram que se gostam, né?”

“É, sim”, Theo riu.

“Meu menino gosta muito de você, doutor. Obrigada por cuidar dele.”

Theo colocou o menino no chão e ele saiu correndo para brincar com as outras crianças.

“Theo, a Naiara vai te pintar.”

“Me pintar? Mas pra quê, Fernanda? Eu não sou índio, não quero ser pintado.”

“Escuta, você foi convidado para a festa deles! Em Roma, como os romanos.”

“Ok, ok. Tá, tudo bem.”

Naiara pegou a tinta de jenipapo e foi enfeitando toda a pele de Theo, até cobri-la completamente de desenhos.

“Fernanda, o que acontece nesse ritual, hein?”

“Eu não posso falar, mas é uma piração. E quer saber? Mesmo se eu explicasse, você não ia entender. Mas fica tranquilo que logo logo você vai saber.”

Para finalizar a preparação de Theo, Naiara amarrou em seus tornozelos um chocalho feito de sementes.

“Tá pronto.”

“Tô bonito, Fernanda?”

“Tá lindo!”

“Tira uma foto?”

Theo calibrou sua câmera, ergueu as costas e posou. Ficou impressionado quando viu sua imagem no pequeno monitor do equipamento, era um homem completamente diferente do que conhecia.

“Uau. Tô bonito, mesmo.”

Eles foram para a Casa do Guerreiro. Os indígenas se aproximavam e batiam em suas costas.

“Que bom que você vai estar conosco hoje.”

O acolhimento dos índios fez Theo se sentir à vontade. Entrou na grande oca e viu que alguns deles estavam em pé, em roda, de olhos fechados, e uma mulher estava sentada em um canto, coberta pela sombra, provavelmente era a xamã.

Ela logo se levantou e Theo pôde vê-la melhor, com o corpo todo pintado e um belo cocar de penas sobre os cabelos acinzentados. Sem ser capaz de dizer sua idade, viu que ainda era bonita, mas o sol e a vida cobram seu preço e sua face era marcada pelos maus-tratos da floresta. A pele enrugada enquadrava os olhos curvos como arcos, fortes e decididos como dos que comandam. Theo não conseguia parar de admirá-la, surpreendendo-se ao sentir a força desta mulher antes que ela sequer abrisse a boca.

O ritual começou e os índios começaram a dançar. Theo os observava e tentava acompanhar seus passos. Eles batiam tacos de madeira adornados no chão de terra e pisavam firmes, chacoalhando as sementes presas em seus pés. A xamã pronunciava algumas palavras e todos repetiam a melodia que ela cantava, acompanhados por algumas índias que tiravam suaves notas de suas flautas.

Theo logo aprendeu os passos e a música, e em pouco tempo dançava e cantava como eles. Era incrível como aquele som o acalmava e arrepiava cada pelo do seu

corpo. O ritual se repetiu durante horas, mas ele não percebia o tempo passar. Era como se cada palavra e cada passo renovasse suas energias, e ele ia se sentindo cada vez mais forte.

Quando parecia estar em outra dimensão, a música parou. Todos gritaram, pararam onde estavam e deram as mãos, menos a xamã, que permanecia em pé no centro deles, como a grande maestrina do espetáculo. Theo estava tão encantado com tudo que não conseguiu ver bem o gesto que eles fizeram. De repente, diversas imagens e vozes começaram a sair dela, eram índios caçando, crianças brincando, animais voando, gerações e mais gerações que viveram na tribo e pareciam desfilar diante dos olhos deles.

“Theo, feche os olhos. Venha comungar conosco.”

Aquela voz era familiar para Theo. Ele abriu os olhos e, mesmo vendo a xamã de olhos fechados, sabia que era ela que falava, por meio de uma conexão de mentes diferente de tudo o que ele já havia visto. Ele então fechou os olhos e, pela primeira vez desde que aprendeu a navegar, não teve de se concentrar, mas foi puxado para a conexão, como se estivesse sendo sugado por uma grande força para uma grande comunhão de mentes.

Ele sentiu como se a barreira que o separava dos outros e lhe conferia individualidade tivesse sido derrubada e agora ele não era um, mas fazia parte de um clã, um grande grupo de pessoas. Diferente de quando tentaram entrar em sua mente no *mare nostrum*, ali não ficou com medo nem vontade de se proteger. Pelo contrário, porque aquela música e aquelas pessoas faziam com que ele se sentisse acolhido, como uma criança sendo envolvida pelo colo de sua mãe.

Diversos índios passavam em sua frente, e Theo conseguia ver tudo à respeito deles, seu passado e seu presente, seus acertos e seus erros, tudo. Theo sabia que também estava inteiramente exposto, mas não sentiu vergonha. Viu que cada um tinha suas limitações, afetos, lutas, arrependimentos, essencialmente parecidos com os seus, ainda que pertencessem a outro clã.

Entre paisagens e memórias, Theo avistou a xamã em meio a imagens diversas e se aproximou, encantado por sua beleza e muito ansioso para conhecê-la. Quando a alcançou, foi conduzido para outro lugar e se viu sozinho em meio à mata, um lugar tranquilo onde a luz do sol atravessava as árvores e desenhava sombras sobre as águas que repousavam na margem do rio.

Aquele lugar parecia familiar para Theo, e sentiu um forte aperto no seu peito. Tentou respirar fundo e calmamente, até que o aperto se transformou em um calor acolhedor que se espalhou pelo seu corpo. Então viu adiante a xamã mais jovem, em pé em um barco, remando sobre as águas, seu ventre claramente carregando um bebê. Ela encostou na margem, desceu e foi se aproximando de Theo, ficando mais velha à medida que andava e voltando a ser quem ele havia conhecido inicialmente no ritual.

“Theo, meu menino. Você cresceu tão rápido, virou um grande guerreiro.”

“O que você quer dizer?”

“Venha, Theo, entre no barco comigo, vamos navegar um pouco.”

Ele sentiu seu corpo sendo levado para o barco e foi colocado sentado na canoa em frente à xamã. A embarcação começou a navegar pelo rio e entrou em estreitos fios de água margeados por árvores que se fechavam como um túnel.

“Eu quero te dar um presente, Theo. Eu, Kokayjho, sou sua mãe, e vou te oferecer minha história com teu pai.”

O barco avançou, a passagem sob as árvores foi ficando cada vez mais escura até que Theo se viu em terra firme. Tinha sido levado para sua aldeia em menos de um segundo, mas havia algo errado, o tempo não era o mesmo, era como se estivesse em um filme.

Theo caminhou em meio às casas e viu um grupo de homens brancos chegando do rio. No meio deles estava seu pai, jovem, forte, muito diferente do homem deitado na cama com o qual Theo convivera na maior parte de sua vida. Escondida atrás da fresta de uma porta, alguém parecia observar a chegada dos homens. Era uma linda índia, com os mesmos olhos arqueados que conhecera e cabelos tão lisos e negros quanto as águas do rio Negro.

“Essa sou eu, Theo. Eu me apaixonei pelo seu pai no mesmo instante em que o vi.”

“Meu pai também veio para cá? A obra que ele fez na floresta era aqui?”

“Ele veio ajudar o governo na construção da barragem, quando era jovem.”

Theo então foi levado para outro lugar. Era uma plantação, onde algumas índias aravam a terra e, no meio delas, estava Kokayjho. Ela trocava olhares com o pai de Theo, que caminhava disfarçadamente perto do limite da horta. Logo, porém, uma índia já idosa a chamou.

“Essa é a minha mãe, sua avó. Ela jamais aceitou o meu envolvimento com um homem branco.”

Theo quis chegar mais perto de seu pai, e se emocionou ao perceber o quanto seu jeito de passar a mão no cabelo quando estava disfarçando era parecido com o dele. Ele então foi levado para diversas cenas em que viu seus

pais se admirando, sempre tentando se aproximar um do outro, até que foi para um dia em que o pai de Theo conseguiu falar com Kokayjho. Os índios estavam ocupados com seus afazeres e ninguém percebeu o contato entre os dois.

“Eu vou te visitar no seu sonho, Kokayjho, hoje à noite”, disse.

“Essa foi a primeira vez que conseguimos conversar, Theo.”

Tudo ficou escuro e, de repente, Theo estava em uma cena embaçada. Passou a mão nos olhos para clarear a visão, mas tudo continuava turvo. Ele então percebeu que estava em um sonho dentro de um sonho, era o encontro que seu pai havia marcado com Kokayjho.

Sob a neblina um pouco adiante, ela nadava sozinha no rio, e seu pai foi chegando por debaixo d’água, emergindo a certa distância para não assustá-la. Quando o viu, ela deixou com que se aproximasse, eles se olharam e ele acariciou seus cabelos.

“Você é a mulher mais linda que eu já vi.”

Ele se aproximou para beijá-la, mas ela impediu.

“Homem branco, não posso me envolver com você. Eu pertenço à floresta.”

Kokayjho rapidamente se transformou em um boto cor-de-rosa, e desapareceu sob as águas do rio, seguida pelo pai de Theo que não pensou duas vezes e se transformou em um boto maior, prateado sob a luz do sol. Nessa caçada, eles nadavam com a ajuda das correntes, davam piruetas, o boto macho fazendo de tudo para conquistar a atenção da botinha rosa, em uma complicada dança de amor. Quando o boto persistente finalmente conseguiu encurralar a botinha em um remanso, ela se transformou

em uma borboleta colorida e sobrevoou levemente o rio no que parecia um sofisticado balé.

Sem hesitar, o boto se transformou em uma borboleta e seguiu a coreografia, até que a viu se aproximando de um enorme grupo de borboletas, muito semelhantes a ela. Ela tentava se misturar e se camuflar às outras, no entanto seu bailado era peculiar e o pai de Theo não a perdeu de vista nem por um instante.

Quando o grupo se dispersou, Kokayjho voou disfarçadamente e pousou sobre uma fruta madura caída no chão para se alimentar, até que sentiu ao seu lado a outra borboleta, com as asas tingidas de fortes cores. Assim que ele tentou se aproximar, Kokayjho se lançou no ar, ele atrás dela, até que a suave dança das borboletas se transformou em um bater de asas.

O que começou com um voo suave foi criando força e vigor até que, na forma de harpias, eles se lançaram furiosos sobre as copas das árvores da floresta, desviando abruptamente de galhos e obstáculos em uma velocidade tão estonteante quanto o desejo deles, subindo até as nuvens, pairando sobre a floresta, onde finalmente entrelaçaram suas garras em um abraço mortal. Aceitando o risco do amor proibido, aproveitaram alguns poucos momentos de contato e intimidade enquanto caíam em direção à floresta para no último segundo se desvencilharem e, em um arco ascendente, evitarem a queda mortal no duro chão da floresta.

Finalmente estavam gente novamente, deitados na relva, nus e ofegantes, apenas com suas mãos suavemente dadas em um lugar onde o silêncio reinava e nem o canto dos pássaros conseguia chegar.

A paisagem perfeita parecia um jardim secreto, vitórias régias descansavam sobre as calmas águas, acompa-

nhadas de ninfeias brancas, amarelas, azuis, vermelhas, enfeitando cada canto do rio. O céu foi escurecendo e, com ele, as pétalas das flores foram se fechando, e eles não se importavam mais com nada além do outro ao seu lado.

Theo ainda estava tonto com tudo o que havia assistido quando sua mente foi levada de volta ao barco. Ele e sua mãe foram lentamente saindo do túnel de árvores até voltarem ao ritual. Theo olhou para o lado e viu que os índios, vencidos pela exaustão, dormiam deitados sobre o chão de terra.

O dia começou a amanhecer, eles foram gradativamente acordando e aos poucos saindo da Casa do Guerreiro em direção ao rio. Theo sentia-se leve e, seguindo os mesmos passos dos índios, deu longos mergulhos no rio, seus braços se movendo com força a favor da correnteza, sentindo a água acariciar cada parte do seu corpo. Ao emergir, respirou fundo, sentindo-se diferente, calmo, como se acabasse de renascer.

Será que realmente teria encontrado seu passado ali, tão distante de si mesmo?



Theo passou várias horas olhando o minucioso trabalho de tecer balaies. Praticamente todas as mulheres da comunidade estavam ali, o período de colheita e tingimento da palha do tucumanzeiro já havia acabado e agora a última parte do processo para produção das cestas estava sendo feita.

Ele ainda estava tomado pela emoção que sentiu no ritual da noite anterior, não sabia avaliar se estava vivendo uma fantasia ou se realmente encontrara sua mãe. Claro, queria fazer muitas perguntas sobre o seu próprio passado, mas por algum motivo ficou passivo, esperando que ela se manifestasse.

Finalmente, no final da manhã, Theo recebeu o recado de Kokayjho para ir visitá-la. Ao vê-la, percebeu instintivamente que estava diante de sua mãe de verdade, que toda a experiência vivida no ritual do dia anterior fora real. Mas como isso poderia ser?

Assim que entrou em sua casa, estranhando a simplicidade da morada da chefe espiritual do grupo, ele se manteve em pé, lívido, visivelmente desconfortável com a situação.

“Senta.”

Theo se acomodou na pontinha de tronco de madeira, e ela lhe entregou um pequeno embrulho de folhas de bananeira.

“O que é isso?”

“Pé-de-moleque.”

Theo sempre detestou amendoim e murchou por sua própria mãe conhecê-lo tão pouco. Provavelmente sua cara o traiu:

“O pé-de-moleque do índio é feito com mandioca. Você vai gostar.”

Ele abriu o pacote, deu uma mordida e se surpreendeu com o que parecia um pequeno pão doce com castanhas do Pará. Ela então lhe trouxe um pouco de água fresca e se sentou ao seu lado.

“Eu te chamei para contar mais da minha história com seu pai. E da tua também.”

Theo não sabia se queria saber mais sobre a vida dos seus pais como homem e mulher. A alegoria que presenciou no mundo dos sonhos já foi difícil de acompanhar, mas não podia resistir à curiosidade.

“O que aconteceu depois dos encontros nos sonhos?”

“Nós éramos muito felizes lá, Theo, e nos apaixonamos profundamente, mas era pouco, especialmente para ele. Eu era um pouco mais resignada, morria de medo de sua avó. Seu pai achava que viver o nosso amor aqui, um amor real, seria muito mais verdadeiro, mesmo que estivéssemos sujeitos a contrariedades e livres da perfeição do mundo dos sonhos. Ele costumava dizer que o lugar de comunhão, que ele e você chamam de mare nostrum, deveria ser apenas uma ferramenta, e não um fim em si mesmo.”

Theo sentiu seu peito apertar ao ouvir uma frase tão bonita vindo de seu pai.

“E ele tinha razão, Theo. Quando começamos a nos encontrar de verdade, nosso amor começou a crescer, mesmo que sempre precisássemos nos esconder dos meus pais. Nós nos encontrávamos sempre no mesmo lugar, que seu pai chamou de Paranã Tipi. Significa “rio profundo” em nheengatu, era nosso refúgio onde ninguém conseguia nos encontrar. Você quer conhecê-lo?”

“Como assim, onde é?”

“Venha comigo.”

Kokayjho saiu da palhoça e entrou na mata fechada que ficava logo atrás da casa. Eles caminharam durante um tempo e, após pulos e desvios em meio às plantas que impediam a passagem, chegaram a uma trilha.

“Estamos quase chegando.”

De repente, a trilha terminou e Theo viu um delicado braço de rio, o sol formando traços em meio às folhagens das plantas que pareciam ter sido cuidadosamente selecionadas pela natureza. Era um lugar muito familiar para ele, mas não conseguia lembrar de onde o conhecia. Do outro lado do rio, havia algo, um pequeno clarão na margem.

“Venha.”

Kokayjho mergulhou no rio em direção ao local. Theo a seguiu e, ao se aproximar, viu uma rede muito velha presa entre duas árvores, praticamente desfeita pelo tempo.

“Era aqui que eu me encontrava com teu pai. Ele descobriu esse lugar, adorava desbravar e andar pelo mato, e nós passávamos horas juntos, ninguém conseguia nos encontrar aqui.”

Theo olhou em volta, tentando se lembrar de onde conhecia aquele lugar, até que foi surpreendido por sua mãe que mergulhou no rio desaparecendo sob a água por longos segundos. Não conseguia parar de repetir:

“Paranã Tipi”

Finalmente, a viu ressurgir com um punhado de barro verde na mão. Ela esculpiu um pássaro e colocou para secar sobre uma pedra.

“Daqui a alguns dias ficará com a cor mais escura e duro como uma argila.”

Theo começou a se sentir estranho com este déjà-vu: ali era seu igarapé. Aliás, agora não era mais seu igarapé, era antes de tudo o igarapé deles. Ele então se deu conta de que aquele lugar, onde seus pais se encontravam, era para onde sua mente sempre o levava quando queria repousar.

“Esse sempre foi meu lugar favorito, Theo, era para cá que eu vinha quando estava grávida de você.”

Finalmente as coisas começaram a fazer algum sentido: por que aquele lugar que nem conhecia era tão especial, e por que para navegar ele instintivamente focava nos ruídos cardíacos. Afinal, enquanto estivera no ventre de sua mãe, os sons do coração dela eram muito fortes para o bebê, e assim, ouvindo estes sons, ele navegou pela primeiras vezes na vida, ainda que inconscientemente.

“Foi por isso que o Alcântara me mandou para cá? Ele queria que eu me encontrasse com você?”

“Theo, ele te mandou para cá para que você se reencontrasse consigo mesmo. O Alcântara e teu pai são grandes amigos e fizeram promessas do que fariam se algo acontecesse ao outro.”

Enquanto caminhavam de volta para casa, ela continuou.

“Você tem muita força mental, Theo, e se tornou um grande navegador, mas todo este poder de uma só vez não estava te fazendo bem. Decisões erradas em momentos importantes podem interferir na vida de uma pessoa de forma definitiva. Então nós decidimos que já estava na hora de você conhecer sua história.”

Theo pensou em responder que não tinha tomado decisões erradas, mas se lembrou da prova final da faculdade, e de como estava se focando em relações superficiais. Calou-se.

Eles retornaram para casa em silêncio e, apesar de ainda muito emocionado, viu que tinha mais. Ela abriu a tampa de um cesto guardado ao lado da rede onde dormia.

“Venha ver, Theo.”

Quando ele se aproximou, viu artefatos antigos e que pareciam cuidadosamente limpos, entre eles arcos, flechas, um binóculo e uma chupeta. Theo ficou emocionado, mais ainda quando viu um porta-retrato. Ao pegá-lo para ver melhor, não conseguiu conter as lágrimas diante do retrato de seu pai ao lado de sua mãe, ela com um bebê no colo.

“Essa é você? Em São Paulo?”

“Sim, Theo, e esse é você. Sente-se um pouco.”

Theo se acomodou na rede e Kokayjho se sentou em um tronco ao seu lado.

“Tudo estava bem na aldeia, eu e teu pai continuávamos nos encontrando escondido e ninguém desconfiava de nada. Até que você começou a crescer na minha barriga, dia após dia, e eu não conseguia mais esconder a nossa história dos meus pais.”

“Mas por que eles eram contra o amor de vocês? Que grande mal ele poderia causar?”

“Theo, eu vou te mostrar. Feche os olhos e relaxe, vamos navegar juntos.”

Ele ainda estava nervoso e desconfortável em navegar com sua própria mãe, tudo era muito novo e estranho. Mas fechou os olhos e foi mais fácil e simples do que parecia. Logo, estavam juntos, e a mente de Theo foi levada a uma antiga memória de Kokayjho.



Theo olhou em volta e percebeu que eles estavam na Casa do Guerreiro. Era de noite, e os rostos cansados de duas índias estavam iluminados pelo fogo das velas.

“Essa sou eu, Theo, eu tinha acabado de passar pelo ritual da menina-moça e minha mãe me chamou para conversarmos.”

Theo viu uma linda adolescente, o rosto e o corpo ainda imaturos, mas os olhos já tão imponentes quanto os da mulher que ele conhecia. Ela segurava um instrumento indígena enquanto olhava séria para sua mãe.

“Kokayjho, minha filha, guarde bem o que eu vou te falar. Tudo o que eu te ensinei ao longo desses anos tem um motivo, as lições não foram por acaso. Pessoas como nós temos um papel muito importante, filha, eu não sou só a voz do nosso povo, mas eu tenho o dever de conectar nosso clã ao mundo dos sonhos.”

“Como assim?”

“Sem nos conectarmos, pouco a pouco as pessoas de nossa comunidade iriam perder a razão, as pessoas seriam apenas mentes isoladas, e não é possível viver assim. Um dia, minha filha, eu não vou estar mais aqui, e alguém terá de assumir o meu lugar. Você é essa pessoa.”

Kokayjho ficou preocupada, e sua mãe já adivinhava o porquê. A menina era curiosa e ambiciosa, sempre se interessou pela vida fora da aldeia.

“Eu? Tudo bem, mãe, se você achar que eu devo. Mas por que eu? São tantas as mulheres fortes na nossa tribo...”

“Porque não são todos que nascem com esse dom, Kokayjho, pelo contrário, ele vem para poucos. E desde pequena esse poder se manifestou em você, você foi escolhida.”

“Mas e eu? Eu não tenho direito de escolher?”

“Todos nós somos livres e podemos escolher, Kokayjho, mas parece que nenhuma outra criança do nosso

clã tem esse dom, só você. A decisão é sua, você pode ignorar o seu dom, mas lembre-se, tudo tem um preço.

“O que você quer dizer?”

“A sobrevivência de todo nosso povo pode depender de você.”

Aquelas palavras assustaram a jovem mulher, e sua mãe pareceu adivinhar seu medo.

“Não se preocupe, minha filha, eu ainda sou muito jovem e vou viver muito. Mas pense com calma, e nas suas reflexões lembre-se de que a nossa vida tem sempre um propósito. Pode ser difícil viver regido por obrigações, mas é um caminho recompensado por grandes alegrias.”

A jovem ficou em silêncio, elas se olharam durante um tempo e a cena desapareceu diante de Theo.



Kokayjho estava com uma expressão triste quando eles retornaram para a casa dela, e Theo percebeu que aquela história ainda mexia muito com ela.

“O que aconteceu quando a tribo descobriu a sua gravidez?”

“Ninguém falou nada, Theo, apenas minha mãe sabia o que o destino tinha preparado para mim. Mas ela nunca me obrigou a nada, sempre me deixou muito livre pra tomar as minhas decisões. Dizia que estava moldando uma líder.”

Kokayjho sorriu ao se lembrar da sabedoria e fortaleza da mãe.

“Eu estava de sete meses quando a construção chegou ao fim. Teu pai insistiu muito que partíssemos juntos para a cidade. Ele tinha que voltar para o destino que seus avós tinham definido para ele.”

“E você foi? Eu achei que tinha sido abandonado logo depois que nasci.”

“Eu fui, Theo, porque não queria afastar você do teu pai, mas logo que eu vi a cidade pela janela do avião percebi que as coisas poderiam dar errado. Lá tudo é muito grande, como posso explicar? Aqui tudo que pode me atingir ou me interessar está perto de mim, mas lá eu me sentia sem balizamento, sem limites. Era muito difícil fisicamente, parecia que eu ia sufocar.”

Theo achou engraçado como ele, apesar de não ter crescido no mato, se sentia exatamente assim em meio aos tantos prédios de São Paulo.

“Eu estava muito infeliz lá, Theo, mas apesar de tudo isso, não conseguia nem imaginar ficar longe de você, e por isso estava abrindo mão do meu futuro, do destino que me foi reservado, pra ficar com vocês. Mas o destino não se dá por vencido tão facilmente, nós temos bem menos controle sobre a nossa vida que gostaríamos de ter e admitir. Um dia, quando você tinha seis meses, minha mãe morreu. Foi um choque porque ela não dava sinais de que estava doente. Você sabe o que significa quando uma xamã morre sem ter um sucessor?”

Theo pensou um pouco antes de responder.

“Não tenho ideia.”

“Você percebeu que não consegue se conectar com o mundo distante? Com seus amigos, por exemplo?”

Theo ficou incomodado ao pensar que não tinha amigos para sentir saudades, mas aguentou firme.

“O Alcântara me explicou que eu poderia ter dificuldades, por ser uma região pouco povoada.”

“É para isso que eu existo, Theo. Um xamã é uma antena, eu conecto a nossa comunidade com o seu mare nostrum, os nossos rituais são justamente para isto.”

“Então sem você... o que aconteceria?”

“Theo, dizem que aqueles que ficam isolados do lugar de comunhão acabam perdendo o juízo. Já soubemos de clãs inteiros que acabaram desaparecendo.”

Theo estava com a vista turva pelas lágrimas que estavam quase brotando de seus olhos.

“Então você não tinha escolha?”

“Eu tinha que voltar para cá, do contrário condenaria toda minha comunidade. Tenho muita pena quando penso que minha mãe não estava em paz quando morreu. Ela colocava muita esperança em mim, mas não pôde saber que eu voltaria para cuidar de tudo.”

Seu rosto se transformou, mudou de cor e as lágrimas começaram a brotar mais fortes.

“Me lembro como se fosse ontem do dia em que dei você de presente para o seu pai e fui embora. Foi o dia mais triste da minha vida. Me perdoa, meu filho.”

Quando o abraço entre eles foi perdendo a força, Theo foi colocando a cabeça no lugar e encontrou uma paz que não conhecia. Ele finalmente percebeu que não havia sofrido nenhuma injustiça e que, ele próprio, se estivesse no lugar de sua mãe, teria tomado essa mesma decisão.

“Vocês nunca mais se encontraram?”

Ela não respondeu. E apesar de haver muito mais a contar e a ouvir, eles se calaram e ficaram em silêncio por um longo tempo, contemplando as sombras se alongando no chão irregular do terreno em frente à maloca. Depois daquele dia, o silêncio entre eles não os incomodaria mais.



Uma japonesa alta entrou no Bar do Xerife e se sentou perto da mesa onde eles estavam, o que fez com que Mauro, pela primeira vez desde que Theo havia viajado, pronunciasse o nome dele na mesa com os amigos.

“Por onde será que anda o Theo?”

“Deve estar cortando o estômago de algum índio.”

“Que horror, Carlos!”

Eles riram e Mayara continuou com a cara de nojo que sempre fazia quando alguém insistia de falar sobre coisas nojentas durante a refeição. Dani preferiu ficar quieta, mas não segurou o riso quando Carlos começou a imitar o jeito com que Theo abaixava a cabeça para fazer algum procedimento médico.

“Até que aquele playboy faz falta. Lembra quando a gente pegou o carro da tua mãe escondido, Mayara?”

“Como eu ia esquecer?”

“Aquela festa foi muito maneira.”

“Foi demais mesmo, mas foi foda bater o carro da sua mãe.”

“A culpa foi daquele folgado, ele não é dono da rua.”

“É, mas se não fosse pelo Theo, eu tava ferrada. Ele que assumiu a culpa toda, e ainda disse pra minha mãe que a ideia de pegar o carro tinha sido dele.”

“Você tem falado com ele, Mauro?”, Dani perguntou, como quem não queria nada.

“Nunca mais. Ele viajou e nem falou nada. Mas deve estar tudo bem, sempre está...”



“E meu pai? Me conta do meu pai?”

“Ele foi um homem muito especial, Theo.”

Ao ver o brilho nos olhos de sua mãe e o sorriso que abriu ao falar dele, Theo percebeu o quanto ela ainda o amava.

“Por que vocês se afastaram? Ele poderia ter ido com você para a Amazônia! Ou pelo menos me levado para te visitar às vezes...”

Kokayjho percebeu que Theo ainda se ressentia pelo que havia acontecido.

“Você nasceu no meio de uma crise sem precedentes no mare nostrum, Theo, eram tempos muito difíceis. Todo mundo queria navegar, havia dezenas, centenas de navegadores. Alunos e aprendizes floresciam o tempo todo.”

“Mas isso é maravilhoso!”

“Seria, se não tivéssemos tantos ataques. Perto da época em que você nasceu, muitas pessoas não iniciadas tomaram conhecimento do que significa a navegação. Não se sabe muito bem como isso aconteceu, mas o controle das informações disponíveis era apetitoso demais para ser desprezado. Afinal, controlar essas informações poderia promover muito poder e dinheiro, motivos mais que comuns para iniciar uma guerra. E foi o que ocorreu. As grandes potências criaram seus próprios grupos de navegantes que identificavam oscilações de ondas cerebrais no mare nostrum para encontrar inimigos. Atacavam em grupo, e vários mestres foram sendo mortos sem nenhuma explicação. Seu pai não tinha escolha, ele não podia simplesmente virar as costas para aquela situação. Ele precisou navegar o tempo todo para ajudar as pessoas. Nessa época foram criados os métodos de proteção no mare nostrum, os mesmos que usamos até hoje: as gaiolas fechadas usadas em treinamentos, as técnicas de

autocontrole dos navegadores para que suas ondas não tenham turbulências. O seu pai ajudou a criar todos eles, ele era um grande líder.”

“Líder? Como assim líder?”

“Seu pai foi um grande mestre, Theo, um dos melhores. Ele veio de uma linhagem de grandes navegadores e tinha muita energia mental, mas não era só isso. Ele também não parava de dar aulas, queria que o maior número possível de pessoas pudesse ter acesso ao mare nostrum.”

Mais uma vez Theo percebeu os olhos de Kokayjho brilharem ao falar de seu pai.

“No final, os mesmos mercenários criados para limpar o mare nostrum dos navegantes, proteger as informações e defender os interesses das grandes potências foram aqueles que mais usavam as informações para si mesmos e causavam mais transtornos. O tiro saiu pela culatra, Theo, afinal os chefões foram entendendo o erro que haviam cometido e o programa de mercenários foi sendo abandonado. Talvez tenham encontrado outra forma de interferir no mar, porque uma nova onda de mortes tem acontecido recentemente. Seu pai faz muita falta, Theo. A liderança dele naquela época foi importantíssima para manter o equilíbrio entre as forças. Ele foi um grande mestre.”

Theo olhou para a sua própria tatuagem ainda incompleta no braço e percebeu que as coisas ainda não se encaixavam muito bem.

“Espera um pouco. Se meu pai foi um mestre, ele teria uma tatuagem!”

Kokayjho se surpreendeu com a rapidez do raciocínio de seu filho e voltou a falar.

“Um dia ele teve...”

“Como assim?”

”Ele apagou a tatuagem dele, Theo.”

”Mas por que ele faria uma coisa dessas?”

”Ele ficou com muita raiva do mundo dos sonhos. Nesses tempos negros, muitos bons navegantes foram sendo mortos, um por um, e ele foi ficando cada vez mais infeliz. Tudo o que ele queria era ficar em paz com você e tentar fazer com que fôssemos uma família. Mesmo que nos víssemos pouco, ele tinha planos de me visitar. Mas esses planos nunca se concretizaram, porque ele teve de passar o tempo todo navegando para proteger o mare nostrum. Ele ficou com tanta raiva que achou que era tudo culpa do nosso dom, e começou a chamá-lo de marca, maldição. Foi então que ele resolveu apagar a tatuagem com laser.”

Pela primeira vez, Theo conheceu um lado de seu pai que jamais havia imaginado.

”Mas não pense que ele fez por mal, Theo, ele fez isso por você.”

”Como assim?”

”Ele não queria que você soubesse que ele era um navegador para não te dar o mesmo fardo. Ele preferiu te dar de presente a liberdade, a possibilidade de escolher o seu futuro. Você se tornou um navegador porque você quis, Theo, e não apenas por ser nosso filho.”

Theo se lembrou do dia em que Cristine o procurou no svo e tudo foi começando a fazer sentido.

”Foi você quem deu cada passo da sua descoberta, você traçou o seu caminho sozinho.”

Falava isto enquanto esticava a pele e olhava a tatuagem do filho, nostálgica. Theo ficou em silêncio, e Kokayjho percebeu que estava na hora dele saber de tudo.

“Se eu soubesse que o dia em que voltei para a Amazônia seria o último em que nos veríamos, bem... Eu já estava contando os dias para reencontrar seu pai, mas aí veio aquele ataque e nós nunca mais pudemos nos reencontrar direito...”

“Ataque, que ataque?”

“O teu pai também foi atingido no mare nostrum, Theo. Ele estava dando aula quando um grande grupo de inimigos chegou. Ele mandou todos os alunos irem embora, mas alguns teimaram em ficar. Seu pai era muito forte. Mesmo estando em franca minoria, só foi subjugado porque teve que desviar sua energia para defender seus discípulos.”

“Não é possível! Meu pai teve um AVC, eu mesmo vi os exames!”

“Ele teve sim uma lesão no sistema límbico do cérebro, Theo, mas porque o inimigo o atingiu de propósito no córtex cerebral para que ele nunca mais pudesse sonhar nem ensinar ninguém. Ele o deixou isolado dentro de sua própria mente, como se estivesse preso em uma represa que não consegue se conectar com o mar. Eu suspeito que ele tenha uma pequena regeneração e consiga se conectar um pouco, como um pássaro de asas quebradas.”

Theo ficou em silêncio, abaixou a cabeça e chorou muito. Kokayjho se levantou e balançou a rede por um longo período, até que Theo foi fechando os olhos e adormeceu.



“Opa, tô chegando...”

Fred entrou na grande casa envidraçada animado. Fazia tempo que estava esperando encontrar seu amigo, queria tirar a má impressão do último encontro.

“Tem alguém aí?”

Ele não encontrou ninguém e, como se fosse da casa, subiu para procurar por Marc. A porta da biblioteca estava fechada e, ao fundo, tocava o mesmo som de piano que ele escutou na primeira vez que entrou ali, uma das melodias mais bonitas que já havia ouvido em toda sua vida. Entrou sem bater e o encontrou deitado no divã.

“Oi, doutor! Que bom que o senhor está melhor!”

Marc tomou um susto e ficou furioso. Como alguém ousava interromper seu ritual de recomposição mental? Estava ali há dias, mas não havia se dado conta, a música apenas começou tocar e ele, como sempre, se dirigiu ao divã e ali ficou. Se levantou bravo, pronto para brigar com Fred, mas foi desarmado pelo sorriso e pela postura relaxada do faxineiro.

“O que deseja?”, perguntou, já de costas para não expor seu sorriso.

“Eu achei que gostaria de uma visita, conversar, passar o tempo, sabe?”

Ainda forçando uma feição reticente, Marc convidou Fred a se sentar.

Rapidamente este estava esparramado em uma poltrona contando longamente causos e piadas que viveu, e Marc experimentava sensações de que já nem se lembrava mais. Uma alegria percorreu toda sua mente e até seu corpo parecia funcionar melhor.

Ficou surpreso com as emoções daquele dia, há muito tempo seus encontros com um ser humano se limitavam apenas a Teresa, Senhor D. e os inimigos que matava em poucos segundos em suas missões.

“Doutor, o senhor disse que trabalha para defender segredos. O senhor sempre trabalhou com isso?”

Marc assinou um contrato com o Senhor D., e sabia que não podia contar do seu trabalho para ninguém a não ser sua esposa, caso contrário seria morto. Fred, porém, lhe passava confiança, e ele sentiu que poderia contar a verdade para o amigo, sabia que ele não lhe faria mal.

“Sabe, Fred, eu sempre sonhei em ser um agente da Central de Inteligência. Hoje eu não trabalho exatamente lá, mas eu ajudo o nosso país de outra forma.”

“Que legal, doutor. E o que o senhor faz?”

“Eu trabalho para uma outra agência que ajuda a Central, defendendo nosso país de terroristas, inimigos que querem descobrir segredos e acabar com a proteção da nossa terra.”

“Pô, que legal. Eu nem sabia que tinha gente trabalhando nisso. Deve ser melhor que trabalhar nessa tal de Central de Inteligência, né?”

“Pra falar a verdade, eu queria mesmo era trabalhar na Central. Mas não deu certo.”

“É mesmo?”

“É, Fred. Eu fiquei muito tempo tentando ser aprovado, sem sucesso, a minha vida tava uma merda completa. Finalmente, um dia, eu recebi um telefonema, dizendo que fui chamado para um teste.”

“E aí?”

“E aí que eu tive muito azar... o avaliador era um filho da puta que não foi com a minha cara, e por isso me reprovou.”

Marc ficou transtornado só de se lembrar daquele dia e se levantou com raiva, deu um chute no sofá, até que voltou a sentar.

“Mas isso acontece, né? Eu mesmo já fiquei uns dois anos procurando emprego, já tomei muito ‘não’ na cara.”

“Mas não foi só isso, Fred. Eu tava muito transtornado quando saí da entrevista, muito nervoso. Eu tava com a minha mulher no carro, ela estava grávida, mas eu não ouvia nada. Até que eu bati o carro, foi um acidente inevitável, e fomos parar no hospital, eu e ela. Sabe o que é pior, Fred? Eu sei que eu sou um fracassado, no fundo eu sei que tudo foi culpa minha, a nossa vida, eu ter perdido a vaga na Central...”

“Não pensa assim, não, doutor. Se não o senhor vai enlouquecer.”

“Mas é a verdade. Depois do acidente eu apaguei, mas quando acordei eu conheci um cara, o assistente do meu chefe. Ele me ofereceu esse emprego, esse lugar para morar. Mas é tudo muito estranho aqui, essa casa, minha mulher tá grávida e meu filho não nasce, algumas coisas aqui não têm sentido.”

Fred achava que estava começando a entender o que estava acontecendo. Seus pensamentos o levaram para longe, aqueles dois pacientes sozinhos na UTI... será que era isso mesmo que ele estava imaginando, ou estava ficando louco?

De repente, seus pensamentos foram interrompidos por gritos e uma máquina que apitava sem parar. Fred abriu os olhos e viu que estava de volta ao armário de vassouras no corredor que levava à UTI.

Assim que saiu do armário, ouviu a discussão na sala da diretoria:

“O que é isso, Jonas? Dê um jeito nessa máquina imediatamente!”

Era a voz do Senhor D., furioso.

“Tem alguma coisa errada, Senhor. O sistema está funcionando, ele só dispara quando há comportamentos inesperados. A frequência dele saiu do padrão, as ondas se tornaram orgânicas.”

“Como pode ser, idiota? O que você fez com ele?”

“Não fiz nada, Senhor, ele está em casa. O estímulo e a música são os mesmos de sempre. Acho que o corpo dele está reagindo, mas como?”

Fred não sabia exatamente o que estava acontecendo, mas suspeitava que tinha a ver com ele. Procurou fazer seu trabalho quieto, fingindo limpar o corredor enquanto tentava ouvir a conversa. Ele não podia ser descoberto, ainda mais agora que ficou amigo de Marc. Começou a suar só de imaginar o que aqueles homens poderiam fazer caso suspeitassem que ele, um pobre faxineiro, andava visitando a “arma secreta” deles nos últimos meses.



Mais um dia terminava, e Theo havia passado o tempo todo atendendo os índios, desde manhã cedo. Ficava feliz em atender, era justamente o que lhe dava prazer, ainda mais agora que os índios confiavam nele e podia ajudar pelo menos um pouco aquelas pessoas.

Estava voltando do banho no rio e foi para seu quarto para deitar um pouco na rede quando Fernanda entrou para descansar.

“E aí, Theo? Trabalhou muito hoje?”

“Bastante, foi muito legal.”

“Como você tá diferente, Theo. Parece que está em casa, mesmo. Viu, posso comer teu chocolate? Tá ficando seco, tá velho já.”

“Pega aí.”

Fernanda pegou o doce olhando para Theo, meio desconfiada.

“Nossa, você mudou mesmo.”

Vagarosamente foi e deitou na rede junto com ele, virada do lado oposto, e ficaram olhando um para o outro.

“To pensando em furar minha orelha, Fernanda. Você fura pra mim?”

Ela olhou para ele e riu.

“Furo. Vamos lá.”

Eles foram para o consultório de Theo e ele separou um fio de sutura esterilizado. Fernanda achou exagero este cuidado todo para evitar uma infecção, mas não quis criar caso e furou a orelha de Theo com a agulha. Seguindo sua orientação, fez um nó com o fio para manter o buraco aberto.

“Vai virando o fio, cuidado só com o nózinho. Com o tempo o buraco cicatriza.”

“Você já sabe que brinco vai colocar?”

“O espeto de tirar os bichos de pé do Picun. Vou ficar igual a uma índia.”

Theo olhou para Fernanda e deu um sorriso divertido. Ela riu e teve a certeza de que ele não estava só mudado, mas também marcado para sempre com a cultura daquele lugar.

“Eu estava pensando...”

“Fala, Fê.”

“Está muito quente hoje, vamos nadar?”

“Agora?”

“Não, mais tarde... à noite.”

Theo sorriu.



Theo estava morrendo de sono, mas não queria deixar sua mãe esperando.

“Me chamou?”

“Chamei, Theo. Sente-se.”

Ela estava recolhida, com uma expressão preocupada.

“Aconteceu alguma coisa, mãe?”

Kokayjho se enterneceu ao ouvi-lo chamar de mãe, mesmo seu coração estando apertado com a notícia que havia recebido.

“Theo, sei que não vai ser fácil pra você. Você vai ter de ser forte. Aconteceu uma coisa muito ruim, o Alcântara foi atacado no mare nostrum.”

“Mas ele está bem? Deixa eu ligar pra ele!”

Theo já estava saindo quando Kokayjho o impediu.

“Theo, espera. Não dá, ele já se foi...”

Ele não acreditou no que acabara de ouvir, como era possível? Tinha conversado com seu mestre há algumas semanas e estava tudo bem. Se soubesse que seria a última conversa, teria falado tantas coisas. Theo se sentou, perplexo, baixou a cabeça e começou a chorar. Sua mãe o abraçou por trás de seus ombros e ficou em silêncio.

“Eu vou fazer um chá para você.”

Tomou o chá, e o líquido quente trouxe um aconchego. Ela se sentou em sua frente, até se acalmar.

“O que aconteceu? Você sabe como foi?”

“A notícia já se espalhou pelo mare nostrum. Foi aquele homem terrível, que tem muito poder, é impossível enfrentá-lo sozinho.”

“Ele estava vestido de preto, parecendo uma máquina?”

“É ele mesmo, Theo.”

“Ele já tentou me pegar!”

“Recebemos informações, agora ele está mais forte do que nunca.”

“Não acredito! Quem é esse homem? Eu preciso fazer alguma coisa, alguém precisa parar essa coisa!”

“É impossível, Theo. Ele é muito forte, ninguém nunca conseguiu. Já houve outros que quiseram patruilhar o mare nostrum, mas este, este é especial. Há anos ele vem matando os mestres mais poderosos que já existiram.”

“Mas como é possível?”

“As batalhas no mare nostrum são razoavelmente simples, tudo é uma questão de força da onda mental, concentração e foco. Este cara tem uma força artificial, por isso ninguém pode com ele. Seu pai suspeitava que um aparelho, como um amplificador de ondas sonoras, poderia ser usado para amplificar ondas mentais.”

Parou por um segundo:

“Theo, escuta, você também está correndo perigo. É melhor você não voltar para São Paulo, porque ele vai te achar quando você navegar. Fique aqui, ele não vai te encontrar na Amazônia, nós estamos protegidos nessa tribo.”

“Ficar aqui? Para sempre? Não dá! Eu preciso voltar para casa, terminar minha faculdade. E meu pai? É a minha vida, eu não quero largar tudo.”

“Mas você pode reconstruí-la aqui, podemos trazer seu pai de volta. Não vai te faltar nada, Theo, nós podemos oferecer tudo o que você precisa.”

Por alguns segundos Theo tentou se imaginar largando sua casa, a ideia de trabalhar em um hospital, a residência médica... e seus amigos? Andava distante deles, é verdade, mas se lembrou de Mauro, Carlos, Mayara, Letícia, até de Dani, não queria se afastar para sempre.

Sabia também que não seria bom para seu pai deixar o conforto de sua casa e toda a assistência que recebia. Não, não seria possível, lá era o lugar dele e ele teria que voltar.

“Não, eu não posso, mãe. Você já viveu fora do seu mundo, você sabe como é. Eu não posso ficar aqui para sempre, eu não sou daqui. Eu não sou índio, mãe.”

As palavras de Theo fizeram com que Kokayjho se lembrasse de quando teve de deixá-lo para voltar para a aldeia, e ela se emocionou. Enxugou as lágrimas rapidamente e apertou os lábios, preocupada com o que poderia acontecer com ele.

“Tudo bem, meu filho. Mas então eu vou ter de te preparar.”

“Como, o que você está pensando?”

“Eu vou te ensinar algumas técnicas para você se proteger. Mas não hoje, outro dia. Agora vamos para a Casa do Guerreiro, eu vou convocar todos para o ritual do silêncio em honra do Alcântara.”



A cerimônia do silêncio foi diferente de tudo o que Theo já havia visto. Os índios fizeram uma roda e a xamã cantou uma breve melodia que foi repetida em um loop por vários minutos, de tal forma que o som foi criando forma em sua mente e ocupando seu cérebro, se expandindo até expulsar outros pensamentos. Acabou, assim, meditando sobre o que havia significado a vida do seu mestre.

Theo levou um susto quando a xamã os despertou do transe, marcando o final daquela parte da cerimônia, e lentamente foi formada uma roda com todos os presentes, que começaram a cantar e dançar freneticamente. Quando acabou a cerimônia, todos foram tomar banho no rio e Theo os acompanhou.

Durante os dias que se seguiram a cerimônia, Theo ficou pensando em tudo o que aconteceu, tentando entender o significado de cada passagem do ritual indígena.

Ele estava atendendo em seu consultório quando recebeu o recado de que sua mãe o chamou, ela estava em sua casa o esperando.

“Oi, mãe.”

Ela o abraçou com força.

“Como você está, Theo?”

“Estou melhor, o ritual me fez bem.”

“Sempre fazemos essa cerimônia quando morre alguém do nosso clã ou uma pessoa muito próxima.”

“Quando você falou ‘cerimônia do silêncio’, não imaginei que terminaria com uma dança.”

“Esse é um ritual muito antigo, Theo, foi criado pelos nossos antepassados há muito tempo, não sabemos exatamente quando. Tudo tem um significado ali, o canto melódico é para lembrarmos das boas ações de quem se foi, porque o que fazemos de bom é o que deixamos nesse mundo. O silêncio é o que nos permite filtrar as vozes externas para abrir as portas da própria consciência e ouvir a voz interior, a que realmente importa. No ritual, o silêncio faz com que cada um se recorde do significado individual que aquela pessoa teve na sua vida e como ela ficará guardada dentro de você.”

“E a dança?”

A alegria daqueles índios e a energia com que eles dançavam diante da morte estava intrigando Theo.

“Nós dançamos para comemorar a partida, Theo, porque aquele que se foi agora está bem junto do sagrado e isso é motivo de festa. Ainda que a gente sinta tristeza e saudades, acreditamos que quem partiu está bem, em comunhão com o mundo. Então nós dançamos!”

Theo não entendia como, mas aquelas palavras e tudo o que aconteceu naquele ritual realmente o ajudaram a ficar bem diante da morte de seu mestre. Ele estava triste, mas era como se a força da dança daqueles índios tivesse lhe dado esperança.

“Theo, essa é apenas uma das sabedorias do nosso povo, eu vou te ensinar muito mais. Você se lembra do ritual que você participou, de conjunção de mentes?”

“Claro, foi uma coisa muito diferente.”

“São poucas as pessoas que conseguem conjugar as mentes como você me viu fazendo. Essa capacidade garante que nossa comunidade possa sobreviver conectada com o mundo, comunidades sem um xamã definham e morrem, as pessoas enlouquecem. Eu nasci com este dom, não é uma escolha.”

“Como você descobriu esse dom?”

“Eu descobri isso quando tinha 11 anos, estava em casa com minha família e de repente todos começaram a falar sobre o mesmo assunto. Eu não entendi por que isso tinha acontecido, mas minha mãe era xamã na época e logo percebeu que eu tinha derrubado as barreiras da mente e unido todos em um só pensamento.”

“Eu tenho a impressão que isso já aconteceu comigo algumas vezes! Antes de me tornar navegador!”

Kokayjho deu um sorriso pelo que acabara de saber.

“Isso é um dom, Theo, um grande presente! Mas custou muito caro para mim.”

Theo não estava para grandes devaneios hoje, não suportaria uma grande conversa sobre qualquer coisa porque, inconscientemente, queria evitar a conversa emocional sobre a separação entre eles e acabou se focando em algo prático.

“E eu tenho esse dom?”

“Parece que sim, Theo, mas não acredito que você tenha compreendido plenamente o que isso significa. É uma coisa muito poderosa, tenha muito cuidado e não brinque com isso, esse dom não está em você para te dar vantagens pessoais. Eu sei muito bem como foi que o Alcântara conseguiu te mandar para cá.”

Ele fingiu que não entendeu.

“E quando for necessário, o que eu devo fazer?”

“Cada um tem a sua própria maneira de derrubar as paredes das mentes, Theo, é uma senha muito pessoal. Você vai ter de descobrir a sua.”



O tempo de Theo na comunidade estava quase chegando ao fim e ele tentava aproveitar o máximo para conviver com os índios e principalmente com sua mãe.

Todos os dias, depois de atender seus pacientes, ele se encontrava com Kokayjho em sua casa, ondes conversavam durante horas sobre a sabedoria indígena, as histórias da Amazônia e os ensinamentos milenares que foram sendo transmitidos de geração para geração. Sem que ele percebesse, sua mãe foi aprimorando os ensinamentos que ele havia aprendido com seu mestre na cidade.

“Theo, tudo isso que estou te contando faz parte do seu treinamento. O conhecimento dos antigos vai te ajudar a lidar melhor com os problemas e com suas emoções. Quando você estiver com a mente tranquila, em verdadeira paz, você poderá navegar praticamente como se fosse invisível, porque qualquer turbulência será eliminada de sua mente.”

“Theo, suas necessidades individuais são pouco importantes frente às necessidades da comunidade.”

“De onde você tirou a ideia que o sucesso depende da opinião de outras pessoas? O sucesso é um conceito pessoal.”

A cada dia ele ia aprendendo um pouco mais sobre navegar e sobre o “lugar de comunhão”, como sua mãe chamava o mare nostrum.

Um dia, ele acordou e logo sentiu um clima diferente no ar. Frutas frescas na mesa do café, Osmarina cantando toda alegre na cozinha enquanto preparava os alimentos que seriam servidos no almoço.

Antes do anoitecer, Kokayjho mandou chamar Theo para que ele jantasse com ela, e ao chegar ele viu sua mãe sentada em um tronco preparando a tinta para pintura corporal. Sem falar nada, ela fez sinal para que ele sentasse e começou a pintar sua pele com traços finos e regulares. O padrão era conhecido de Theo após o período em que esteve na comunidade, mas em seu peito, Kokayjho fez um desenho cujo significado ele não entendeu.

“O que é isso?”

“Theo, você está pronto. Hoje você vai entender o meu papel para nosso povo.”

Ao terminar o jantar, eles foram para a Casa do Guerreiro, e Theo se juntou aos índios. Eles começaram a dançar exatamente da mesma forma que o ritual anterior,

a dança progressivamente aumentando até que sua mãe se aproximou dele, segurou suas mãos e olhou em seus olhos. Sem qualquer movimento de seus lábios, Theo entendeu o que ela quis dizer.

“Perceba como as ondas cerebrais vão entrando em consonância, eles estão prontos.”

Apesar de fisicamente estar parada na frente dele, Theo sentiu sua mãe, através de sua mente, se comunicando com os participantes da cerimônia. Diferentemente do primeiro ritual em que havia participado, dessa vez ele conseguiu prestar mais atenção no que estava acontecendo e percebeu o gesto que os índios estavam fazendo. Eles iam se curvando levemente, como se estivessem se reverenciando uns aos outros, o que funcionava como uma senha que derrubava a barreira entre as mentes unia a todos.

Theo percebeu que havia chegado sua vez quando um paciente seu o olhou nos olhos e se curvou. Theo pôde sentir sua sincera gratidão, um sentimento que o encheu de alegria. Até que olhou para o lado e viu sua mãe sorrindo em sua direção, sinalizando o que ele deveria fazer. Theo fez um enorme esforço para dobrar suas costas, mas havia uma enorme força dentro dele que não o deixava, era como se a dor por tudo o que ele havia passado até hoje o impedisse.

De repente, todos os índios começaram a dar as mãos e fizeram uma grande roda em seu redor. Eles então dobraram os joelhos e se curvaram até o chão. Sentindo uma força inexplicável, Theo lentamente caiu sobre seus joelhos e curvou as costas lentamente até sua testa tocar o chão em um movimento suave e indolor, mas poderoso. De olhos fechados, honrando sua mãe, vieram a sua mente imagens dela e de seu pai, assim como de seus

amigos e pessoas que ele nem reconhecia, mas que sabia que faziam parte de sua vida de alguma forma. Não havia mais julgamentos ou rancor, tudo o que ele sentia era um profundo sentimento de gratidão e amor.

“Theo, você conseguiu. O segredo da nossa união é a gratidão, e você precisava me perdoar para reconhecer que eu te dei tudo o que eu pude, perdoar o mundo pelas curvas que sua vida fez e principalmente se perdoar pelas suas imperfeições e aceitar quem você realmente é”, ouviu em sua mente. “Nada mais te separa de mim e do nosso povo, agora somos todos um.”

Claramente, ela tinha razão: ele já estava unido a todos os índios e totalmente tomado pela energia do ritual. Percebendo que a força de todos extrapolava em muito a força de cada um somada, sentia que aquela união potencializava a energia de todos. Olhando para o lado, ele levou um choque porque percebeu que cada um dos índios era grato de alguma forma a quem estava ao seu lado, seja por ter ganhado um peixe de seu vizinho ou simplesmente por dividirem a mesma terra.



Theo quis aproveitar ao máximo seu último dia na aldeia. Apesar do cansaço devido ao ritual da noite anterior, ele estava cheio de energia e foi logo para o consultório dar as últimas instruções aos pacientes com quem não havia conseguido conversar, ensinando como continuar o tratamento em sua ausência.

Fernanda continuaria mais um tempo na aldeia e prometeu cuidar de Picún e sua mãe, o que deixou Theo mais tranquilo. Nos últimos dias a relação deles estava mais próxima do que nunca, havia um certo desespero de viver o máximo que podiam já que sabiam que logo estariam distantes.

Na última noite que passaram juntos, Theo começou a ensaiar um discurso de despedida, mas foi logo interrompido.

“Não estraga tudo sendo machista, Theo. Vivemos o momento de forma plena, você não me deve nada e nem eu a você, quem disse que eu ia querer namorar você se você morasse aqui? Mais uns dias e eu esqueço você. Seu coxinha metido!”

Disse isto de um jeito tão carinhoso que encerrou o assunto. Jamais se esqueceriam.

As malas de Theo já estavam prontas quando ele voltava de seu último mergulho no rio. Sorte ou não, estava vazio quando foi se banhar e pôde pensar com calma em tudo o que aconteceu na viagem, contando apenas com o barulho das águas batendo nas pedras e dos passarinhos cantando escondidos nas árvores.

Colocou sua mochila nas costas e já estava indo para a casa de sua mãe para se despedir quando uma criança veio o chamar. A pequena indiazinha o pegou pela mão e ele deixou-se conduzir até a entrada da aldeia.

Ao chegar perto do barco, Theo encontrou todos os índios da tribo o esperando, pintados como se estivessem esperando por uma grande festa. Eles o abraçaram e lhe deram muitos presentes. Picún saiu do lado de sua mãe e pulou no colo dele quando o viu, ficando grudado durante toda a despedida. Após muitos abraços e algumas lágrimas emocionadas, Theo finalmente foi se despedir

de sua mãe. Sabendo que não seria fácil, eles deram um longo abraço e Theo agradeceu por tudo o que ela fez por ele. Sabiam que ainda se veriam muitas vezes, mas não tinham ideia de quando.

Theo sentiu falta de Fernanda na despedida, e entrou no barco um pouco decepcionado. O prático ligou o motor e eles estavam prontos para ir embora quando ela apareceu correndo com um enorme buquê de plantas na mão, toda suada e feliz por ter conseguido chegar a tempo.

“É um de cada espécie, são plantas que só existem na Amazônia”, disse, tentando respirar. “Eu acabei de colher, vão te dar sorte.”

Ele a agradeceu feliz, eles se abraçaram e o barco já estava saindo quando a ouviu gritar da aldeia.

“Não esquece de pegar sua mala de rodinhas!”

Eles riram e o barco avançou sobre o rio. A viagem de volta foi muito mais agradável que a de ida. O calor já não o incomodava e Theo apreciava a natureza já com saudades do que não iria encontrar em São Paulo. Lembrou-se de que também não encontraria seu mestre e sentiu uma dor de saudade, até que veio a sua memória a imagem dos índios no ritual do silêncio, dançando felizes diante da perda. As palavras de sua mãe ecoaram em sua mente e trouxeram-lhe paz. Ele sabia que tudo que vivera e aprendera estaria vivo dentro dele e desejou apenas ser capaz de utilizar bem toda essa sabedoria.



A casa estava muito bem cuidada, como Theo tinha imaginado. Afinal, a Léa trabalhava para sua família ha-

via muitos anos e ele sabia que poderia deixá-la cuidando de tudo. Theo entrou bem devagar no quarto e seu pai estava deitado na mesma posição de sempre.

“Doutor Theo? Não sabia que o senhor voltaria hoje, a Léa não nos disse nada.”

Francisca, uma das cuidadoras contratadas para ficar com seu pai, estava surpresa por vê-lo ali.

“Onde está a Léa?”

“Ela teve que levar a mãe para fazer exame, vai chegar mais tarde.”

“Francisca, hoje você pode ir embora mais cedo, pode deixar que eu fico com meu pai.”

Theo queria ficar sozinho com seu pai. Sentou ao pé de sua cama e não sabia por onde começar, havia tanto a dizer. Ele então fechou os olhos para navegar e em pouco tempo estava em seu igarapé. Dessa vez, no entanto, a sensação era diferente porque ele sabia todos os significados daquele lugar. Ele viu algo se mexer em uma árvore e avistou o conhecido passarinho azul. Sabendo que era seu pai, também se transformou em um pássaro e voou atrás dele.

Os dois subiram bem alto em direção ao céu e sobrevoaram juntos a Amazônia. Theo observou a rapidez e a agilidade de seu pai e se lembrou de tudo o que sua mãe havia contado sobre ele e seus alunos, o que o encheu de orgulho e lhe deu mais força para voar. Eles passaram pelos conhecidos pontos da aldeia de Kokayjho, brincaram e caçaram junto. Theo sabia que eram apenas imagens que existiam na memória dos dois, pois eles não conseguiriam se conectar com os índios que ali viviam devido ao seu isolamento, mas isso não importava. Ele estava voando com o seu pai e só de poder fazer coisas ao seu lado bastava.

Theo então acordou, olhou para o lado e viu seu pai deitado na cama, parecendo sorrir. Ele sorriu também e o abraçou, chorando muito. O voo que fizeram juntos veio para Theo como uma redenção, ele finalmente percebeu o quanto havia sofrido com a sua paralisia e conseguiu perdoá-lo por sua doença. Durante o abraço dos dois, agradeceu-o por tudo o que tinha feito por ele.

Theo ouviu um barulho na cozinha, levantou e, enxugando as lágrimas, foi correndo encontrar com Léa.

“Ô menino, você já voltou? Nem falou nada?”

Ele a abraçou forte e começou a agradecê-la, lembrando pequenas coisas do passado.

“Que é isso? Não precisa agradecer, não, esse é o meu trabalho, seu Theo.”

“Independente disso, Léa, você faz tudo com muito amor e isso é o que importa, eu tenho muita gratidão a você.”

“Imagina, seu Theo, a coisa mais valiosa que a gente tem na vida são os amigos. Vocês significam muito pra mim.”

Aquela frase veio como um murro na cara de Theo. Onde estavam seus amigos, será que eles ainda o receberiam?

Pegou o celular e ligou para Mauro.

“Theo? É você?”



Theo chegou ao Bar do Xerife, mas não entrou diretamente. Ficou do outro lado da rua olhando os amigos à mesa, com medo de como seria recebido.

Checou as mensagens algumas vezes, mesmo sabendo que não encontraria nada de novo, e então desligou o celular, criou coragem e andou até eles. Carlos foi o primeiro a olhá-lo, mas não o reconheceu.

“Carlos!”

“Theo? É você?”

A cor da pele, a barba e o cabelo comprido o deixaram confuso.

“Pô, não é possível. Se você sempre fosse assim a gente até fundava um partido juntos. O PBSR, Partido dos Barbudos e Sem Rumo.”

Eles riram e Theo sentiu pela primeira vez que Carlos não estava sendo irônico.

Cumprimentou um por um da velha turma com abraços apertados e piadas, até Dani – para quem ele preferiu não fazer piada.

Depois de alguns minutos juntos, quando o silêncio veio, ele percebeu que não seria tão fácil falar, mas sabia que eles esperavam alguma coisa e era responsabilidade dele corresponder.

“Eu sinto muito a falta de vocês, tenho muita gratidão pela nossa amizade. Muita coisa aconteceu, tenho que atualizar vocês, muitas vezes eu nem conseguia perceber o quanto nossa conexão é importante para mim, mas é, é muito importante.”

“Ooohn.”

Mayara achou a frase fofa e foi abraçar Theo, Carlos falou que ele estava muito gay, Mauro deu uns tapinhas camaradas nas suas costas e Dani disfarçou, porque por dentro estava achando tudo aquilo muito bonitinho.

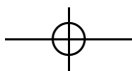
“Atualizar? Vai nos contar sobre a viagem pra Amazônia?”

“Não, vou contar a vocês sobre o mare nostrum, sobre como eu me perdi e me achei, e também sobre como vou mostrar quem vocês podem ser.”

Eles o olharam sem entender nada.

“Alguém aí se lembra o que é uma gaiola de Faraday?”

Apesar de estar com medo, Theo estava pronto para ensiná-los a navegar.



Carta do autor

Para fazer justiça às várias pessoas envolvidas – algumas até citadas –, assim como à maravilhosa e riquíssima diversidade cultural indígena, algumas ressalvas devem ser feitas.

Muitas das situações descritas durante a transformação do Theo em sua experiência em área indígena realmente aconteceram.

Nos últimos 10 anos tenho atuado como cirurgião na OSCIP Expedicionários da Saúde, e, nas idas e vindas em área indígena, algumas destas situações foram vividas por mim, outras por colegas expedicionários, e algumas delas foram inventadas mesmo.

Admito que realmente cogitei limpar a areia quando estive em Surucucu, na fronteira com a Venezuela. Não me conformava em ver crianças com risco de perder os pés por causa de uma infestação com insetos em pleno século XXI. Não tentamos ensinar os cachorros a usar jornal na floresta, mas fizemos curativos com silver tape e Crocs.

Por fim, eu e meus grandes amigos Marcelo Averbach e Fabio “Pinguim” Paganini, após limpar centenas de bichos-de-pé, compreendemos que a doença era social, e merecia uma abordagem que nossa expertise de cirurgões não resolveria. Era necessária uma compreensão mais profunda e global da doença e do doente. Aliás, como sempre deveria ser a medicina.

Graças a Deus nunca tivemos uma situação tão trágica como a fratura exposta narrada no livro, mas toda contextualização bem poderia ter acontecido...

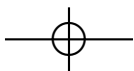
Os costumes e tradições também merecem uma nota.

Os fatos narrados neste livro são pura ficção, não há na rica diversidade cultural do nosso país uma comunidade como a descrita. Ela foi criada como uma colcha de retalhos baseada em minhas experiências em áreas indígenas, muita conversa ao redor de fogueiras e muitos “causos” contados.

Para dar andamento à saga do Theo, criei esta comunidade como uma grande licença poética autoconcedida.

No entanto, as transformações experimentadas pela personagem durante o livro de fato ocorrem.

Posso assegurar que muitas vezes percebi estas mudanças em meus “irmãos de armas” médicos, enfermeiros e voluntários dos Expedicionários da Saúde, durante nossas idas e vindas pelo Brasil. Não quero dizer com isso que precisamos ir para o meio da floresta para encontrar nosso verdadeiro eu. Cada um tem o seu caminho próprio, mas afirmo sem medo de errar que sair de seu cotidiano, abrir mão do conforto e ter uma perspectiva externa de si mesmo faz milagres para o crescimento pessoal e para estabelecer as prioridades na vida. Foi o que aconteceu com o Theo, comigo e com muitos outros Expedicionários. Eu aconselho.



COLEÇÃO HEDRA

1. *Iracema*, Alencar
2. *Don Juan*, Molière
3. *Contos indianos*, Mallarmé
4. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
5. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Pessoa
6. *Triunfos*, Petrarca
7. *A cidade e as serras*, Eça
8. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
9. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
10. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
11. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
12. *Mensagem*, Pessoa
13. *Metamorfoses*, Ovídio
14. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
15. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
16. *Carta sobre a tolerância*, Locke
17. *Discursos ímpios*, Sade
18. *O príncipe*, Maquiavel
19. *Dao De Jing*, Lao Zi
20. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
21. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
22. *Fé e saber*, Hegel
23. *Joana d'Arc*, Michelet
24. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
25. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
26. *Eu acuso!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
27. *Apologia de Galileu*, Campanella
28. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
29. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
30. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
31. *Poemas*, Byron
32. *Sonetos*, Shakespeare
33. *A vida é sonho*, Calderón
34. *Escritos revolucionários*, Malatesta
35. *Sagas*, Strindberg
36. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
37. *O Ateneu*, Raul Pompeia
38. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
39. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
40. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
41. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
42. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
43. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
44. *O gato preto e outros contos*, Poe
45. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
46. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
47. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
48. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
49. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
50. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
51. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
52. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
53. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
54. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro

55. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
56. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
57. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
58. *No coração das trevas*, Conrad
59. *Viagem sentimental*, Sterne
60. *Arcana Cœlestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
61. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
62. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
63. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
64. *Cultura estética e liberdade*, Schiller
65. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
66. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
67. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
68. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
69. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
70. *O chamado de Cthulhu e outros contos*, H.P. Lovecraft
71. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
72. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
73. *Entre camponeses*, Malatesta
74. *O Rabi de Bacherach*, Heine
75. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
76. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
77. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
78. *Hawthorne e seus moscos*, Melville
79. *A metamorfose*, Kafka
80. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
81. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
82. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
83. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
84. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
85. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
86. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
87. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
88. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
89. *Gente de Hemsö*, Strindberg
90. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
91. *Correspondência*, Goethe | Schiller
92. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
93. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
94. *Poemas da cabana montanhesa*, Saigyô
95. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
96. *A volta do parafuso*, Henry James
97. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
98. *Teatro de êxtase*, Pessoa
99. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
100. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
101. *Inferno*, Strindberg
102. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
103. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
104. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
105. *A carteira de meu tio*, Macedo
106. *O desertor*, Silva Alvarenga
107. *Jerusalém*, Blake
108. *As bacantes*, Eurípides
109. *Emília Galotti*, Lessing
110. *Contos húngaros*, Kosztolányi, Karinthy, Csáth e Krúdy
111. *A sombra de Innsmouth*, H.P. Lovecraft

112. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
113. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
114. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
115. *A fábrica de robôs*, Karel Tchépek
116. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. I)*, Schopenhauer
117. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
118. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
119. *Sobre a liberdade*, Mill
120. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
121. *Pequeno-burgueses*, Górkí
122. *Um sussurro nas trevas*, H.P. Lovecraft
123. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
124. *Educação e sociologia*, Durkheim
125. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
126. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamántis
127. *Lisístrata*, Aristófanes
128. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
129. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
130. *A última folha e outros contos*, O. Henry
131. *Romanceiro cigano*, Lorca
132. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
133. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
134. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
135. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal
136. *A cor que caiu do espaço*, H.P. Lovecraft
137. *Odisseia*, Homero
138. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
139. *História da anarquia (vol. 2)*, Max Nettlau
140. *Eu*, Augusto dos Anjos
141. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
142. *Sobre a ética — Parerga e paralipomena (v. II, t. II)*, Schopenhauer
143. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
144. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
145. *A arte da guerra*, Maquiavel
146. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
147. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
148. *Oliver Twist*, Dickens
149. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
150. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont
151. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche
152. *Édipo Rei*, Sófocles
153. *Fedro*, Platão
154. *A conjuração de Catilina*, Salústio

«SÉRIE LARGEPOST»

1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Cadernos: Esperança do mundo*, Albert Camus
3. *Cadernos: A desmedida na medida*, Albert Camus
4. *Cadernos: A guerra começou...*, Albert Camus
5. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
6. *O destino do erudito*, Fichte
7. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain

8. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski

«SÉRIE SEXO»

1. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
2. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
3. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
4. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Stoller
5. *A vênus de quinze anos*, [Swinburne]
6. *Explosão: romance da etnologia*, Hubert Fichte

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrindo o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
8. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros

COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

1. *Dostoiévski e a dialética*, Flávio Ricardo Vassoler
2. *O renascimento do autor*, Caio Gagliardi

Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro em nossas
oficinas, em 11 de abril de 2019, em tipologia Libertine, com
diversos softwares livres, entre eles, Lua^{La}T_EX, git & ruby.
(v. c4081fa)

